



# **O Arroz como Potenciador do Ecoturismo no Baixo Mondego**

**Luís Miguel Cortez Ferreira**

Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção do Grau de  
**Mestre em Ecoturismo**

**Júri:**

Presidente: Doutor Orlando Marcelino de Almeida Simões, Professor adjunto, ESAC

Arguente: Mestre Fernando Jorge de Almeida Casau, Professor adjunto, ESAC

Orientador: Mestre Óscar Crispim Alves Machado, Professor adjunto, ESAC

Coorientador: Doutora Vivina Almeida Carreira, Professora adjunta, ESAC

Coimbra, 2014



# **O Arroz como Potenciador do Ecoturismo no Baixo Mondego**

**Luís Miguel Cortez Ferreira**

Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção do Grau de  
**Mestre em Ecoturismo**

**Júri:**

Presidente: Doutor Orlando Marcelino de Almeida Simões, Professor adjunto, ESAC

Arguente: Mestre Fernando Jorge de Almeida Casau, Professor adjunto, ESAC

Orientador: Mestre Óscar Crispim Alves Machado, Professor adjunto, ESAC

Coorientador: Doutora Vivina Almeida Carreira, Professora adjunta, ESAC

Coimbra, 2014

## **Agradecimentos**

Aos meus orientadores Professor Óscar Crispim Alves Machado e Professora Vivina Almeida Carreira por toda a sua disponibilidade, orientação, ajuda, apoio e simpatia ao longo deste trabalho.

Aos meus pais e minha esposa pelo seu forte apoio, incentivo e compreensão oferecida em momentos de grande ansiedade e *stress* provindos de trabalho excessivo.

A todos os trabalhadores, responsáveis ou proprietários de infraestruturas, espaços e eventos que visitei e contactei ao longo da intensa pesquisa e levantamento de dados necessários para a boa realização deste projeto, obrigado pela vossa atenção, disponibilidade e amabilidade.

Às várias pessoas com quem contactei em busca de conhecimentos e sabedoria um muito obrigado pela vossa generosa transmissão de saber.

Agradeço de forma sincera a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Era no tempo dos teus poetas  
Floriam golfos entre açucenas  
Quando no teu chão carpiam penas  
Jovens amantes entre giestas

Ai, campos rasos de poentes  
Verdes de esperança e de claras águas  
Horizontes recordando mágoas  
Em tardes frias das enchentes

Vai Mondego lesto, vai correndo  
Leva-me preto até ao mar profundo  
Pois se me deixas sozinho neste mundo  
Apressa-te acabar meu sofrimento

Eng.º Luís António Marçal Correia de Oliveira (2013)

## **Resumo**

A região do Baixo Mondego (NUT III) apresenta uma tradição histórica de produzir arroz nos terrenos ladeados pelas águas do Mondego.

Para além do apreciado Arroz Carolino aqui produzido, esta tradição secular gerou ao longo dos anos forte riqueza no que concerne a património cultural, influenciando modos de vida, tradições, festas, gastronomia, indústrias, paisagem, etc.

Atualmente vive-se numa época em que existem cada vez mais turistas que procuram mais do que turismo de massas, valorizando experiências e o contacto com diverso património cultural e natural, característico das diversas regiões, o que faz gerar novas oportunidades turísticas que vêm permitir explorar recursos com potencialidade turística que estiveram até então subaproveitados, como é o caso da orizicultura no Baixo Mondego.

É neste pano de fundo que se inscreve e se justifica o presente trabalho, composto por seis capítulos nos quais é feita a contextualização do tema, a caracterização da região a nível, fisio-geográfico, sociodemográfico e turístico, a apresentação de um projeto de ecoturismo aliado à orizicultura, potenciador, valorizador e dinamizador da região em questão. Apresentam-se, ainda, alguns indicadores turísticos, bem como um estudo realizado através de inquéritos, com intenção de analisar a procura turística da região.

Este projeto de ecoturismo, de seu nome Aguilhada foi concebido de modo a que venha a dignificar e valorizar património cultural da orizicultura, vindo a proporcionar momentos e experiências diferenciadoras a turistas e visitantes, através de várias infraestruturas e diferentes atividades culturais, sendo que simultaneamente a região beneficiará de vários impactos, que a destacarão no meio turístico.

**Palavras-chave:** Ecoturismo; Turismo Cultural; Orizicultura; Arroz; Baixo Mondego

## **Abstract**

The Baixo Mondego region presents a historical tradition of rice production in the fields flanked by the waters of Mondego.

Apart from the exquisite Caroline rice which is cultivate here, this secular tradition has caused great wealth over the years as far the cultural heritage, by influencing ways of life, traditions, festivities, gastronomy, landscape, etc.

Nowadays, we are living in a age where there are increasing numbers of tourists looking for more than mass tourism, giving value to experiences and the contact with the diverse cultural and natural heritage, characteristic of the various regions, creating new touristic opportunities enabling the exploitation of resources with tourist potential were up to now unused, such as the rice cultivation in the Baixo Mondego.

It is in this context that the present work is justified and included, where the subject matter in question is contextualized, the region is characterized at physio-geographic, socio-demographic and tourist level, an ecotourism project allied to the cultivation of rice is presented and promoting and streamlining the same. Touristic positive indicators are presented in order to justify the viability of this project, as well as a study carried out by means of surveys made to tourists, with the intention of analysing the tourist demand of the region.

This project of ecotourism named Aguilhada has been designed in order to dignify and value the cultural heritage of rice cultivation, affording both tourists and visitors different moments and experiences by means of various infra-structures and different cultural activities being that simultaneously the region will benefit from various impacts , which will distinguish it in the touristic environment.

**Key-words:** Ecotourism, Cultural Tourism, Cultivation of Rice, Baixo Mondego.



## SUMÁRIO

	Pág.
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	IX
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	X
<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	XIII
<b>LISTA DE ANEXOS</b> .....	XIV
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO 1. ARROZ, ECOTURISMO E BAIXO MONDEGO</b> .....	3
1.1. O arroz e o Baixo Mondego.....	3
1.2. A importância do ecoturismo no desenvolvimento turístico.....	5
1.3. Novas perspetivas dos turistas, oportunidades e desafios.....	7
<b>CAPÍTULO 2. CARACTERIZAÇÃO DO BAIXO MONDEGO</b> .....	9
2.1. Identificação.....	9
2.2. Acessibilidades.....	11
2.3. Caracterização fisio-geográfica.....	14
2.4. Caracterização sociodemográfica.....	15
2.4.1. População residente e sua evolução.....	15
2.4.2. Estruturas etárias da população.....	17
2.4.3. Densidade populacional.....	18
2.4.4. Escolaridade da população.....	20
2.5. Caracterização económica.....	21
2.5.1. Distribuição dos diferentes setores económicos.....	21
2.5.2. Especialização económica regional.....	22

2.5.3. Perfil produtivo.....	23
<b>CAPÍTULO 3. CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO NO BAIXO MONDEGO.....</b>	<b>25</b>
3.1. Recursos turísticos e atratividade da região.....	25
3.2. Oferta – equipamentos e serviços turísticos.....	27
3.3. Procura – fluxos de turistas e mercados emissores.....	29
<b>CAPÍTULO 4. PATRIMÓNIO CULTURAL DO BAIXO MONDEGO.....</b>	<b>32</b>
4.1. Património natural e paisagístico.....	32
4.2. Património edificado e artístico.....	35
4.3. Tradições e artesanato.....	36
4.3.1. Festividades tradicionais.....	36
4.3.2. Feiras.....	37
4.3.3. Folclore.....	37
4.3.4. Tradições gastronómicas.....	38
<b>CAPÍTULO 5. PROJETO AGUILHADA.....</b>	<b>40</b>
5.1. Conceito.....	40
5.2. Objetivos e intenções.....	42
5.3. Tipologias de instalação.....	43
5.4. Localização e implantação.....	44
5.5. Principais infraestruturas.....	52
5.5.1. Alojamento CEIFEIRA.....	52
5.5.2. Restaurante ADIAFA.....	54
5.5.3. Museu ARROZEIRO.....	59
5.5.4. Casa de Histórias AGUADEIRA.....	63
5.5.5. Loja CAPATAZ.....	66

5.5.6. Campos Orizícolas BATEIRA.....	70
5.5.7. Adega e Taberna PATRÃO.....	71
5.5.8. Quintal LAVRADOR.....	73
5.5.9. Eira MONDEGO.....	73
5.6. Produtos culturais.....	74
5.6.1. Itinerários temáticos.....	74
5.6.2. Experiências culturais.....	76
5.6.3. Novos festivais.....	79
5.6.4. Outras atividades.....	80
5.7. Relação com o meio económico e cultural da região.....	81
5.8. Sustentabilidade turística.....	81
5.9. Principais benefícios para a região.....	82
<b>CAPÍTULO 6. PONTENCIAL PROCURA TURÍSTICA.....</b>	<b>84</b>
6.1. Público-alvo.....	84
6.2. Métodos de comunicação e promoção.....	86
6.3. Satisfação turística.....	86
6.4. Viabilidade do projeto.....	87
6.4.1. Indicadores do mercado turístico.....	87
6.4.2. Estudo de mercado.....	90
6.5. Vias de financiamento.....	93
6.6. Análise SWOT.....	94
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>104</b>

## LISTA DE TABELAS

Pág.

Tabela 1-Áreas dos concelhos da região NUT III Baixo Mondego.....	10
Tabela 2- Tabela alusiva aos quocientes de localização (QL) entre o Baixo Mondego e Centro, bem como entre o Baixo Mondego e Portugal.....	22
Tabela 3- Tabela referente ao PIB <i>per capita</i> a preços de mercado em diferentes regiões (Portugal, Centro e Baixo Mondego) de 2006 até 2010.....	23
Tabela 4- Tabela caraterizadora dos principais públicos-alvo de turismo cultural, de natureza e de gastronomia.....	84

## LISTA DE FIGURAS

Pág.

Figura 1- Esquema relativo aos diferentes tipos de turismo.....	6
Figura 2- Mapa representativo da Europa com localização de Portugal em destaque (a negro), com tempos médios de distância via aérea entre Portugal e algumas cidades europeias.....	9
Figura 3- Mapa de Portugal com a Região Centro a preto.....	9
Figura 4- Mapa do Baixo Mondego (NUT III) com os seus diferentes concelhos.....	10
Figura 5- Mapa de Portugal com região do Baixo Mondego representada em mancha negra e respetivas distâncias entre o Baixo Mondego e algumas das principais cidades de Portugal.....	11
Figura 6- Mapa representativo do triângulo centro Ibérico de cidades.....	12
Figura 7- Mapa da rede viária do Baixo Mondego.....	13
Figura 8- Mapa representativo de Portugal estando em destaque o vale do Rio Mondego e as distâncias médias entre as principais cidades portuguesas e duas cidades espanholas....	14
Figura 9- Evolução da população residente no Baixo Mondego.....	15
Figura 10- Evolução da população nas diferentes regiões NUT III.....	16
Figura 11- População residente por local de residência nos diferentes concelhos do Baixo Mondego (2001 e 2011) .....	16
Figura 12- Evolução dos grandes grupos etários na região do Baixo Mondego (1991, 2001 e 2011).....	17
Figura 13- Índice de envelhecimento (%) de Portugal, Região Centro e Baixo Mondego no ano de 2011.....	18
Figura 14- Densidade populacional (nº de habitantes/km <sup>2</sup> ) por local de residência em Portugal, Portugal Continental (Continente), Região Centro e Baixo Mondego, nos anos de 2001 e 2011.....	19
Figura 15- Densidade populacional (nº de habitantes/km <sup>2</sup> ) por local de residência nos diferentes concelhos do Baixo Mondego nos anos 2001 e 2011.....	19
Figura 16- Níveis de escolaridade da população residente no Baixo Mondego no ano 2011.....	20

Figura 17- População ativa por setor de atividade no Baixo Mondego.....	21
Figura 18- Principais recursos turísticos do Baixo Mondego.....	25
Figura 19- Zonamento representativo do vale do Mondego.....	34
Figura 20- Proposta de valor do Projeto Aguilhada.....	41
Figura 21- Logotipo do Projeto Aguilhada.....	41
Figura 22- Localização de Ereira e imagem vista aérea.....	46
Figura 23- Localização da Freguesia de Gatões, com fotografia de fábrica de descasque de arroz desativada.....	47
Figura 24- Região envolvente do Mosteiro de Santa Maria de Seiça, em Vinha da Rainha, com fotografia do edifício.....	48
Figura 25- Quintas da Boa Vista e dos Castelos, na aldeia do Marujal, com fotografias das mesmas, respetivamente.....	49
Figura 26- Quinda de Fôja, na freguesia de Maiorca, com fotografia do edifício.....	50
Figura 27- Quinta do Seminário, em Vinha da Rainha, com fotografia do edifício.....	52
Figura 28- Esquema representativo da fonte de receitas e as relações e benefícios proporcionados pelo Restaurante Adiafa.....	57
Figura 29- Gradagem de campos de cultivo de arroz, com grade espanhola, recorrendo-se a bois. ....	60
Figura 30- Sementeira com recurso a bateira. ....	60
Figura 31- Antigos instrumentos de trabalho usados por trabalhadores na gestão da água dos campos de arroz.....	60
Figura 32- Antigos utensílios de transporte de água usados pelas aguadeiras.....	61
Figura 33- Laboratório de controlo de qualidade pertencente à fábrica de descaque de arroz da Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho, em Gatões.....	61
Figura 34 (à direita)- Mini-unidade de descasque e branqueamento manual de arroz, usada para demonstrações ao público, pertencente ao produtor Vítor M.C. Martinh, na Ereira....	61
Figura 35- Esquema representativo da relação do Arroz Aguilhada (nova marca sugerida) com marcas já existentes e ligadas ao Arroz Carolino do Baixo Mondego.....	67
Figura 36– Exemplos de embalagens de Arroz Aguilhada.....	68

Figura 37- Eira desativada, ladeada de campos de arroz na região da Ereira.....	74
Figura 38- Esquema representativo de operações características da cultura do arroz ao longo do ano.....	78
Figura 39- Exemplo de inquérito de satisfação para turistas e visitantes.....	86
Figura 40- Dormidas de estrangeiros (em milhares). Tendências e objetivos para a Região Centro (NutII) entre 2012-2015.....	88
Figura 41- Dormidas globais (em milhares). Tendências e objetivos para a Região Centro (NutII) entre 2012-2015.....	88
Figura 42 (à esquerda)- Viagens de circuitos turísticos religiosos e culturais, tendo em conta cenários atuais e perspectivas futuras (até 2020).....	88
Figura 43 (ao centro)- Viagens de turismo de natureza, tendo em conta cenários atuais e perspectivas futuras (até 2020).....	88
Figura 44 (à direita)- Viagens de gastronomia e vinhos, tendo em conta cenários atuais e perspectivas futuras (até 2020). ....	88
Figura 45- Evolução das viagens <i>Countryside holidays</i> na Europa entre 2000 e 2020.....	89
Figura 46- Evolução do número de dormidas em turismo rural em Portugal entre 2003 e 2010.....	89
Figura 47- Distribuição da nacionalidade dos turistas inquiridos.....	90
Figura 48- Género dos turistas inquiridos.....	91
Figura 49- Idades dos turistas inquiridos.....	91
Figura 50- Tempo de permanência dos turistas na região (Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz).....	91
Figura 51- Intenções de visita dos turistas à região (Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz).....	92
Figura 52- Interesse dos turistas em conhecer um produto turístico ligado ao cultivo do arroz.....	92

## **LISTA DE SIGLAS**

AAVM: Associação dos Agricultores do Vale do Mondego

AMBM: Associação de Municípios do Baixo Mondego

CEPGA: Centro de Estudos de Planeamento e Gestão do Ambiente

CMMV: Câmara Municipal de Montemor-o-Velho

DGADR: Direção Geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural

DGPC: Direção Geral do Património Cultural

FAO: Food and Agriculture Organization

FCMP: Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal

ICNF: Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

IGP: Indicação Geográfica Protegida

IHRU: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

IPC: Instituto Politécnico de Coimbra

LACAM: Liga dos Amigos dos Campos do Mondego

MAMAOT: Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território

NUT: Nomenclatura de Unidades Territoriais

PENT: Plano Estratégico Nacional de Turismo

PIB: Produto Interno Bruto

TERN: Turismo em Espaços Rurais e Naturais

THR: Asesores en Turismo Hotelería Y Recreacion, S.A.

UNESCO: Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE ANEXOS

Pág.

Anexo I- Mapa relativo à temperatura média do ar.....	104
Anexo II- Mapa de precipitação total.....	105
Anexo III- Carta de classe hipsométricas.....	106
Anexo IV- Mapa de alterações no trabalho do Rio Mondego.....	107
Anexo V- Localização de Quintas históricas relacionadas com a produção de arroz no Baixo Mondego.....	108
Anexo VI- Casas com valor histórico-cultural, na região do Baixo Mondego, passíveis de serem convertidas em alojamentos turísticos.....	110
Anexo VII- Alojamentos turísticos e outras infraestruturas em campos orizícolas.....	111
Anexo VIII- Passeio coletivo de bicicletas típicas do Baixo Mondego.....	112
Anexo IX- Desfile de carroças na freguesia de Maiorca.....	113
Anexo X- Máquinas e equipamentos industriais pertencentes à atividade orizícola.....	115
Anexo XI- Fotografias do Museu do Arroz da Herdade da Comporta.....	116
Anexo XII- Capataz com trabalhadores nos campos orizícolas.....	117
Anexo XIII- Exemplos de embalagens propostas para a marca de Arroz Aguilhada .....	118
Anexo XIV- Quadras relacionadas com a existência de adegas no Baixo Mondego.....	124
Anexo XV- Quadras relacionadas com tabernas e tascas existentes na freguesia da Carapinheira nos anos 50 e 60.....	126
Anexo XVI- Entrada principal da taberna “O Bernardes” em Ereira.....	127
Anexo XVII- Mapa de localização de indústrias de arroz na região do Baixo Mondego...	128
Anexo XVIII- Ilustração de valadores do arroz em 1930.....	129
Anexo XIX- Antiga tradição de semear arroz através do recurso a barco (bateira).....	130
Anexo XX- Mulheres distribuindo tabuleiros de arroz doce.....	131
Anexo XXI- Modelo de inquérito utilizado no estudo de mercado turístico do presente trabalho.....	132
Anexo XXII- Lista de respostas a inquéritos.....	133

## **INTRODUÇÃO**

Na atualidade o turismo é de grande importância para diversos países, traduzindo-se em muitos casos numa mais-valia económica. Portugal é um destes países, onde habitualmente o turismo representa em média cerca de 10% do PIB, não fugindo, porém, ao paradigma de procurar alcançar um desenvolvimento turístico sustentável e equilibrado.

Os turistas mostram-se cada vez mais exigentes na sua procura e seleção de produtos turísticos, crescendo uma forte procura pelo turismo alternativo em detrimento do chamado “turismo de massas”, composto habitualmente por sol e mar. O turismo dito alternativo, conhecido por ecoturismo, procura utilizar, de forma sustentável, os mais diversos recursos naturais e culturais das regiões onde o turismo é desenvolvido, promovendo desse modo um desenvolvimento turístico equilibrado e saudável.

Em Portugal o ecoturismo tem vindo a desenvolver-se e a evoluir de forma positiva, havendo perspectivas futuras muito animadoras para segmentos de turismo com ele relacionados (turismo rural, turismo cultural, turismo de natureza, turismo gastronómico, etc.), tendo em conta que a entrada no país de turistas provindos de países como Alemanha, Holanda e Reino Unido, em busca de experiência relacionada com o ecoturismo, tem aumentado.

Os ecoturistas estão interessados em conhecer os mais diversos recursos turísticos (culturais e naturais) gostando de os manter, preservar e até mesmo recuperar. Este tipo de público faz com que haja diversas oportunidades turísticas relacionadas com paisagem, tradições, agricultura, fauna, flora, monumentos, edifícios, hábitos e culturas, gastronomia, entre outros recursos de diferentes regiões que, em muitos casos, estiveram até aos dias de hoje (e alguns continuam) a ser subaproveitados ou apenas esquecidos (sem o valor merecido), esperando um olhar de quem lhes dê oportunidade para brilhar.

É neste contexto que surge este trabalho que tem como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento do ecoturismo na região do Baixo Mondego, através da criação e apresentação de um projeto turístico equilibrado e diferenciador, que terá como base principal o património inerente à produção de arroz no Baixo Mondego tendo em vista valorizá-lo e relacioná-lo com outros recursos que demonstrem potencial para serem utilizados em prol da sustentabilidade turística e do aumento do interesse e atratividade da região.

O presente trabalho procura, ao valorizar a orizicultura, o Baixo Mondego, os produtos endógenos, a paisagem, os recursos naturais e culturais, a gastronomia, as tradições, a arquitetura tradicional, festas e eventos, a economia tradicional, fomentar a criação de novos projetos de ecoturismo.

Este trabalho compreende seis capítulos, sendo que o capítulo I procura contextualizar o tema em desenvolvimento; o capítulo II faz uma caracterização da região do Baixo Mondego, analisando aspetos fisio-geográficos, sociodemográficos e económicos; já o capítulo III procura entender o potencial turístico e o estado atual do turismo na região; o capítulo IV aborda diverso património com valor para ser usado em prol do turismo; o capítulo V dedica-se ao projeto proposto, explicando de forma detalhada as diversas componentes e finalmente, o capítulo VI analisa o mercado turístico, justificando a viabilidade do projeto proposto.

No que concerne às metodologias utilizadas para a realização deste trabalho procurou-se enveredar pelas que oferecessem maior grau de credibilidade, recorreu-se às fontes de informação mais adequadas aos objetivos desta dissertação, de modo a que o resultado final do projeto tenha elevada probabilidade de ser aplicado e de dar resposta às potencialidades da região. Para o efeito houve procura de dados e informações em bibliotecas, arquivos, organismos responsáveis de turismo, alojamentos turísticos, publicações e vários portais de *Web*, visitas e reuniões completadas pelo contacto direto com fábricas de descasque de arroz, produtores de arroz, campos orizícolas, população e trabalhadores locais, cooperativas agrícolas, restaurantes, tascas e tabernas, museus, pontos de pesca, recursos naturais de maior interesse, monumentos, edifícios e zonas históricas, feiras, festas e eventos, comércio tradicional, pontos de venda de doçaria típica, entre outros espaços e infraestruturas relacionadas com o tema.

## **CAPÍTULO 1. ARROZ, ECOTURISMO E BAIXO MONDEGO**

### **1.1. O arroz e o Baixo Mondego**

Ao longo da evolução do Homem tem-se feito sentir uma grande preocupação com a produção de alimentos, devido ao forte crescimento da população a nível mundial. O arroz é um cereal que se tem mostrado uma mais-valia neste sentido, entrando na alimentação de muitos milhões de pessoas.

Segundo dados estatísticos (FAO, 2013), em 2012 produziu-se no mundo cerca de 500 milhões de toneladas de arroz.

A Ásia domina a produção e o consumo de arroz, sendo que a China, a Índia e a Indonésia são os três maiores produtores mundiais (Tailândia e Índia são os maiores exportadores). Portugal encontra-se entre os cinco maiores produtores de arroz na Europa, cenário este dominado pela Itália (FAO, 2013).

Portugal, em 2012, produziu cerca de 187 mil toneladas deste cereal em 31.174ha de terrenos alagados. A Região Centro (NUT II) contribuiu com cerca de 38.187t de arroz (INE, 2013).

No que diz respeito ao consumo médio anual de arroz, os portugueses lideram na Europa com cerca de 16kg/pessoa.

Embora tenham sido os árabes os pioneiros da cultura do arroz em terras ibéricas (século VI), foi o Rei de Portugal D. Dinis (1279-1325) o grande responsável pelo avanço da cultura deste cereal em terras lusitanas, sendo que nos dias de hoje é comum produzir-se em diversas bacias de rios, como as do Vouga e Mondego, Sorraia e Tejo, Sado, Mira e Arade.

Relativamente à produção de arroz no Baixo Mondego, mais propriamente no Vale do Mondego, segundo Vaquinhas (s.d.: 15) o arroz já aí era cultivado na segunda metade do século XVIII, e os Frades Crúzios foram dos principais empreendedores desta cultura. Ao longo dos tempos esta cultura foi evoluindo e sobrevivendo a diversos problemas. Por volta do séc. XIX surgem complicações relacionadas com o paludismo em que a cultura do arroz era apresentada como inimiga, muito devido a deficientes técnicas culturais que favoreciam o aparecimento de insetos. Contudo “ (...) a má vontade dos povos contra esta cultura foi-se atenuando à medida que a insalubridade diminuía com a drenagem dos terrenos, o

tratamento da malária por meio do quinino e a utilização de larvicidas nos arrozais” (Vaquinhas, s.d.: 16).

Atualmente nesta região é comum produzir-se apenas arroz em regadio, sendo que a espécie *Oryza sativa* L. (subespécie Japónica) variedade Ariete é o tipo de arroz mais cultivado nesta região. De acordo com o Caderno de Especificações do Arroz Carolino do Baixo Mondego, a cultura faz-se nos concelhos sendo eles Coimbra, Montemor-o-Velho, Soure, Figueira da Foz, Cantanhede e Condeixa-a-Nova. O Carolino aqui produzido tem um ciclo vegetativo que ronda os 130/140 dias e, em comparação com outros produzidos em Portugal, possui algumas características que o tornam especial<sup>1</sup>, tendo habitualmente maiores níveis de amilose e maior percentagem de grãos inteiros, fazendo com que seja muito cremoso, absorvendo facilmente os sabores de outros ingredientes. O pedido de Identificação Geográfica Protegida (IGP) para este arroz encontra-se em análise na Comissão Europeia<sup>2</sup> (DGADR, 2014).

A evolução da cultura do arroz no Baixo Mondego influenciou a vida e a economia da população local, fazendo também nascer e desenvolver várias indústrias de descasque (Mendes, 2005: 58). A produção de arroz terá dado origem a tradições, hábitos, modos de vida particulares na região, pois, “ (...) o uso que se faz do arroz tem muito de cultural e não pode ser desligado da mentalidade, do gosto, da sensibilidade e da criatividade e imaginação dos povos.” (Mendes, 2005: 61). Assim, podem-se encontrar vários recursos de valor patrimonial, cultural e natural inerentes ao arroz aqui produzido, passíveis de serem utilizados como “(...) pedras de toque do turismo cultural que, por sua vez, é considerado como um fator essencial do desenvolvimento.” (Mendes, 2005: 61).

Todos estes aspetos, entre outros, fazem com que o arroz anseie pelo turismo a que tem direito, que aproveite as suas potencialidades e o valorize.

---

<sup>1</sup> As especificidades do clima fazem com que sofra uma maturação mais lenta (Caderno de Especificações do Arroz Carolino do Baixo Mondego, s.d.)

<sup>2</sup> Pode consultar-se o estado deste pedido em <http://www.dgadr.mamaot.pt/val-qual/dop-igp-etg>

## 1.2. A importância do ecoturismo no desenvolvimento turístico

O fenómeno turístico já existia anteriormente ao século XVIII, em vertentes de turismo desportivo (ex. Olimpíadas na Grécia e Roma antigas), religioso (ex. peregrinações na Idade Média) e outras. No entanto vários pensadores defendem que foi na época pós-industrial que o turismo realmente foi alvo de grande evolução, quando surge a moda do *Grand Tour* que, segundo Partidário (1999) levava jovens ingleses, a deslocarem-se para a Europa em viagens que duravam cerca de dois a três anos, em busca de educação, conhecimento e cultura.

No século XX houve uma explosão da procura turística. Cunha (1997) defende que na primeira metade do século XX, o turismo se transformou num fenómeno da sociedade, influenciou o comportamento das pessoas e começou a alcançar uma dimensão económica sem precedentes. Nesta época os mais abastados procuravam estâncias termais, de montanha e balneares marítimas. O aumento da procura turística deveu-se essencialmente às melhores condições de trabalho e conseqüente aumento do tempo livre ), ao aumento de rendimentos, à melhoria dos transportes e ao aparecimento de pacotes turísticos.

Muitos dos investidores da época, apenas com o objetivo de rentabilizar capital no mais curto prazo de tempo possível, provocavam destruição ambiental e cultural. No século XX o turismo baseava-se muito no sol e mar, havendo assim grande concentração de infraestruturas nas zonas costeiras, o que causou, em muitas situações, insustentabilidade ambiental e social. A grande procura por zonas ecologicamente sensíveis e a grande afluência turística num curto espaço de tempo numa determinada região fez com houvesse perdas a nível de património natural, cultural e patrimonial. Alexandre (2001) entende que o turismo em Portugal até ao século XX, dilui-se em espaços à beira-mar, montanha e campo, sendo que o mais procurado é a praia, principalmente no Algarve.

Nas décadas de 70 e de 80 começou a observar-se a consciencialização dos problemas relacionados com a perda de recursos naturais e culturais. Em 1987 o Relatório Brundtland mostrou a importância para desenvolvimento sustentável, o que alertou vários países do mundo. Na Cimeira do Rio, na Conferência das Nações Unidas para o Ambiente e Desenvolvimento, os 182 países participantes criaram um programa de ações chamado Agenda XXI e “ (...) estabeleceram o desenvolvimento sustentável como uma prioridade em termos de estratégia de desenvolvimento.” (Ferreira; Lopes, 2003: 163). Esta Agenda

foi publicada para a Indústria das Viagens e Turismo e constituiu uma demarcação importante para o desenvolvimento do turismo sustentável, passando este conceito a ser integrado e nomeado nos trabalhos científicos a nível nacional e internacional.

Após várias cimeiras que visaram o desenvolvimento do turismo sustentável, observa-se que este mostra tendência para crescer.

Atualmente o ecoturismo, considerado turismo alternativo (em crescimento), motiva e valoriza o contacto com diferentes recursos naturais e culturais das regiões, procurando criar o menor impacto sobre estes. A *The International Ecotourism Society* (TIES) define o ecoturismo como a viagem responsável que conserva o ambiente natural e suporta o bem-estar da população local. Wearing e Neil (1999) defendem que o ecoturismo é considerado turismo alternativo por se opor ao dito turismo convencional, procurando reduzir impactos negativos no meio ambiente e ao nível sociocultural.

A figura 1 ilustra melhor onde se encaixa o ecoturismo.

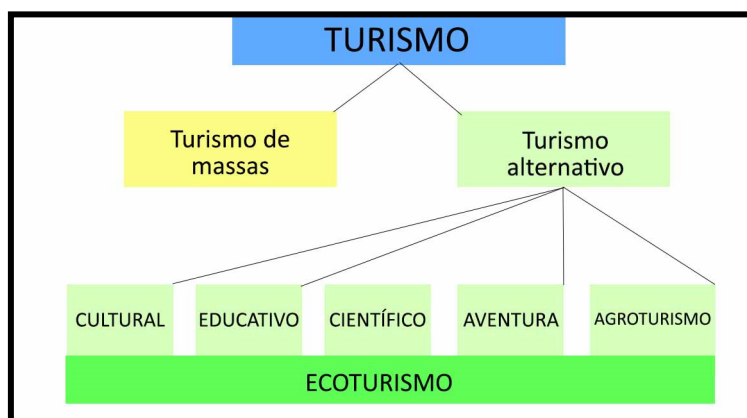


Figura 1- Esquema relativo aos diferentes tipos de turismo, com base em Mieczkowski (1995).

Fonte: Adaptado de Wearing e Neil, 1999: 24

Algumas das principais características do ecoturismo visam a valorização e preservação dos diferentes recursos culturais e naturais, o envolvimento da população local, o favorecimento da economia local, a integração do turismo no planeamento, a criação de produtos turísticos de cariz cultural, entre outros. Simões (s.d) defende que “(...) é indiscutível que o turismo tem potencialidades para constituir um dos eixos do desenvolvimento (...)” (Simões, s.d.:71) das regiões, fazendo assim que o ecoturismo seja ainda mais importante na medida

em que consegue um desenvolvimento mais consciente e equilibrado, oferecendo mais sustentabilidade aos recursos em que se suporta.

O Baixo Mondego é uma região com uma distribuição desproporcional de infraestruturas turísticas, concentrando-se principalmente nas cidades de Coimbra e de Figueira da Foz, e grande parte destas infraestruturas destinam-se ao turismo de sol e praia, instaladas de modo a causar grande pressão em recursos naturais frágeis. Assim, é importante apostar em ecoturismo, assente no desenvolvimento consciente e sustentável, havendo um bom planeamento para evitar danos irreversíveis nos recursos turísticos pois, “(...) a falta de um planeamento adequado nas regiões turísticas é o principal responsável pelos efeitos negativos da atividade.” (Cardona; Costa, 2013: 136).

### **1.3. Novas perspetivas dos turistas, oportunidades e desafios**

Para Portugal o turismo é dos setores económicos mais importantes sendo que, segundo o INE, no ano 2012, registaram-se mais de 39 milhões de dormidas, das quais cerca de 27,3 milhões foram dormidas de estrangeiros.

Uma das razões para o crescimento do turismo em termos globais prende-se com o facto de as sociedades modernas viverem ritmos frenéticos, residindo em grandes centros urbanos, sem raízes identificadoras das origens dos antepassados, focando-se essencialmente na evolução pessoal e profissional, atingindo níveis de grande competitividade impostos pelas economias globais. Esses ritmos de vida fazem com que o homem procure no turismo tempos de lazer, ócio em lugares distantes do dia a dia onde “(...)o turismo implica deslocação, uma relação com outro tempo e outro eu, contacto, permanência e até familiaridade e apropriação de outro lugar(...).” (Cavaco, 2006: 299).

No último século o turismo evoluiu muito rápido, baseado em tendências das grandes massas turísticas, nem sempre tendo havido uma atenção à fragilidade dos recursos naturais e sociais bem como ao desenvolvimento equilibrado entre regiões, o que “(...) resultou em graves problemas e desequilíbrios com repercussões negativas no meio ambiente, na sociedade, na cultura e mesmo na economia (...).” (Martínez-Roget e Moutela, 2013:100).

O grande aumento de escolaridade da população com cada vez mais cidadãos com níveis de escolaridade altos, faz com que os turistas sejam cada vez mais conhecedores, conscientes e

exigentes perante a oferta turística. A evolução de conhecimentos e mentalidades marcada pela valorização do património, muito impulsionada por “(...) uma certa angústia coletiva em relação ao desaparecimento dos traços culturais(...)” (Umbelino, 2004: 23), acaba por fazer surgir uma nova realidade turística marcada pela “(...) procura turística que, em contraposição ao turismo rápido ou stressante, procura uma forma de fazer turismo mais tranquila e serena (...)” (Martínez-Roget e Moutela, 2013: 100). Desta forma proporcionam-se grandes oportunidades para recursos com tendência para serem desvalorizados, como é o caso da agricultura que, aliada à paisagem e à cultura dos povos, passa a ser um grande recurso do turismo em espaço rural. Começaram-se a desenhar um leque de ofertas, no dito turismo alternativo ao de massas, onde se multiplicaram “(...) os pequenos museus locais, ecomuseus, as rotas temáticas (seda, vinhos, azeites, moinhos, pão, etc.), os percursos em comboios históricos, as feiras e festivais, os fins-de-semana gastronómicos, as oportunidades de prática de desportos radicais e de natureza(...)” (Simões, Cristóvão e Burnay, 2003: 269). Pode-se dizer que há cada vez mais ecoturistas preocupados em conhecer culturas, tradições e paisagens, valorizando o baixo impacto sobre os recursos, havendo inclusive ótimas perspectivas para os próximos anos em Portugal, com esperança de crescimentos nas áreas contíguas do Turismo em Espaço Rural e Natural (TERN) do turismo de natureza, do turismo cultural e do turismo gastronómico. Todos estes cenários positivos podem assim ser usados em prol das comunidades locais, despertando as suas economias através da valorização do seu património cultural e natural, abrindo portas para novos projetos de ecoturismo.

## CAPÍTULO 2. BAIXO MONDEGO, IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

### 2.1. Identificação

Em Portugal (Fig. 2) pode-se encontrar a região do Baixo Mondego que para efeitos estatísticos, se localiza no litoral da Região Centro (Fig. 3) e que segundo a Nomenclatura de Unidades Territoriais (NUTS), é uma região NUTS II, dividida em 12 sub-regiões, designadas por NUTS III (Baixo Mondego, Beira Interior Norte, Baixo Vouga, Cova da Beira, Beira Interior Sul, Médio Tejo, Dão Lafões, Pinhal Interior Norte, Oeste, Pinhal Interior Sul, Serra da Estrela e Litoral).

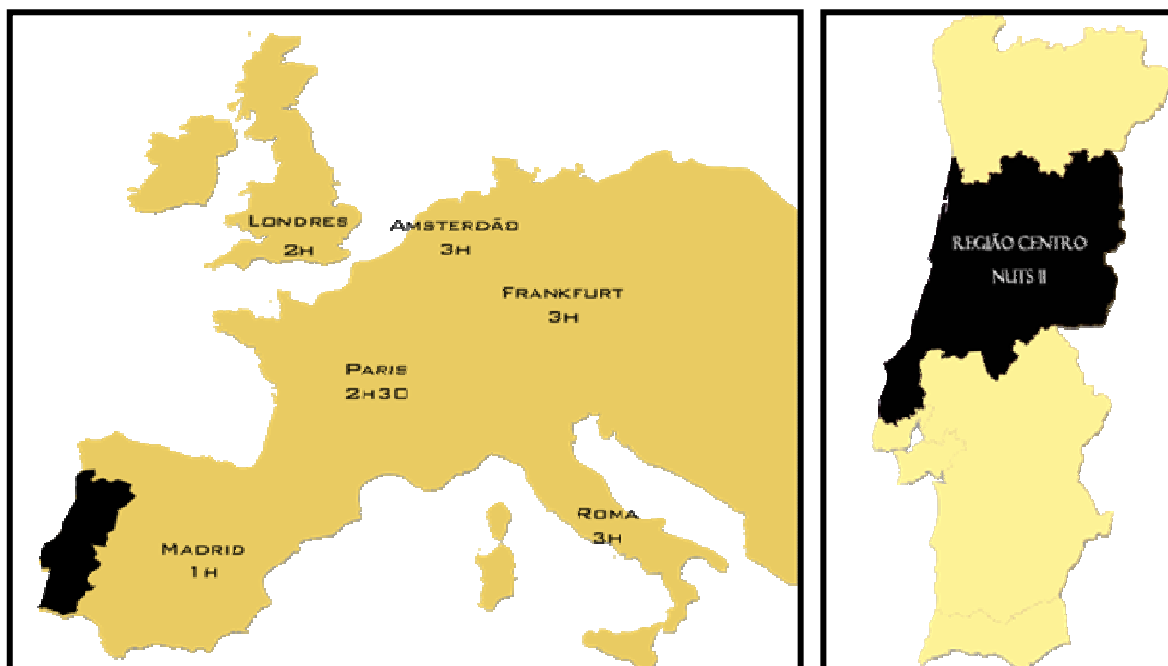


Figura 2 (à esquerda) - Mapa representativo da Europa com localização de Portugal em destaque (a negro), com tempos médios de distância via aérea entre Portugal e algumas cidades europeias. Fonte- Adaptado de <http://bit.ly/1pC0Jn3>

Figura 3 (à direita) - Mapa de Portugal com a Região Centro a preto. Fonte: adaptado de <http://bit.ly/1ntDcnf>

O Baixo Mondego tem uma área que ronda os 2062 Km<sup>2</sup>, dividindo-se em 8 concelhos<sup>3</sup>: Coimbra, Montemor-o-Velho, Cantanhede, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Mira, Soure e Penacova (fig. 4).

<sup>3</sup> Na vertente de apoios comunitários o Baixo Mondego apresenta 10 municípios, somando assim 2 aos 8 já referidos, Mealhada e Mortágua. Para efeitos estatísticos o Instituto Nacional de Estatística apenas considera os 8 concelhos.

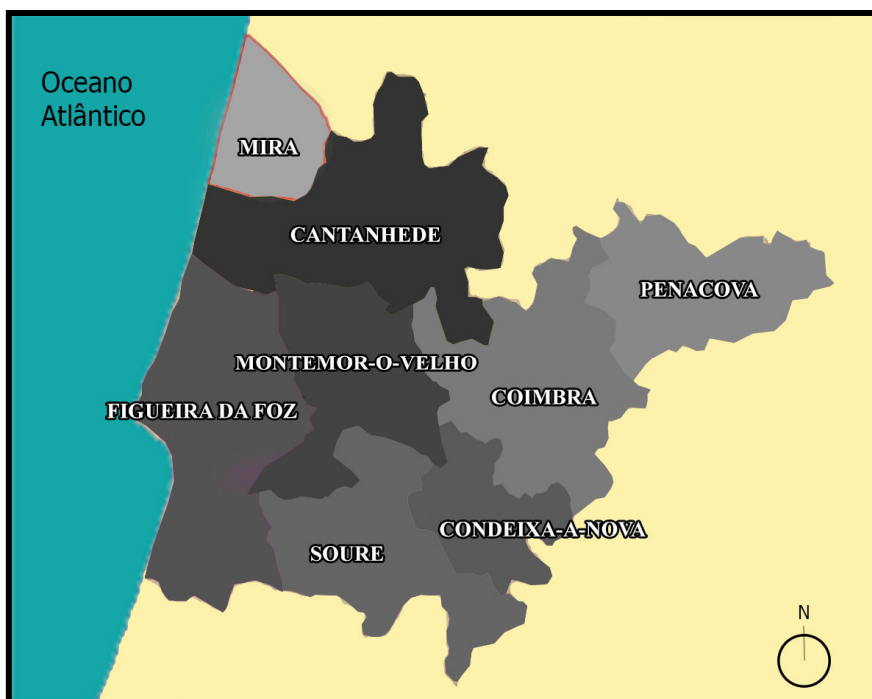


Figura 4- Mapa do Baixo Mondego (NUT III) com os seus diferentes concelhos. Fonte: adaptado de <http://www.baixomondego.pt/img/entrevista01/mapa.jpg>

Entre os vários concelhos (Tab. 1), Coimbra é o que apresenta maior número de habitantes, cerca de 140.000, sendo que também dispõe do maior número de freguesias (total de 31). O maior concelho do Baixo Mondego é o de Cantanhede.

Tabela 1- Áreas dos concelhos da região NUT III Baixo Mondego

<b>Concelhos do Baixo Mondego (NUT III)</b>	<b>Área</b>
<b>Cantanhede</b>	400km <sup>2</sup>
<b>Condeixa-a-Nova</b>	140km <sup>2</sup>
<b>Figueira-da-Foz</b>	379km <sup>2</sup>
<b>Mira</b>	122Km <sup>2</sup>
<b>Montemor-o-Velho</b>	235km <sup>2</sup>
<b>Penacova</b>	220km <sup>2</sup>
<b>Soure</b>	265km <sup>2</sup>
<b>Coimbra</b>	319Km <sup>2</sup>

Fonte: adaptado de <http://www.baixomondego.pt/#> (2013)

## 2.2. Acessibilidades

A região do Baixo Mondego para além de ter um grande núcleo urbano, que é a cidade de Coimbra encontra-se relativamente próxima de outros grandes e importantes centros urbanos como Aveiro, Viseu e Leiria, sendo ainda um importante ponto de ligação entre Lisboa e Porto (Fig. 5).

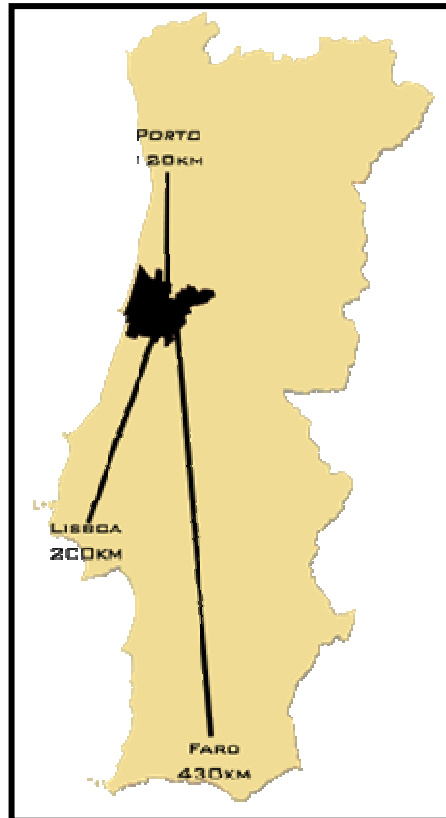


Figura 5- Mapa de Portugal com região do Baixo Mondego representada em mancha negra e respetivas distâncias entre o Baixo Mondego e algumas das principais cidades de Portugal.

O concelho de Coimbra destaca-se e revela-se muito importante para sustentar um desenvolvimento regional policêntrico e equilibrado. À sua volta desenvolvem-se várias aglomerações urbanas (ex. Mealhada, Montemor-o-Velho, Penacova, Cantanhede, Soure etc.), fazendo ainda parte do chamado “triângulo Centro-Atlântico Ibérico de Cidades Médias Europeias” (Simão *et al.*, 2009: 78), que se pode ver na figura 6.

Neste sistema urbano policêntrico evidencia-se o importante eixo de desenvolvimento Coimbra-Figueira da Foz, organizador do território regional na parte baixa do Rio Mondego, de maior concentração de atividade económica, em particular dos serviços e, em menor grau, da indústria (Simão *et al.*, 2009: 78).

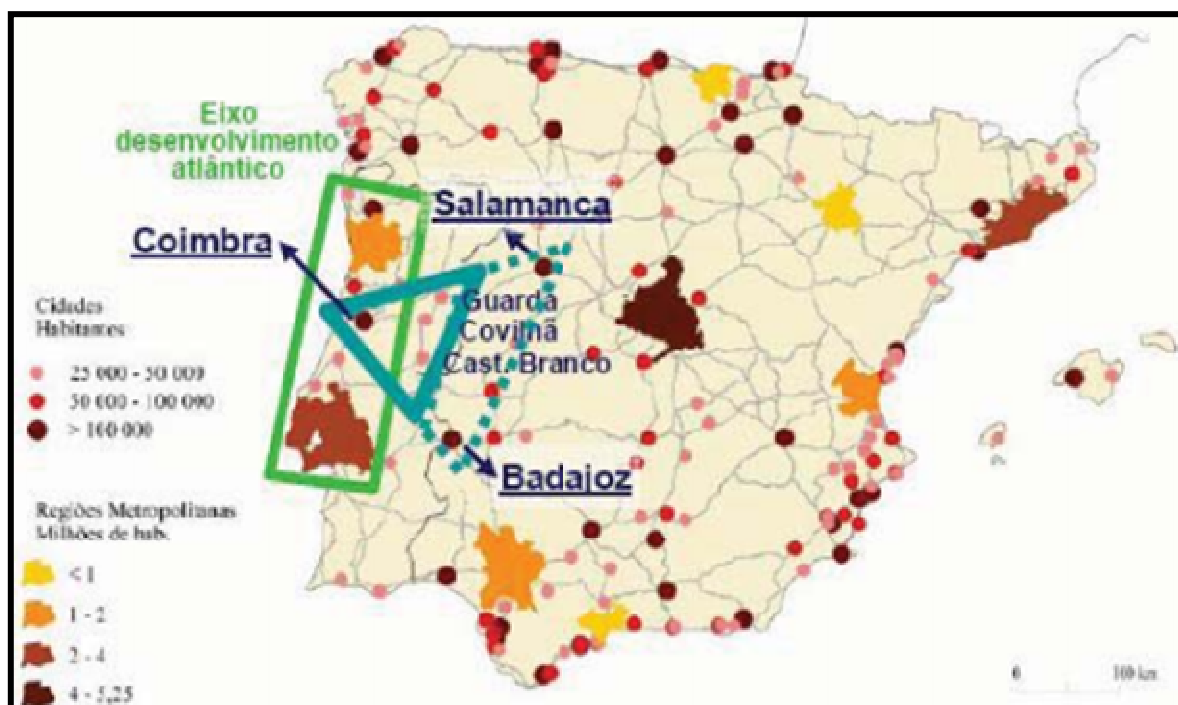


Figura 6- Mapa representativo do triângulo centro Ibérico de cidades.

Fonte: Simão *et al.*, 2009: 79

O Baixo Mondego possui infraestruturas de acessibilidades e transportes de qualidade e quantidade razoáveis, tendo assim várias estradas a fazer as ligações Sul-Norte (IC1, A17, IP1 e A1) e Oeste-Este (IP3, A14 e A25), havendo ainda espaço para melhorias, dada a fragilidade na ligação com o país vizinho, sobretudo a falta de ligações mais diretas. A acompanhar o número razoável de estradas, há uma estrutura de vias férreas, como se pode ver na figura 7 que tem um papel muito importante para algumas indústrias na região (ex. madeira, papel, cimento, automóvel, etc.) na medida em que assegura o transporte de algumas matérias-primas (com o aumento dos combustíveis o transporte ferroviário ganha nova força) bem como contribui para a facilidade de exportar e importar vários produtos.

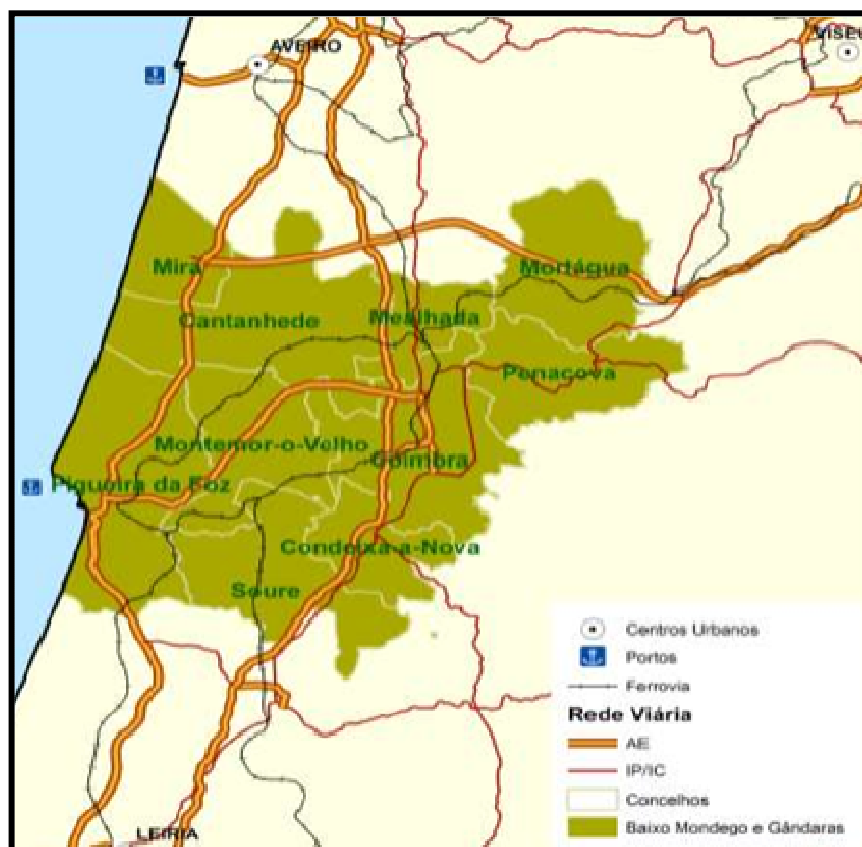


Figura 7- Mapa da rede viária do Baixo Mondego

Fonte- AMBM, 2008: 185

Outra importante infraestrutura é o porto comercial da Figueira da Foz que assegura os transportes por via marítima (muito importante para a indústria papeleira que importa madeira e exporta pasta de papel), estabelece várias relações com o porto comercial de Aveiro (pois é o que está mais próximo, a cerca de 80 km) bem como outros portos nacionais e internacionais. “Nestes dois portos foi movimentada, em 2010, 41% da carga geral fracionada do continente, 26% em Aveiro (1,34 milhões de toneladas) e 15 % na Figueira da Foz (770 toneladas).” (ARHCentro, 2012: 35).

É de referir ainda que existem dois aeroportos internacionais relativamente próximos do Baixo Mondego: o Aeroporto Francisco Sá Carneiro, na Cidade do Porto (a cerca de 120km) e o Aeroporto da Portela, em Lisboa (a cerca de 200 km).

### 2.3. Caracterização físico-geográfica

A região do Baixo Mondego tem uma grande ligação com o Rio Mondego (maior rio que nasce e desagua em Portugal), sendo que é nesta região que se encontra um grande plano aluvionar deste mesmo rio. No Baixo Mondego pode-se encontrar o vale principal do Rio Mondego (Fig. 8) e afluentes em vales secundários.



Figura 8- Mapa representativo de Portugal estando em destaque o vale do Rio Mondego e as distâncias médias entre as principais cidades portuguesas e duas cidades espanholas. Fonte: adaptado de <http://bit.ly/1q1nxiK>

As estruturas geológicas na região em análise são relativamente recentes, sendo na sua maioria planas, sem grande relevo orográfico. No que diz respeito ao clima, ele é ameno, não havendo grandes variações térmicas a apontar (Anexo I) sendo que na zona mais interior do Baixo Mondego registam-se amplitudes térmicas superiores; contudo o mesmo não se reflete na humidade, pois é abundante, com grande influência atlântica (Anexo II). Grande parte da região em análise situa-se abaixo da cota dos 100 metros de altitude (Anexo III).

## 2.4. Caracterização sociodemográfica

### 2.4.1. População residente e sua evolução

Como se pode ver na figura 9 a população residente na região do Baixo Mondego mostra tendência para diminuir (nos últimos censos 2001-2011). As principais causas desta diminuição são a emigração e o envelhecimento da população.

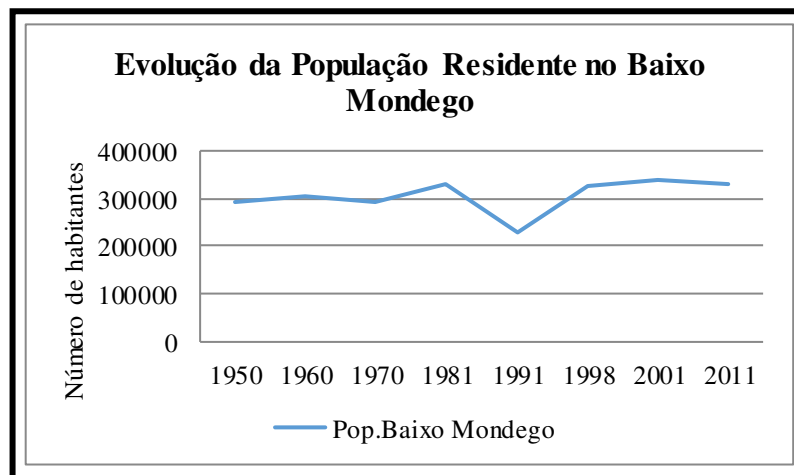


Figura 9- Evolução da população residente no Baixo Mondego

Fonte: adaptado de INE, 2013

A maior descida que se pode constatar no gráfico da figura 9 verificou-se nos anos 1981 e 1991, época que registou grande saída de população para o estrangeiro em busca de melhores condições de vida e de trabalho já que Portugal, neste espaço temporal, passou por grandes dificuldades económicas, tendo inclusive havido necessidade de intervenção do Fundo Monetário Internacional (1983 e 1984).

Entre os anos 1991 e 1998 foi sentido um grande crescimento da população residente no Baixo Mondego, porque houve grande retorno de emigrantes (grande parte provenientes de França), especialmente nos territórios situados na margem norte do Rio Mondego.

Com a análise do gráfico da figura 10 compreende-se que diversas NUTS III apresentam uma tendência inversa à do Baixo Mondego no que diz respeito à evolução da população residente, pois demonstram tendência para o crescimento (ex. Oeste e Baixo Vouga).

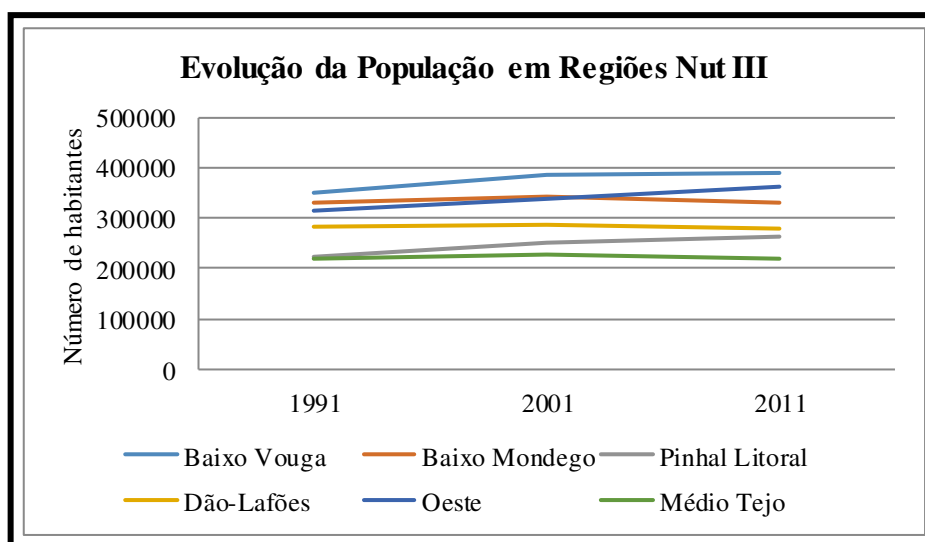


Figura 10- Evolução da população nas diferentes regiões NUT III. Fonte: adaptado de INE, 2013

Nos últimos anos o Baixo Mondego tem mostrado tendência para perder população, devido a causas como o envelhecimento da população e saída da região, quer para o estrangeiro, quer para outras regiões de Portugal. Relativamente à distribuição da população dentro da NUT III em análise (com 332.326 residentes em 2011 (Fig. 11), onde ocorre um domínio de indivíduos do sexo feminino com cerca de 53% da população total), Coimbra surge como o maior recipiente de população (suportando cerca de 40% da população), domínio este devido a fatores como qualidade de vida, generosa bolsa de emprego e oferta de serviços centrais (como educação e saúde). Figueira da Foz é o segundo maior polo urbano, com cerca de 19% da população residente do Baixo Mondego, fazendo assim com que haja um importante e assinalável eixo Coimbra e Figueira da Foz.

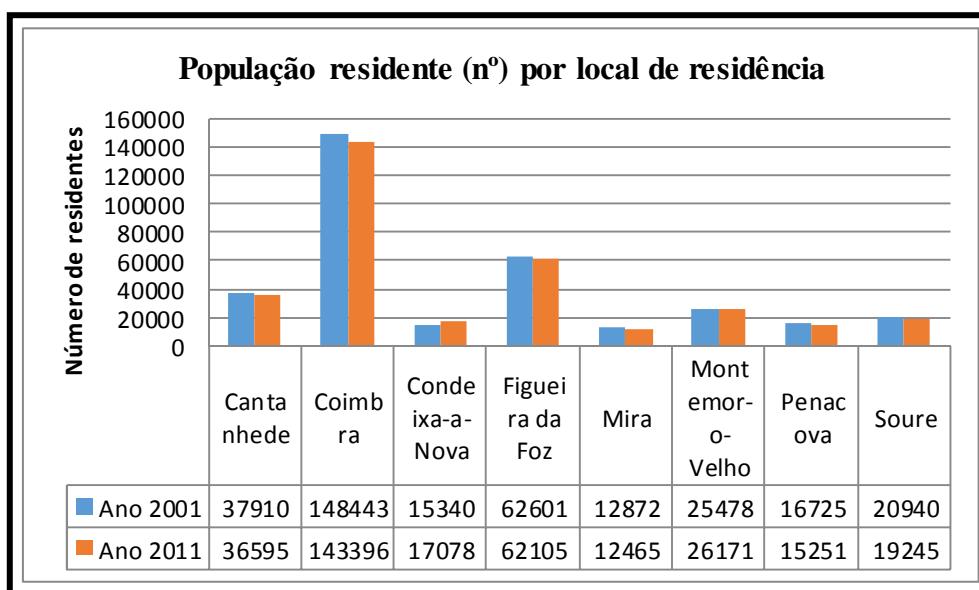


Figura 11- População residente por local de residência nos diferentes concelhos do Baixo Mondego, (2001-2011). Fonte: adaptado de INE, 2013

Alguns concelhos como Montemor-o-Velho (com 8% da população do Baixo Mondego) e Condeixa-a-Nova têm ganho população nos últimos anos, devido à proximidade de Coimbra, a preços de habitação mais moderados, a menos *stress* urbano, a uma maior proximidade com a natureza, entre outras razões.

#### 2.4.2. Estrutura etária da população

Analisando a evolução da estrutura da população (Fig. 12) observa-se que há uma tendência regressiva, havendo uma diminuição de crianças e jovens e um consecutivo aumento da população madura e envelhecida.

Nos Censos realizados nos anos 2001 e 2011 verificou-se uma baixa na taxa de natalidade, causada, entre outras razões, por estilos de vida, razões económicas e vida académica mais extensa. Para além disto sentiu-se um aumento na esperança média de vida, retorno de emigrantes reformados e melhoria das condições de vida, fatores estes a ter em conta para explicar o envelhecimento da população do Baixo Mondego.

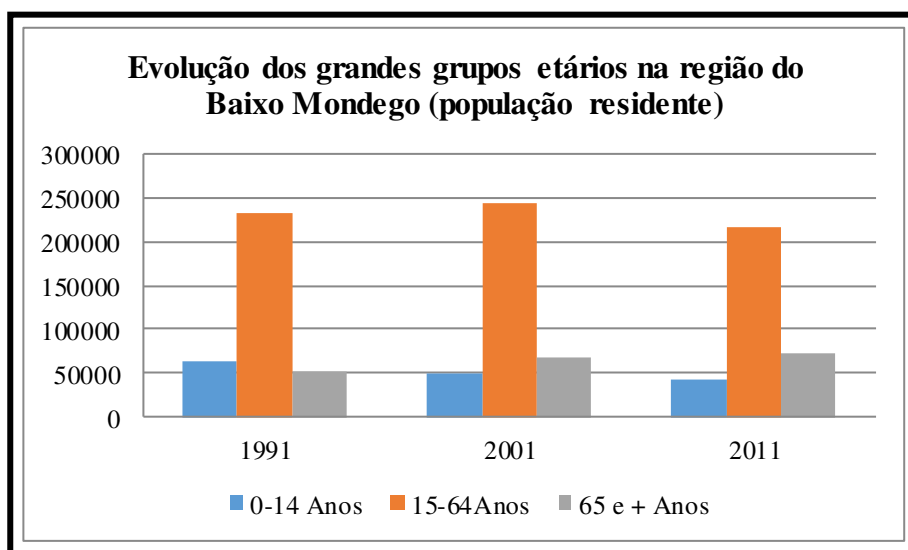


Figura 12- Evolução dos grandes grupos etários na região do Baixo Mondego (1991,2001 e 2011).  
Fonte: adaptado de INE, 2013

Nos últimos Censos de 2011 elaborados pelo INE, a percentagem relativa à distribuição da população pelos diferentes grupos etários era a seguinte:

- Cerca de 13% de população entre os 0 e os 14 anos
- Cerca de 65% de população entre os 15 e os 64 anos

- Cerca de 22% de população com mais de 65 anos

A comprovar o envelhecimento da população do Baixo Mondego surge o índice de envelhecimento<sup>4</sup>, que tem mostrado tendência para subir nos últimos anos, estando inclusive acima da percentagem sentida na Região Centro e Portugal, como se pode ver no gráfico da figura 13.

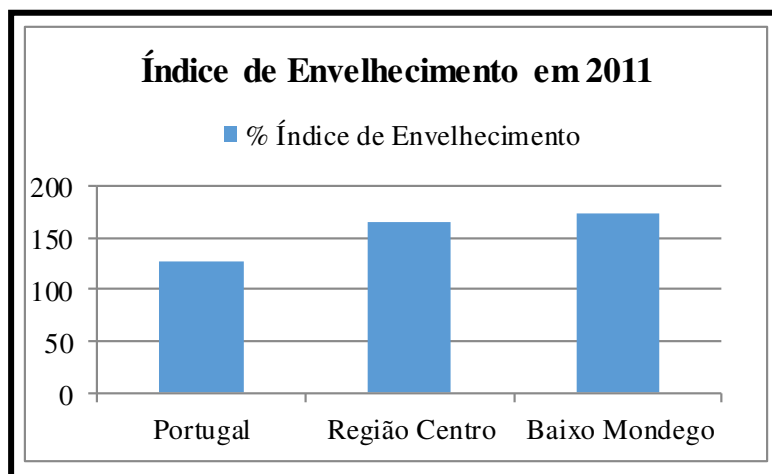


Figura 13- Índice de envelhecimento (%) de Portugal, Região Centro e Baixo Mondego no ano de 2011. Fonte: adaptado de INE, 2013

### 2.4.3. Densidade Populacional

Do ponto de vista da ocupação humana, o Baixo Mondego caracteriza-se por possuir uma dispersão populacional relativamente ordenada, com exceção de algumas zonas de costa que se encontram com uma baixa densidade populacional e alguns núcleos urbanos como Coimbra e Figueira da Foz que se encontram densamente povoados.

Como se pode constatar na figura 14, a densidade populacional na região do Baixo Mondego apresenta valores superiores à densidade populacional de Portugal, Portugal Continental e inclusive da Região Centro.

<sup>4</sup> Índice que mede a vitalidade da população, contando o número de idosos por cada 100 jovens.

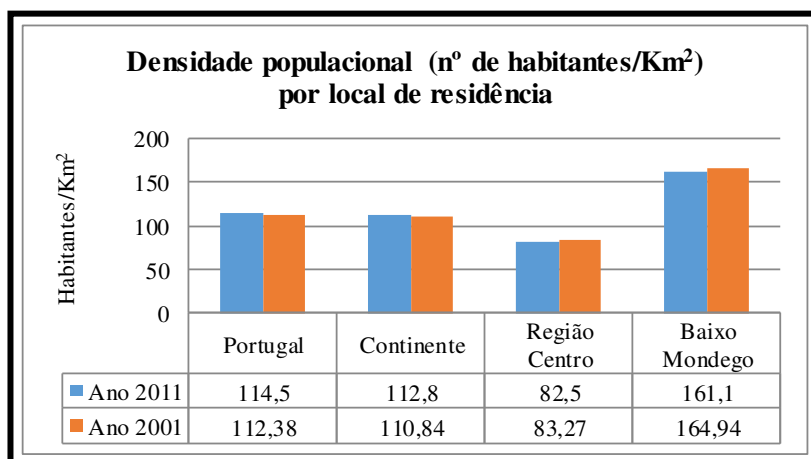


Figura 14- Densidade populacional (nº de habitantes/km<sup>2</sup>) por local de residência em Portugal, Portugal Continental (Continente), Região Centro e Baixo Mondego nos anos de 2001 e de 2011. Fonte: adaptado de INE, 2013

O facto de a densidade populacional (Fig. 15) do Baixo Mondego (cerca de 164,94 hab./km<sup>2</sup>) ser muito superior à da Região Centro (cerca de 83,27 hab./km<sup>2</sup>) deve-se essencialmente ao facto de haver um grande núcleo urbano que é a cidade de Coimbra<sup>5</sup> (sendo um dos municípios da Região Centro com a densidade populacional mais elevada com cerca de 429,6 hab./km<sup>2</sup> em 2009), e a outros núcleos urbanos de expressão média como a Figueira da Foz, Montemor-o-Velho e Cantanhede, numa NUT III, com uma área relativamente moderada, enquanto a Região Centro inclui regiões onde as povoações são dispersas (Beiras Interiores).

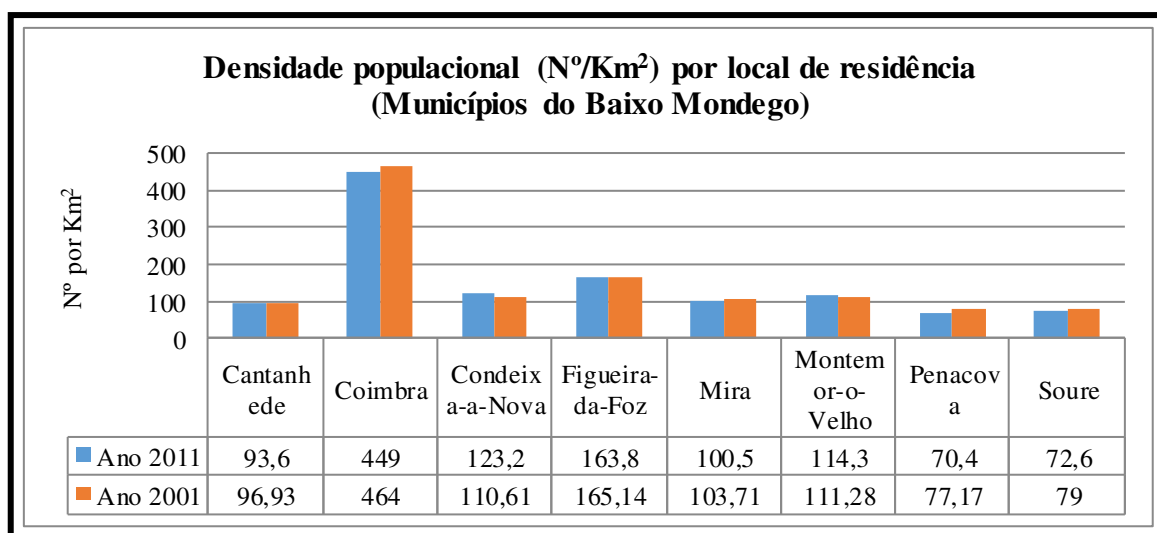


Figura 15- Densidade populacional (nº de habitantes/km<sup>2</sup>) por local de residência nos diferentes concelhos do Baixo Mondego nos anos 2001 e 2011. Fonte: adaptado de INE, 2013

<sup>5</sup> Em 2009 residiam em Coimbra cerca de 328.6 mil indivíduos, ou seja, cerca de 41 % da população total do Baixo Mondego.

#### 2.4.4. Escolaridade da população

No que diz respeito aos níveis de escolaridade dos residentes do Baixo Mondego (Fig. 16), há um domínio do ensino básico. Contudo, é de referir que esta região apresenta uma percentagem de residentes com formação superior notoriamente superior à percentagem média regional e nacional. Isto deve-se essencialmente à grande oferta de ensino superior na cidade de Coimbra, onde inclusive muitos estudantes passam a residir após a conclusão dos seus estudos.

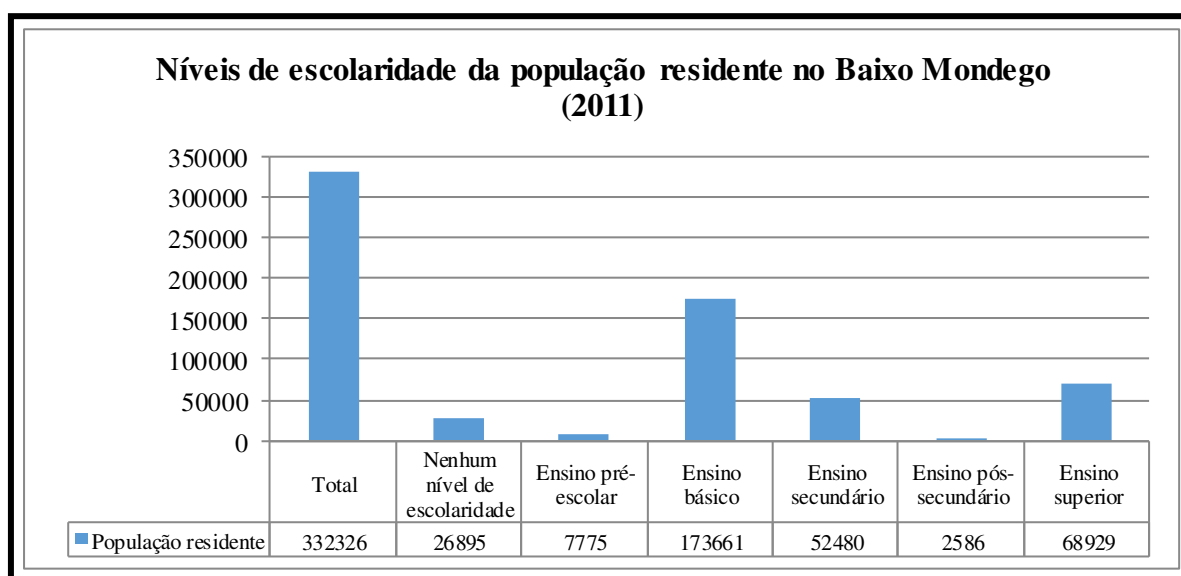


Figura 16- Níveis de escolaridade da população residente no Baixo Mondego no ano 2011. Fonte: adaptado de INE, 2013

Em 2011, cerca de 45% da população residente no Baixo Mondego com idades compreendidas entre os 30 e 34 anos possuíam curso superior, sendo de notar que nesta categoria a percentagem referente a Portugal se situava abaixo dos 35%.

É ainda de mencionar que nos registos dos últimos censos efetuados (1991, 2001 e 2011) houve melhorias notáveis a nível da educação no Baixo Mondego, onde as taxas de abandono escolar e insucesso escolar mostraram sempre tendência de decréscimo, estando na atualidade abaixo dos 5%.

## 2.5. Caracterização económica

### 2.5.1. Distribuição dos diferentes setores económicos

Entender como se distribui a população ativa pelos diferentes setores na atividade económica do Baixo Mondego é importante, na medida em que se consegue perceber a importância que cada setor exerce, bem como os tipos e quantidades de trabalhadores na região.

Na figura 17 observa-se o gráfico de distribuição da população ativa do Baixo Mondego pelos diferentes setores da atividade económica, podendo afirmar-se que os setores económicos com maior relevância são o “comércio por grosso”, as “atividades de saúde humana” e a “construção”. Com menor relevância, mas ainda com expressão económica significativa, surgem as categorias: “atividades de consultoria”, “alojamento e restauração”, “atividades administrativas”, “educação” e “agricultura”. As categorias restantes não mencionadas apresentam valores pouco expressivos na região.

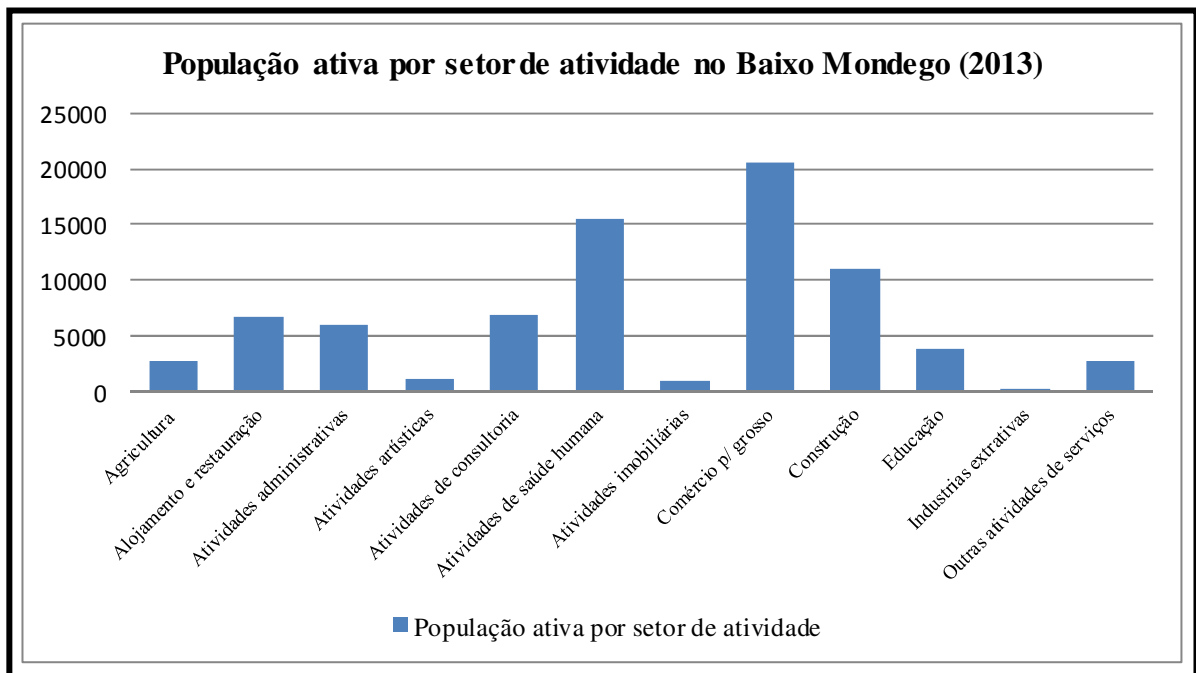


Figura 17- População ativa por setor de atividade no Baixo Mondego. Fonte: adaptado de INE, 2013

É de referir que em 2013, segundo dados do INE, Coimbra surge como sendo o concelho que suporta o maior número de empresas, sendo que aqui se pode encontrar cerca de 70% das empresas dedicadas à prática de serviços de saúde, 44% das empresas referentes a

comércio por grosso e 32% das empresas destinadas a serviços de construção. Este domínio do concelho de Coimbra ocorre em todos os setores económicos apresentados na figura 17, com exceção do setor da agricultura em que se apresenta um domínio do concelho de Montemor-o-Velho (26%), muito devido às empresas e espaços dedicados predominantemente ao cultivo de arroz, milho e produção de leite.

### 2.5.2. Especialização económica regional

O quociente de localização para o Baixo Mondego, comparativamente com outras regiões-padrão (neste caso Região Centro e Portugal), é um fator profícuo na medida em que permite avaliar o grau de concentração de uma determinada atividade económica.

Efetivamente, trata-se de uma ferramenta frutuosa especialmente quando se pensa em implantar projetos que possam vir a ter impacto no desenvolvimento local e regional (Tab. 2), pois é sensato compreender se existe especialização económica na região de trabalho analogamente a outras regiões envolventes.

Tabela 2- Quocientes de localização (QL) entre o Baixo Mondego e o Centro, e entre o Baixo Mondego e Portugal.

<b>Atividades económicas</b>	<b>QL_Baixo Mondego_Região Centro</b>	<b>QL_Baixo Mondego_Portugal</b>
<b>Agricultura</b>	0.8379	0.9305
<b>Alojamento e restauração</b>	1.2993	0.8800
<b>Atividades administrativas</b>	1.3383	0.5590
<b>Atividades artísticas</b>	1.5134	1.0161
<b>Atividades de consultoria</b>	1.6777	1.1561
<b>Atividades de saúde</b>	2.8425	2.3389
<b>Atividades imobiliárias</b>	1.2238	0.7637
<b>Comércio p/ grosso</b>	1.1690	0.9570
<b>Construção</b>	1.0674	1.0158
<b>Educação</b>	1.7411	1.4410
<b>Indústrias extrativas</b>	0.5409	0.7042
<b>Outras atividades de</b>	1.4068	1.0727

Fonte: adaptado de INE, 2013

Relativamente aos valores do Quociente de Localização entre o Baixo Mondego e a Região Centro, pode-se observar que atividades de consultoria, educação e atividades de saúde surgem em maior força no Baixo Mondego (valor relativamente superiores a 1), muito

devido ao peso de Coimbra, já que este concelho é a “capital” da saúde, educação e serviços de consultoria.

Já quanto aos valores comparativos entre o Baixo Mondego e Portugal, observa-se que existem atividades com importância similar (valores próximos de 1) como a agricultura, o comércio a grosso, a construção e as atividades artísticas. O mesmo já não acontece com a educação e as atividades de saúde humana onde o Baixo Mondego se apresenta com maiores *performances*.

### 2.5.3. Perfil produtivo

O Baixo Mondego tem apresentado bons ritmos de crescimento, regularmente superior ao da Região Centro e mesmo ao nacional.

Se compararmos os valores do PIB (Tab. 3), compreendemos o bom desempenho mostrado pelo Baixo Mondego, já que regista valores superiores aos valores da Região Centro e de Portugal.

Tabela 3- Tabela referente ao PIB *per capita* a preços de mercado em diferentes regiões (Portugal, Região Centro e Baixo Mondego) de 2006 até 2010.

<b>PIB <i>per capita</i> a preços de mercado</b>					
<b>Região/Ano</b>	2006	2007	2008	2009	2010
<b>Portugal</b>	15.197	15.961	16.191	15.848	16.223
<b>Região Centro</b>	12.730	13.311	13.289	13.181	13.537
<b>Baixo Mondego</b>	14.722	15.383	15.606	15.637	16.154

Fonte: adaptado de INE, 2013

Note-se que em termos de crescimento do PIB, o afastamento do Baixo Mondego em relação à Região Centro e a aproximação à média nacional, só não são maiores devido a uma quebra demográfica. Pode-se concluir que ao longo de vários anos tem havido um aumento na produtividade do Baixo Mondego, correspondendo a uma evolução económica que acaba por estar associada a um aumento da qualidade de vida da população.

É ainda de mencionar que a região do Baixo Mondego regista normalmente valores referentes à taxa de desemprego inferiores aos da Região Centro e inclusive de Portugal. Recentemente (fevereiro de 2014) o INE informa que a Região Centro teve a taxa de desemprego mais baixa do País (10,7% enquanto a média nacional foi de 15,3%).

À data dos censos de 2011, os concelhos com taxas de desemprego mais reduzidas eram Cantanhede, Condeixa-a-Nova, Penacova e Montemor-o-Velho.

## CAPÍTULO 3. CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO NO BAIXO MONDEGO

### 3.1. Recursos turísticos e atratividade da região

A região do Baixo Mondego é muito rica no que diz respeito ao capital patrimonial natural e cultural, tendo nisto sido influenciada pela passagem de vários povos e civilizações ao longo dos tempos (Romanos, Árabes, Lusitanos, etc.), que foram moldando as formas e hábitos da paisagem natural e construindo os seus espaços culturais (património edificado) relacionados com arte sacra, história de arte e etnografia, entre outros.

Devido a estes factos há uma quantidade assinalável de museus nesta região NUT III. Na figura 18 encontram-se esquematicamente os principais recursos turísticos do Baixo Mondego.

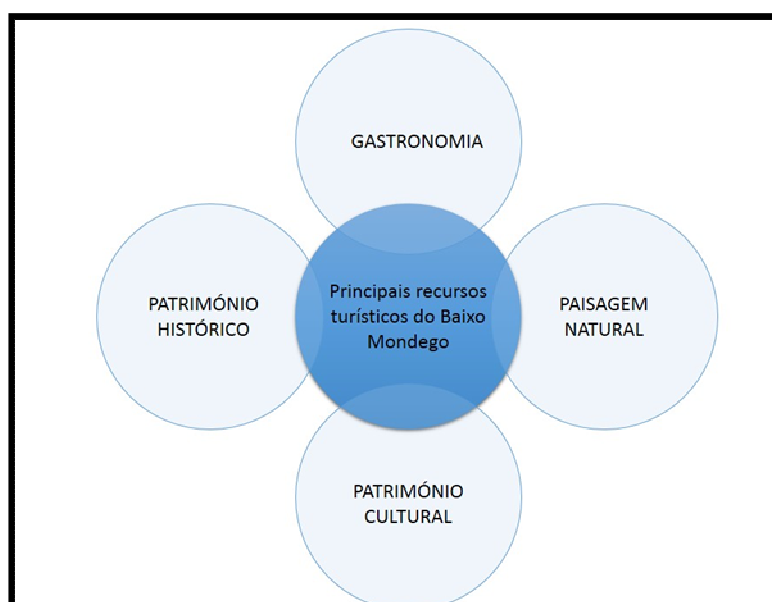


Figura 18- Principais recursos turísticos do Baixo Mondego.

A gastronomia é claramente um ponto forte em toda a região do Baixo Mondego, muito marcada pela presença do Arroz Carolino do Baixo Mondego, acompanhado habitualmente por peixes de rio e do mar, bem como por algumas carnes, havendo também diversos pratos, petiscos e iguarias, característicos da zona da beira-mar.

A acompanhar as refeições típicas da região, existe um conjunto de “sobremesas” oriundas da herança de doçaria conventual (ex. pasteis de Tentúgal, Queijadas de Pereira, etc.). Há

ainda que ressaltar a presença de vinhos feitos na região em análise bem como em regiões vizinhas (ex. Bairrada).

A paisagem natural nesta zona alberga espaços naturais com valor turístico. Existem inúmeros lugares com grande diversidade e biodiversidade, como as praias marítimas e fluviais, as margens do Rio Mondego (e respetivos afluentes) e seu estuário, um conjunto de zonas húmidas de grande importância, diversas matas e jardins com valor histórico e paisagístico que, sem esquecer as zonas agrícolas embora humanizadas (ex. campos orizícolas), que conferem uma paisagem única e característica à região do Baixo Mondego sendo importantes para a fauna e flora.

O património histórico-cultural apresenta-nos uma grande riqueza a nível de culturas e tradições em toda a região, através do Fado e de várias tradições académicas na cidade de Coimbra, da pesca na linha de costa marítima (arte xávega) e no Rio Mondego, da orizicultura no vale do Rio Mondego, da produção de sal em torno da Ilha da Morraceira, não esquecendo ainda um conjunto de histórias (ex. romance de Pedro e Inês), festas (ex. Festa da Cidade de Coimbra) e personalidades relacionadas com esta região que deram inclusive origem a museus (ex. Casa Museu Miguel Torga) e casas históricas.

Pode-se encontrar em todo o Baixo Mondego um grande conjunto de edifícios históricos que mostram a evolução da civilização desta região bem como os seus hábitos, tradições e culturas. Entre os monumentos mais visitados encontram-se os Castelos de Montemor-o-Velho e de Soure, o grande conjunto de igrejas e capelas históricas (ex. Igreja de Santa Cruz, Sé Velha, Santa Isabel, etc.), o Forte de Santa Catarina, os mosteiros e conventos (ex. Convento de Santa Clara a Velha, Mosteiro de Celas, etc.), a Universidade de Coimbra (património UNESCO), a Rua da Sofia e seus edifícios (património da UNESCO), jardins históricos (ex. Jardim do Botânico de Coimbra, Jardim da Quinta das Lágrimas, etc.), lagares, adegas, fábricas históricas, ruínas com valor arqueológico, museus etnográficos com valor arquitetónico, entre muitos outros lugares com interesse cultural.

É de apontar que o Baixo Mondego tem muitos recursos turísticos nestas diferentes vertentes, o que faz com que a oferta a nível de recursos seja muito diferenciada, diversa e completa.

No recente *Estudo de Avaliação de Atratividade dos Destinos Turísticos de Portugal Continental (2009)* alguns recursos como o património histórico, a paisagem natural e a gastronomia surgem como os maiores fatores de atratividade da Região Centro, sendo inclusive variáveis acima da média da atratividade nacional.

Para grande parte dos turistas quando ocorrem referências ao Baixo Mondego há uma maior tendência para se destacar algumas zonas de imagem de marca como o litoral (destacando o clima e paisagem), Coimbra (valorizando a vertente cultural) e ainda outras cidades e vilas, sendo que estas estão mais relacionadas com a oferta a nível gastronómico, histórico e cultural.

### **3.2. Oferta – equipamentos e serviços turísticos**

O Baixo Mondego oferece uma área rica e diversificada de recursos passíveis de serem usados em prol do turismo, especialmente no que diz respeito ao património natural e cultural. Contudo, a boa distribuição de recursos por esta região não é equivalente à oferta turística apresentada pelos diversos concelhos, havendo assim grandes disparidades e carências nesta NUT III.

De modo a compreender melhor a situação atual da oferta turística do Baixo Mondego é de apreciar algumas considerações e factos relevantes:

- Conforme análise do *Anuário Estatístico da Região Centro 2012* (INE, 2013), Coimbra e Figueira da Foz apresentam-se como os maiores centros urbanos, possuindo a maioria dos alojamentos (cerca de 70%) existentes na região. Coimbra ultrapassa a Figueira da Foz, quer no número de estabelecimentos quer na capacidade de alojamento, concentrando-se aqui cerca de 50% do alojamento do Baixo Mondego. A tipologia de Hotel existe em maior número (incluindo das cidades supramencionadas), sendo que são os hotéis que reúnem a maiores capacidades de alojamento, registando assim o maior número de dormidas por ano (em média mais de 450.000). Em 2013 os hotéis mais procurados na Região Centro foram os de três e de quatro estrelas. Já os concelhos de Montemor-o-Velho, Condeixa-a-Nova, Mira, Soure, Penacova e Cantanhede representam, geralmente, apenas cerca de 20% do valor total de unidades de alojamento da região. Entre estes concelhos Mira é o que tem a

percentagem mais elevada de oferta de unidades de alojamento, muito devido ao turismo de sol e mar.

- Em torno do eixo Coimbra – Figueira da Foz, zona de notável riqueza a nível de património cultural e natural, e importante área de ligação entre os dois grandes centros aglutinadores da região, observa-se grande carência de oferta de alojamento, havendo apenas um pequeno hotel (Hotel Abade João) e duas casas de campo<sup>7</sup> em Montemor-o-Velho e outras duas em Soure (Casa da Avó Glória – Quinta de São João do Vale).

- No que diz respeito aos empreendimentos de turismo em espaço rural existem cerca de 10 unidades destinadas a alojamento sendo a tipologia Casa de Campo a que mais se pode encontrar (o mesmo acontecendo na Região Centro<sup>8</sup>).

- Apesar de existirem várias empresas de animação turística sediadas na região, é de assinalar que há uma grande escassez de empresas e atividades de animação turística fora de Coimbra e Figueira da Foz, e em especial no eixo entre estas duas cidades, onde se pode encontrar diversos recursos turísticos, muito baseados em património natural, histórico-cultural e gastronómico, recursos que acabam por não ser rentabilizados de acordo com as suas potencialidades.

- Em termos de postos de informação turística pode-se encontrar pelo menos um posto em cada concelho pertencente ao Baixo Mondego, sendo que em Coimbra há mais do que um. À exceção dos postos de turismo de Coimbra (muito vocacionados para o turismo urbano cultural) e Figueira da Foz, verificam-se várias limitações e debilidades na informação sobre atividades e potencialidades turísticas.

Referem-se em seguida alguns dos recursos turísticos relacionados com o património histórico-cultural e gastronómicos mais procurados:

- Na zona litoral (Figueira da Foz e Mira) são valorizadas as tradições relacionadas com atividades piscatórias, museus e infraestruturas relacionadas com as tradições ligadas ao

---

<sup>7</sup> Estes alojamentos estão habitualmente reservadas a federações de desporto e para equipas e atletas de alta competição (quer Portugueses quer estrangeiros) ligados ao remo ou canoagem. A presença destas entidades e atletas relacionados com o desporto acontece devido à proximidade da pista de Remo de Montemor-o-Velho.

<sup>8</sup> Na Região Centro no que diz respeito a Turismo Rural evidencia-se na Beira Interior a Rede de Aldeias do Xisto constituída por 24 aldeias históricas (ADXTUR, 2008), havendo aqui uma forte aposta em turismo gastronómico e de natureza.

mar (ex. faina maior, salga de bacalhau, produção de sal, etc.). Nesta zona o pescado retirado da costa de prata é muito apreciado e procurado.

- Entre Coimbra e Figueira da Foz há procura de vários produtos gastronómicos típicos, como o Arroz Carolino, a Lampreia e vários peixes de rio (Enguias, Barbos, Ruivacos, Pardelhas, etc.), doçaria conventual de Tentúgal e de Pereira.

- Em termos de património histórico-cultural, há uma grande procura pelo centro histórico de Coimbra e também (com procura inferior) pelos centros históricos de Pereira, Montemor-o-Velho e Tentúgal.

- Estão entre os eventos mais procurados a Queima das Fitas (Coimbra), a Festa da Rainha Santa Isabel (Coimbra), o Festival do Arroz e da Lampreia (Montemor-o-Velho), a Feira Medieval (Montemor-o-Velho), o Festival Citemor (Montemor-o-Velho), o Festival da Lampreia (Penacova), vários festivais gastronómicos na Figueira da Foz, etc.

O Baixo Mondego é também muito procurado pelo património natural (recursos turísticos), destacando-se o turismo balnear nas praias da Figueira da Foz, Tocha e Mira, passeios pedestres e BTT na Serra de Boa da Boa Viagem e Serra do Buçaco<sup>9</sup>, várias praias fluviais ao longo do Rio Mondego, como em Pereira, Santo Varão e Torres do Mondego, locais de observação de avifauna nos vários paus, sendo o Paul de Arzila o mais procurado bem como a zona da Ilha da Morraceira, pesca de costa (de Figueira da Foz até Mira), pesca fluvial no Rio Mondego<sup>10</sup>, vários parques e bosques existentes na cidade de Coimbra<sup>11</sup> e uma forte aposta nos percursos pedestres na zona de Mira e Penacova, com aumento na procura.

### **3.3. Procura – fluxos de turistas e mercados emissores**

De uma forma geral o turismo do Baixo Mondego ainda é dominado pelo turismo de sol e praia, muito devido aos recursos naturais existentes que favorecem esta prática e a estruturas de carácter antropogénico que beneficiam de certo modo este tipo de turismo. Porém, segundo responsáveis pelo setor, nos últimos anos tem-se observado um

---

<sup>9</sup> Apenas parte desta Serra pertence ao Baixo Mondego, pois abrange os Concelhos de Mealhada, Mortágua e Penacova.

<sup>10</sup> Com várias competições ao longo de todo o ano.

<sup>11</sup> Existindo vários percursos pedestres implantados e publicitados

crescimento de outros segmentos de turismo, relacionados com a cultura, a natureza (e a paisagem) e a gastronomia, que se apresentam quer como escolha principal quer como escolha complementar ao turismo de sol e praia.

No que diz respeito à nacionalidade dos turistas que visitam esta região, baseando-nos no *Anuário Estatístico da Região Centro 2012 (2013)*, conclui-se que cerca de 60% é Portuguesa e 40% estrangeira, estando entre os maiores países emissores de turistas a Alemanha, a Espanha, a França e a Itália, países de igual referência para a Região Centro. Genericamente os turistas provenientes destes principais países emissores têm uma idade compreendida entre os 25 e os 49 anos, a sua principal motivação é o lazer e indicam como principais produtos turísticos, Sol e Mar, *Touring Cultural*, *City Break* e Natureza. Grande parte destes turistas mostra tendência para tirar férias entre julho e setembro.

O número total de dormidas por ano no Baixo Mondego habitualmente é superior às 600.000, valor que se distribui essencialmente por Coimbra (mais de 300.000, em 2012) e Figueira da Foz (com mais de 150.000, em 2012). Grande parte deste volume de dormidas ocorre em estabelecimentos hoteleiros, já que é a forma de alojamento que mais predomina na região, com cerca de 30 unidades, distribuídas essencialmente por Coimbra e Figueira da Foz. Em média a estada dos hóspedes é de dois dias e 40% das dormidas ocorrem entre os meses de julho e setembro. Os meses de fevereiro, março e abril mostram uma tendência para taxas de ocupação (quarto) interessantes durante os fins de semana, sendo que no ano de 2012 esta taxa rondou os 50%. Ainda neste ano o valor de proveitos de aposento por capacidade de alojamento foi cerca de 3,4 milhões de euros.

Estando o Baixo Mondego inserido na Região Centro é de se notar que esta NUT II no período de 2006 a 2012 teve um aumento de 270.000 dormidas internacionais e de 4% nos proveitos globais dos empreendimentos turísticos. Os meses de julho, agosto e setembro concentraram cerca de 41% da procura internacional e 36% da nacional, segundo dados do mesmo anuário estatístico.

No Plano Estratégico Nacional de Turismo de 2007, a Região Centro é apontada como um destino prioritário para *Touring*, Turismo de Natureza e Gastronomia e Vinhos, salientando-se a capacidade da região na possível captação de turistas estrangeiros através da aposta em produtos de *Touring* (cultural e paisagístico) e Turismo de Natureza, enquanto património natural, monumentos históricos religiosos e parques naturais são alguns dos

fatores apontados como distintivos para o turismo na Região Centro, pelo que desenvolver rotas temáticas, recuperar edifícios, núcleos históricos e paisagens naturais são algumas das principais ações a desenvolver nesta região.

Segundo o PENT (2013) espera-se que a zona Centro cresça a nível turístico, onde os principais indicadores “Hóspedes por tipo de mercado”, “Dormidas por tipo de mercado” e “Proveitos total” sofram subidas entre os 4% e 7 % até ao ano 2015. Nas previsões turísticas apontadas para esta região dá-se especial atenção às férias de curta duração e a eventos geradores de visitas turísticas.

## **CAPÍTULO 4. ELEMENTOS DO PATRIMÓNIO CULTURAL DA REGIÃO**

### **4.1. Património natural e paisagístico**

No que diz respeito ao património natural e paisagístico do Baixo Mondego pode-se considerar que há uma grande riqueza a este nível, já que os limites desta região vão desde extensas praias banhadas pelo Oceano Atlântico, a Oeste, até ao sopé das terras altas beirãs.

Quando se elabora uma análise do Baixo Mondego é inevitável não destacar o vale central do Rio Mondego e parte de vários dos seus afluentes.

O vale do Mondego foi intensamente explorado pelo Homem, sofrendo várias alterações ao longo dos anos, contudo sempre se manteve plano, fértil e com muita água disponível para rega (Mattoso *et al.*, 2010). No entanto há que destacar alguns acontecimentos ocorridos entre os séculos XIX e XX, que contribuíram para mudanças significativas, como a destruição de matas e florestas reliquiais, a expansão da atividade agropecuária, a florestação de grandes áreas e as obras de regularização do caudal e da bacia hidrográfica do Rio Mondego (Anexo IV).

O último acontecimento referido foi um dos mais determinantes na transformação da paisagem do Baixo Mondego, originando perturbações quer na dinâmica natural do vale do Mondego, quer no seu ciclo hidrológico natural, com a retinilização do Mondego (através da canalização e colocação de diques) que teve como principais consequências:

- Destruição de algumas importantes galerias ripícolas
- Perda de vários maciços arbóreos autóctones
- Interrupção da ligação entre as zonas húmidas junto ao rio e as encostas do vale

Nas planícies aluviais do Mondego pode-se observar o domínio do milheiral, campos orizícolas e zonas de pasto. Nas encostas de declive suave do vale pode-se encontrar em quantidade expressiva olivais e outras culturas de sequeiro, em encostas de declive acentuado a presença de pinhais (essencialmente de *Pinus pinaster*) e eucaliptais, nos últimos anos houve um aumento das áreas destinadas à monocultura de eucalipto, essencialmente destinado à produção de celulose (pasta de papel).

Alguns dos recursos naturais e paisagísticos de maior destaque são:

- Os pauis de Arzila, do Taipal e da Madriz que estão localizados em zonas húmidas classificadas, como Zona de Proteção Especial da Diretiva Aves, membros da Lista de Sítios da Convenção RAMSAR<sup>12</sup> (ICN, 2006), e no caso do Paul de Arzila, ainda como Reserva Biogenética do Conselho da Europa, como biótopo CORINE, como membro da Rede Natura 2000 e como Reserva Natural (ICNF, [s.d.]). Nestas zonas húmidas pode-se encontrar uma grande variedade e riqueza no que diz respeito à fauna e flora (com especial destaque para as aves), havendo inclusive endemismos ibéricos (como a Boga, Barbo e Ruivaco). Algumas das espécies mais características, relevantes e importantes destas zonas húmidas são: Bunho (*Scirpus lacustris*), Caniço (*Phragmites australis*), Tabuas (*Thypha* spp.), Garça Vermelha (*Ardea purpurea*), Lontra (*Lutra lutra*), Gato selvagem (*Felis silvestris*), Milhafre preto (*Milvus migrans*), Lagarto-de-Água (*Lacerta schreiberi*), Águia Sapeira (*Circus aeruginosus*) e Águia Pesqueira (*Pandion haliaetus*) (Paiva *et al.*, 1993).

- Montes de Santa Olaia e Ferrestelo aparece com um sítio classificado onde se pode encontrar uma formação florestal reliquial (coberto vegetal que outrora ocupava o território Centro-Oeste de Portugal) de natureza mediterrânica numa região de influência atlântica. Neste local predominam os carvalhais de *Quercus faginea* (tipicamente mediterrânicos), podendo-se observar diversas associações florísticas associadas a estes carvalhais (Pena e Cabral, 1996).

- A Serra da Boa Viagem, um local com características de relevo a nível geomorfológico, climático e florístico.

- A vegetação (e conseqüente fauna) ribeirinha que ladeiam o Rio Mondego em ambas as margens. Nestas zonas várias espécies de interesse típicas de vegetação ripícola, como Salgueiros (*Salix* spp.), Amieiros (*Rhamnus frângula*), Choupos (*Populus* spp.) (FAPAS, 2005), entre outros.

- Vários parques urbanos como Mata Nacional do Choupal, Jardim da Quinta das Lágrimas, Mata de São Silvestre, Mata da Escola Superior Agrária de Coimbra, Mata da Geria, Jardim Botânico de Coimbra, etc., constituem locais onde apesar de haver uma componente antropogénica muito forte, se pode observar uma grande biodiversidade (bem como várias

---

<sup>12</sup> No nome Convenção RAMSAR deriva do facto de ter sido assinada na cidade iraniana Ramsar.

raridades botânicas), mostrando assim grande riqueza a nível de fauna e flora (Pardal *et al.*, s.d).

No Baixo Mondego o chamado “Vale do Mondego” é talvez a zona mais rica no que diz respeito ao património natural e paisagístico, sendo inclusive considerado uma unidade de paisagem (Abreu, *et al.*, 2004). Na figura 19 consegue-se entender a distribuição de importantes elementos integrantes da paisagem do Vale do Mondego.

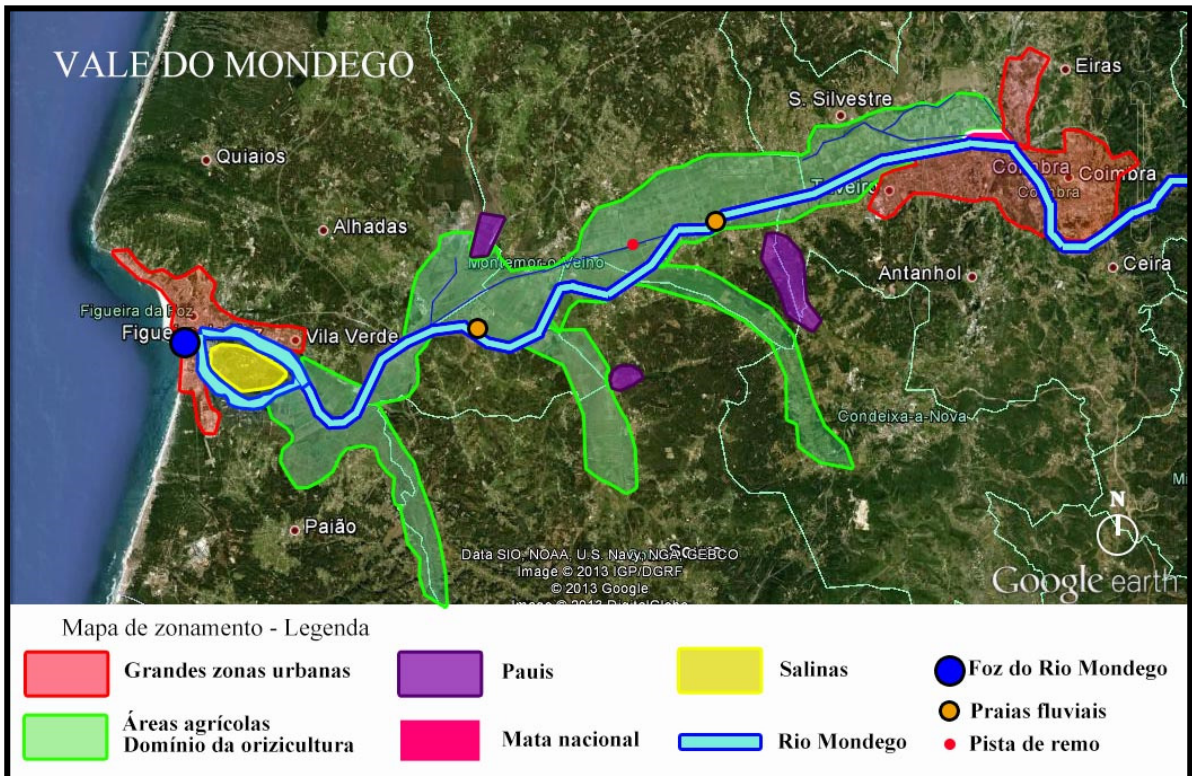


Figura 19- Zonamento representativo do vale do Mondego.

Fonte: adaptado de <http://googleearthonline.blogspot.pt/>, 2013

Verifica-se que esta área está intensamente marcada por atividades agrícolas realizadas em áreas planas em torno do Rio Mondego e vários afluentes, produzindo-se aqui essencialmente arroz e milho, pois grande parte do vale reúne as condições ideais (áreas planas, água em abundância, facilidades de rega, terrenos férteis, estruturas agrícolas, etc.) para estes tipos de produções agrícolas. Pode-se ainda confirmar-se a presença de várias zonas húmidas (pauis), salinas junto ao estuário do Mondego (zona com grande diversidade e riqueza de aves), uma mata nacional (Mata Nacional do Choupal), praias fluviais e dois grandes centros urbanos (Coimbra e Figueira da Foz).

#### **4.2. Património edificado histórico e artístico**

Relativamente ao património edificado histórico e artístico pode-se considerar que está presente e distribuído pelos vários concelhos; porém, é de evidenciar que existem alguns pontos mais conhecidos e procurados pelos turistas que apreciam este tipo de património, como a zona histórica de Coimbra, Montemor-o-Velho e Pereira, sendo que Coimbra domina na quantidade e variedade de património histórico e artístico.

Pode-se encontrar por toda esta região vários edifícios e pontos de interesse quer sejam capelas e igrejas, monumentos, museus, pelourinhos, estátuas, castelos, mosteiros, entre outros. Alguns dos edifícios e pontos de interesse mais procurados são: a Universidade de Coimbra, onde se destaca a Biblioteca Joanina, a Capela de São Miguel, a Sala dos Capelos e a Torre; o Museu Nacional Machado de Castro, que para além de se encontrar num edifício carregado de história com influências romanas, apresenta um grande conjunto de peças de interesse nacional (escultura, pintura, ourivesaria, etc.); o museu Municipal de Coimbra, que é um lugar que permite a interpretação das antigas muralhas de Coimbra, sendo possível voltar aos tempos medievais; a Casa Miguel Torga, um espaço ligado às memórias e vida do escritor; Portugal dos Pequenitos, um espaço dedicado à arquitetura em Portugal; a Sé Nova; a Sé Velha, edifício românico; a Igreja Mosteiro de Santa Cruz; os Mosteiros de Santa Clara-a-Velha e Santa Clara-a-Nova; o Jardim Botânico de Coimbra; os Jardins da Quinta das Lágrimas, relacionados com a história de amor de D. Pedro e Inês de Castro; o Museu da Pedra de Cantanhede; as Ruínas de Conímbriga (cidade romana conhecida desde o séc. VI, a caminho de uma candidatura a património mundial da UNESCO); o Núcleo Museológico do Mar, espaço ligado às tradições de pesca no litoral da Região Centro, onde se contam histórias da pesca do bacalhau e outras histórias das “gentes” do mar; o Núcleo Museológico do Sal, dedicado a contemplar e entender a produção de sal da região, atividade que demonstrou sempre ser importante para a economia da população local; os Museu Etnográfico e Palheiros da Praia de Mira; o Castelo de Montemor-o-Velho, um importante local, já que foi fulcral para a reconquista cristã do território (CMMV, 2013); o Castelo de Soure, um edifício doado por D. Teresa aos templários com vestígios da ocupação árabe e, finalmente, a Alcáçova Real, Palácio das Infantas, de origem medieval, situado em Montemor-o-Velho, que se encontra em ruínas.

### **4.3. Tradições e artesanato**

No que diz respeito a tradições e artesanato, o Baixo Mondego apresenta hábitos muito próprios, sendo que as tradições estão muito relacionadas com o modo de vida das pessoas e recursos desta região.

A nível agropecuário dá-se maior destaque ao cultivo do arroz e milho, sendo a produção de leite, sal, azeite e vinho também um hábito dos lavradores da região. A pesca está também presente nas histórias de muitas famílias que viam os seus familiares partirem para a faina maior (pesca do bacalhau), continuando ainda hoje em dia as tradições piscatórias continuam com muita força no povo desta região. Há alguns anos atrás, para além de haver as típicas peixeiras vendedoras de peixe do mar, havia tradição de comercializar peixe fresco do Mondego, em que as filhas e mulheres de pescadores vendiam porta a porta ou em praça.

Algumas das profissões com mais tradição e que se destacam nesta região são as dos orizicultores, marnotos, resineiros, pescadores, peixeiras, construtores de bateiras e barcas serranas, etc.

Entre os vários produtos provenientes de artesãos da região mereceu maior destaque a louça de Coimbra (pintada à mão), a cestaria em vime, as esteiras de bunho e a ourivesaria<sup>13</sup>

#### **4.3.1. Festividades tradicionais**

Grande parte das festividades tradicionais aqui realizadas são de carácter religioso, havendo festas e romarias durante todo o ano (embora com maior incidência nos meses de verão) nos diferentes concelhos. Algumas das festas com maior destaque são: a festa da Cidade de Coimbra, em honra da padroeira da cidade (Rainha Santa Isabel), a festa da Queima das Fitas e a Festa das Latas dos Estudantes da Universidade de Coimbra (relacionadas com a comunidade estudantil), o Carnaval da Figueira da Foz, as Festas dos Santos Populares, na Figueira da Foz, o Festival de Teatro CITEMOR<sup>14</sup>, em Montemor-o-Velho e a Festa de S. Mateus, em Soure.

---

<sup>13</sup> Na região de Cantanhede há uma grande presença de ourives.

<sup>14</sup> Este festival é organizado pelo Centro de Iniciação Teatral Esther de Carvalho (CITEC); Segundo vários registos pensa-se que o teatro começou a tomar maior importância em Montemor-o-Velho por volta de 1839 (Silva, 2009)

### **4.3.2. Feiras**

Nos concelhos integrantes existem várias feiras, de carácter semanal, quinzenal, mensal e anual, sendo que em grande parte das feiras tradicionais se vende vários produtos como máquinas e produtos agrícolas, refeições, arroz e milho, animais, rações, mobiliário, artesanato, roupa, etc.

As Feiras “dos 5 e 19” e a “dos 7 e 23” são realizadas tal como os nomes indicam (dias, 5, 7, 19 e 23 de cada mês) e são das mais procuradas e conhecidas, sendo que estão muito ligadas aos produtos da terra. Estas são realizadas em Montemor-o-Velho<sup>15</sup> e Coimbra respetivamente.

Estão entre as feiras anuais mais conhecidas a Feira das Cebolas (setembro) e a Feira do Cavalo (agosto/setembro), em Montemor-o-Velho; a Feira Cultural de Coimbra que compreende a Feira do Livro, a Feira do Artesanato, edições musicais, artes plásticas, gastronomia, animação cultural e representações institucionais (abril/maio), a Feira Popular (junho), a Feira da Gastronomia e Artesanato (julho) e a Feira Medieval (junho), em Coimbra; a Feira da Madeira (setembro) e a Feira das Nozes (setembro) em Soure; a Feira do Queijo do Rabaçal (maio), em Condeixa-a-Nova e a Feira Medieval (março), em Arzila.

### **4.3.3. Folclore**

O Folclore apresenta-se como uma tradição forte e bastante apreciada, existindo vários grupos folclóricos envolvidos habitualmente em diversas atividades culturais. Dos vários grupos existentes destacam-se o Rancho Típico do Paleão (Soure), o Grupo Folclórico e Etnográfico de Arzila, o Grupo Folclórico da Ereira, o Grupo Folclórico da A.C.D.R de Meãs do Campo, o Grupo Folclórico de Santo Varão, e o Grupo Folclórico de Ançã, entre outros.

---

<sup>15</sup> Ocorrendo feiras mensais nos dias 5 e 19 na vila de Tentúgal.

#### 4.3.4. Tradições gastronómicas

Grande parte das tradições e hábitos gastronómicos provêm dos campos férteis do Mondego, no Rio Mondego e na “costa de prata” (costa marítima atlântica), sendo que nos pratos tradicionais há grande presença de produtos agrícolas da região (onde o Arroz Carolino surge como um dos grandes protagonistas de sabores) e o peixe de mar e rio.

Para além das fortes tradições piscatórias e agrícolas que dão lugar aos principais pratos, há ainda a tradição de produção animal (com destaque da raça Marinhola), havendo assim diversos pratos típicos de carne evidenciando-se a tradição da matança do porco, aproveitando-se toda a carne, e confeccionando-se vários tipos de enchidos de fumeiro (negritos, morcelas farinheiras, linguças, chouriços, etc.), de modo a que estes “(...) serviam de base alimentar, até à década de sessenta, a todas as classes sociais da gente camponesa” (Oliveira, 2007: 130).

Havia ainda outros hábitos alimentares que aliavam a tradição à necessidade, por conseguinte a população cozia regularmente broa de milho e pão no forno a lenha, hábito que ainda persiste em algumas casas, embora remotamente. Em várias zonas do Baixo Mondego, as mulheres iam à lenha para acender e aquecer o forno, sendo que quem não tinha forno em casa podia recorrer ao “forno da poia” como era chamado, contudo havia uma regra de conduta, este forno era controlado por uma forneira “pagando os interessados à mulher forneira uma compensação também em broa (a poia), por cada fornada cozida” (Oliveira, 2007: 138).

Entre os vários pratos identificadores da região estão o Arroz de Lampreia, o Arroz de Pato, o Arroz de Marisco, o Arroz de Línguas, o Arroz de Cabidela, o Arroz de Bacalhau, o Arroz de Grelos, o Arroz de Sardinha, as Enguias Fritas, a Sopa de Tainha, a Canja de Bacalhau, a Canja de Galinha, a Sopa de Nabos, a Caldeirada, a Feijoada de Buchos de Bacalhau, o Sável de escabeche, a Cabra assada, as Favas à Lavrador, as Iscas de Porco, o Serrabulho de Porco e muitos mais.

Pode encontra-se diversa doçaria de carácter conventual como os Pastéis de Santa Clara, o Manjar Branco, os Crúzios, a Arrufada de Coimbra, a Cavaca de Coimbra, as Pinhas de Montemor, os Pastéis e Queijadas de Tentúgal, as Barrigas de Freira, as Queijadas de Pereira, os Papos de Anjo, as Nevadas, os Pastéis de Lorvão, as Escarpiadas, entre outros. Para além da doçaria de carácter conventual, existe ainda um grande conjunto de doçaria

tradicional, como os Pastéis da Carapinheira, as Papas de Abóbora-menina, o Arroz Doce (estando associado à tradição dos casamentos), a Broa Doce de Abóbora, a Broa de Batata, as Broas do Espírito Santo, os Docinhos de Ovos, as Farófias, o Grão-de-bico Doce, o Leite-creme, a Marmelada, os Ovos Estrelados com Açúcar, as Papas Doces de Porco, o Bolo da Páscoa, os Clementinos, as Velhoses, os Coscorões e as Filhoses.

Em referência aos principais festivais gastronómicos destacam-se em Coimbra os seguintes festivais: Os Caminhos da Baixa - Património Doceiro de Coimbra (março), No Caminho dos Crúzios (julho); na Figueira da Foz<sup>16</sup> evidenciam-se os festivais de Peixes Tradicionais (março), da Sardinha e Cavala (junho), do Marisco (julho), da Caldeirada (setembro), do Bacalhau e Derivados (novembro); já em Montemor-o-Velho podem encontrar-se os festivais: do Arroz e da Lampreia (março), das Francesinhas (agosto), do Caracol (maio), do Arroz e Caça (janeiro/fevereiro), de Doçaria Conventual de Tentúgal (maio), da Queijada de Pereira (abril); pode visitar-se em Cantanhede o festival das Sopas & Pedras (agosto), do Franguito (agosto), Gastronómico de Caça (março) e também as feiras Expofacic (julho/agosto), do Bolo de Ançã (março) e a do Mel (agosto); em Penacova acontecem os festivais da Lampreia (fevereiro), do Mel e do Campo (novembro) e dos Míscaros e do Sarrabulho (novembro/dezembro).

---

<sup>16</sup> No concelho da Figueira da Foz existe uma grande concentração de festivais onde o peixe fresco é rei e o Arroz Carolino endógeno marca muitas vezes presença (Turismo Centro de Portugal, 2010).

## **CAPÍTULO 5. PROJETO AGUILHADA**

### **5.1. Conceito**

O Projeto Aguilhada nasce com a ideia da conceção de um produto de ecoturismo que valorize, preserve e potencie diferentes recursos turísticos do Baixo Mondego. Sendo a tradição orizícola um elemento diferenciador e caracterizador, quer a nível da paisagem, gastronomia, economia, cultura e hábitos de vida, pretende-se promover um turismo cultural sustentável e equilibrado, que parta dos recursos oferecidos pela tradição de produzir arroz e, simultaneamente, utilizando outros recursos de valor turístico, que valorize e potencie os mesmos.

O Projeto Aguilhada recebeu tal designação devido ao facto de os orizicultores desta região terem por hábito converterem a área dos seus terrenos em aguilhadas, sendo que cada aguilhada é equivalente a 540 m<sup>2</sup> (Oliveira, 2013), medida que tem grande carga cultural, chegando-se inclusive a calcular produtividades relacionando os quilogramas de arroz obtidos nas aguilhadas de terreno cultivado. Ao optar por um nome que as “gentes da terra” conhecem e utilizam, pretende-se que os habitantes vejam este projeto como sendo deles, fazendo todo o sentido pois, uma das intenções desde trabalho é efetuar uma aproximação à comunidade local, procurando aproveitar oportunidades para ajudar a resolver alguns problemas relacionados com a orizicultura do Baixo Mondego e, acima de tudo, elevar a vertente cultural do arroz, ao mesmo tempo que se valoriza e incentiva o consumo do arroz “cremoso” do Mondego.

O Projeto Aguilhada marcará a evolução do ecoturismo desta região (e a nível nacional), proporcionando aos turistas momentos de excelência, envolvendo-os em diferentes atividades turísticas, de carácter social, natural ou cultural, sendo a tradição orizícola (e todos os recursos inerentes a esta) destacada e valorizada, potenciando inclusive outros recursos turísticos de valor. Vários equipamentos e estruturas ligados à comunidade local serão disponibilizados aos turistas, permitindo-lhes a vivência de experiências culturais inovadoras e cheias de tradição, história e sabores.

Na figura 20 pode observar-se uma imagem onde se destacam palavras que declaram alguns valores, comportamentos e a identidade desde projeto turístico-cultural. A criação de valor e disponibilização de serviços a todos os turistas e visitantes é missão relevante.



Figura 20- Proposta de valor do Projeto Aguilhada

De modo a promover e distinguir este projeto propõe-se um logotipo identificador e diferenciador (Fig. 21).



Figura 21- Logotipo do Projeto Aguilhada.

Este logotipo pretende representar e enaltecer diferentes aspetos, como toda a região do Baixo Mondego (com mapa desta NUT III e nome), os campos verdes orizícolas, as tradições, a planta do arroz e o Arroz Carolino do Baixo Mondego.

## 5.2. Objetivos e intenções

Destacam-se alguns objetivos e intenções como sendo pontos-chave para a boa realização e concretização deste projeto:

- Envolvimento da população local e consequente criação de emprego
- Valorização da produção de Arroz Carolino regional
- Incentivo ao consumo de arroz do Baixo Mondego e do demais produzido em Portugal
- Conhecimento do arroz (e marcas representativas) produzido no Baixo Mondego
- Estímulo ao uso de técnicas de produção de arroz tradicionais e menos agressivas para o meio ambiente
- Promoção de vários produtos turísticos já existentes e subaproveitados na região
- Valorização da paisagem, tendo em especial atenção à que esteja relacionada com os campos orizícolas
- Oferta de turismo e de outras experiências turísticas inexistentes na região
- Combate à sazonalidade turística, marcada por forte presença de turistas nos meses de verão.
- Promoção de vivências turísticas diferenciadoras e de excelência nas vertentes de turismo rural (ativo e passivo), turismo cultural, turismo gastronómico e turismo de natureza.
- Recuperação de tradições representativas de valores culturais e identificadoras da região, envolvendo-as no enriquecimento das experiências turísticas
- Incentivo às várias atividades e hábitos agrícolas presentes na região
- Recuperação de edifícios, monumentos e infraestruturas de valor cultural
- Aumento de alojamentos em tipologia de turismo rural
- Valorização de diversos produtos endógenos
- Enriquecimento da oferta turística atualmente existente

- Atração de um maior número de turistas estrangeiros
- Fomento da economia tradicional, com especial atenção ao aparecimento de novos orizicultores, agricultores, artesãos, etc.
- Valorização de festivais, festas e eventos (turístico-culturais) atualmente existentes, e estímulo ao aparecimento de novos
- Incentivo ao aparecimento de novos projetos de ecoturismo
- Preservação, valorização e recuperação de recursos naturais e culturais
- Promoção de saberes, hábitos, valores e tradições da população local em prol do sucesso deste projeto turístico
- Oferta de turismo rural ativo e passivo

### **5.3. Tipologias de instalação**

Havendo potencialmente diversos locais com interesse para a instalação do Projeto Aguilhada, a implantação dos diversos edifícios, estruturas e equipamentos necessários ao bom funcionamento deste projeto, poderá seguir, pelo menos três vias:

**- Criação de um projeto arquitetónico e paisagístico de raiz** - Realizar um projeto arquitetónico e paisagístico de raiz, em que será escolhido um local, sendo os edifícios, as estruturas e os espaços projetados e pensados de forma equilibrada, funcional e sustentável, com a preocupação de seguir as traças tradicionais da região e, sempre que possível, optar por métodos construtivos típicos e tradicionais do Baixo Mondego, como a construção em adobe, pedra, tijolo-burro, madeira ou outros materiais.

**- Recuperação e restauro de um espaço ou de uma estrutura já existente** - Recuperar um espaço existente com valor patrimonial, sendo o principal objetivo restaurar e adequar todo o espaço, de modo a que seja possível executar o projeto proposto

Esta recuperação será feita de modo a preservar todo o património arquitetónico existente, realizando-se as alterações mínimas necessárias de modo a ter em conta o bom funcionamento do espaço e possibilitar a implementação do Projeto Aguilhada.

- **Combinação entre espaço existente e novo projeto** - Esta será uma solução de meio-termo entre o aproveitamento de um edifício já existente e a implantação de novas estruturas. Pode ser uma boa opção para quando o espaço escolhido se mostrar reduzido ou com algumas limitações de caráter físico, sendo necessário ampliar ou adicionar novas estruturas.

Independentemente da via de implantação do projeto que se escolha, haverá sempre princípios e comportamentos construtivos e burocráticos inerentes a todas elas como a preservação de património histórico, cultural e natural, uma boa integração paisagística, a preocupação com a população e com os espaços envolventes, o uso de matérias-primas preferencialmente locais, regionais e nacionais, a colaboração com empresas e trabalhadores locais, a escolha de técnicas de construção tradicionais e valorizadoras da região, a opção por materiais provenientes de fornecedores com políticas de sustentabilidade social e ambiental, a integração de especialistas de orizicultura, agricultura, turismo sustentável e de natureza, património cultural, arquitetura sustentável, ordenamento e planeamento urbano, história, entre outros, não descurando a procura da sabedoria e tradição da população local, além de outros procedimentos que visem a sustentabilidade ambiental e social.

É imperativo que o Projeto Aguilhada articule diferentes infraestruturas e ou zonas, funcionando interligados: alojamento, restaurante, espaço-museu, casa de contadores de histórias, loja e mercado, campos orizícolas, adega e taberna, espaço do quintal e eira.

Os vários edifícios integrantes do Projeto Aguilhada poderão ser implantados num só local ou distribuídos por vários pontos da região, visando de ambas as formas uma inclusão da comunidade local.

#### **5.4. Localização e implantação**

Tendo em conta toda a análise e pesquisa já apresentada no decorrer deste trabalho, bem como várias conversas e discussões realizadas em vastas reuniões com diversos profissionais ligados à cultura do Arroz Carolino do Baixo Mondego, considera-se que a localização do Projeto Aguilhada deverá estar fortemente ligada ao “coração” da

orizicultura do Baixo Mondego, espaço este situado nas proximidades de Montemor-o-Velho (freguesias de Paião, Alqueidão e Maiorca e espaços limítrofes).

Expõem-se ainda algumas razões adicionais importantes e determinantes da escolha destas zonas para a inserção deste projeto:

- Forte presença de campos orizícolas
- Proximidade de vários produtores, trabalhadores e industriais de arroz
- Zona das principais indústrias de descasque e embalamento do Arroz Carolino do Baixo Mondego
- Grande riqueza de património natural e cultural com potencial utilização em turismo
- Pontos intermédios das grandes forças turísticas da região (Coimbra e Figueira da Foz)
- Escassez de alojamento e de produtos turísticos
- Vasta oferta de festivais relacionados com o Arroz Carolino
- Excelente relação com a paisagem (inclusive com o Rio Mondego)
- Forte tradição gastronómica
- Zona rica em festas tradicionais
- Forte concentração de campos agrícolas
- Boas acessibilidades
- Forte ligação com a história orizícola da região

Na região existem alguns locais específicos com potencial para instalar o Projeto Aguilhada, lugares estes que nas várias visitas e abordagens ao terreno em estudo demonstraram ter boa localização, grande ligação com o Arroz do Baixo Mondego, bem como outras características muito interessantes, distintas e diferenciadoras para integrar em projetos turísticos, concretamente:

### a) Freguesia de Ereira e zonas envolventes

Freguesia pertencente ao concelho de Montemor-o-Velho, é considerada uma “ilha” num autêntico “mar” de campos orizícolas (Fig. 22), uma vez que é envolvida pelos mesmos. Visto nesta região os terrenos serem ótimos para a cultura do arroz há, assim, uma antiga e grande ligação com a sua produção e com o património cultural inerente.

Para além de nesta zona haver muitos campos orizícolas, vivem aqui muitos trabalhadores (e ex-trabalhadores) do arroz, existem algumas pequenas unidades industriais familiares de arroz, e ainda é possível encontrar restaurantes típicos que valorizam o produto. O Projecto Aguilhada pode ser instalado junto da comunidade local, próximo dos campos de arroz. É de referir que grande parte da população que aqui vive tem o arroz na suas vidas, apresentando histórias, tradições, segredos culinários, entre outras coisas relacionadas com a orizicultura.



Figura 22- Localização de Ereira e imagem vista aérea.

Fonte: adaptada de <http://www.cm-montemorvelho.pt/images/2B02012010.jpg>

### b) Fábrica industrial de Arroz desativada<sup>17</sup> na Freguesia de Gatões

Na freguesia de Gatões residem vários trabalhadores das indústrias do arroz, as quais sempre foram aqui tradição. Nos últimos anos várias fábricas e pequenas unidades de descasque e embalagem de arroz foram fechando devido às dificuldades sentidas no

<sup>17</sup> Fábrica Nunes & Nunes Lda.

mercado, existindo atualmente apenas uma grande fábrica da indústria do arroz (Fábrica da Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho).

Perante o atual cenário desta freguesia torna-se imperioso integrar o Projeto Aguilhada numa unidade industrial desativada. Os campos de arroz estão relativamente próximos e o ambiente que se vive é altamente influenciado pelo património industrial do arroz sendo as características deste lugar bastante interessantes e diferenciadoras.

A fábrica (Fig. 23) ainda possui maquinaria inerente ao seu funcionamento, tendo ótimos atributos para servir de espaço-museu ou outra função relacionada com o Projeto.

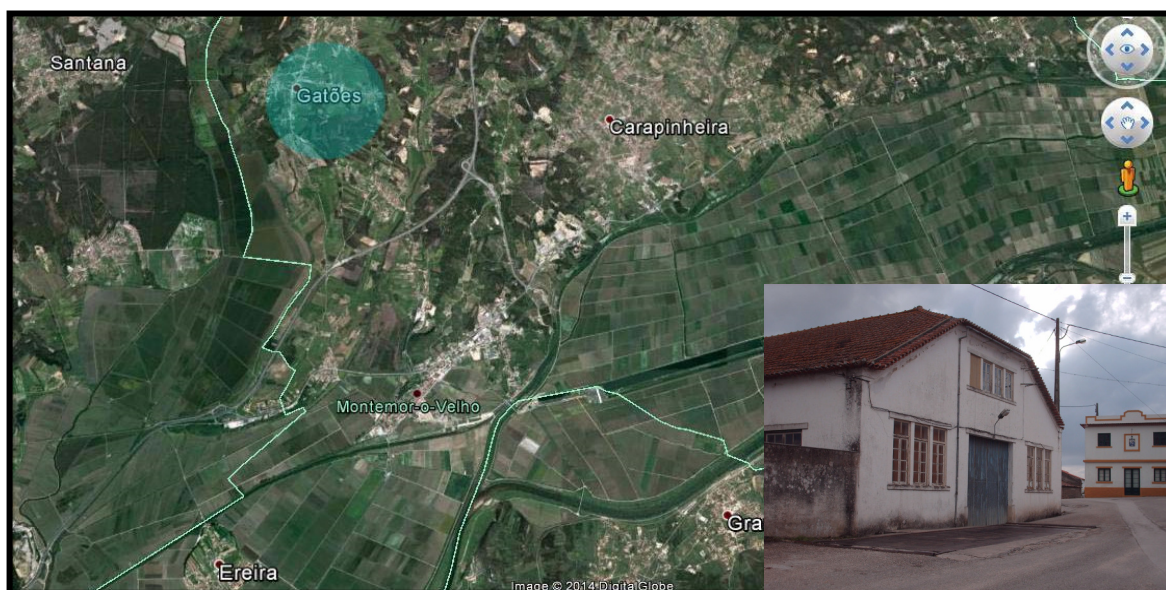


Figura 23- Localização da freguesia de Gatões, com fotografia de fábrica de descasque de arroz desativada.

### c) Mosteiro de Santa Maria de Seça

Este Mosteiro (Fig. 24) de arquitetura religiosa barroca (IHRU, 2011) pertencendo em tempos à Ordem de Cister (DGPC, [s.d.]) encontra-se na freguesia de Paião, rodeado de uma paisagem muito interessante onde os campos orizícolas, espaços agrícolas e florestais fazem parte da vista. Sabe-se que “(...) teve origem numa pequena comunidade de eremitas ou monges, já existente em 1175, os do Lorvão (...)” (Antunes, 2012: 15), chegando a estar na posse dos Crúzios, frades do Convento de Santa Cruz. No séc. XX os proprietários deste

monumento “(...) transformaram a Igreja do Cenóbio numa fábrica industrial de descasque de arroz(...)” (Antunes, 2012: 16) dando-lhe uma nova função.



Figura 24- Região envolvente do Mosteiro de Santa Maria de Seixa, em Vinha da Rainha, com fotografia do edifício.

Este edifício foi classificado em 2002 como Imóvel de Interesse Público e, após 2004, passou a pertencer à Câmara Municipal da Figueira da Foz. Lamentavelmente este património está a degradar-se, não havendo ações de recuperação. Em fevereiro de 2014 a Câmara Municipal da Figueira da Foz procedeu à remoção de algumas telhas de algumas zonas da cobertura do edifício por uma questão de segurança, pois as intempéries provocaram-lhe danos.

No mês de maio de 2014 iniciaram-se processos relativos à limpeza do espaço por parte da Câmara Municipal da Figueira da Foz, sendo que foi solicitado a um “(...) arquiteto e membro da associação a análise dos custos de um projeto para a manutenção das ruínas e para a preservação dos claustros do convento e do espaço envolvente” (Alves, 2014: 16). Notícias recentes revelam que a Associação dos Amigos do Convento de Santa Marida de Seixa pretende apresentar ideias para a requalificação.

O mosteiro ao ser integrado no Projeto Aguilhada irá beneficiar na medida em que será recuperado mantendo todas as suas características arquitetónicas singulares, permitindo continuar a oferecer aos turistas espaços ricos em história e cultura.

#### d) Quintas da Boa Vista e dos Castelos

Localizadas na freguesia de Vila Nova da Barca (Fig. 25) e inseridas em torno do “coração” da produção de arroz do Baixo Mondego, encontram-se num local ótimo para a integração no Projeto Aguilhada, sendo que estão ladeadas de vários terrenos puramente agrícolas e a poucos metros de outros onde se cultiva Arroz Carolino.

Para além disso estas quintas, com estruturas habitacionais e agrícolas, estão muito próximas do Rio Mondego (numa cota mais elevada por causa do risco de cheia), o que contribui para um enquadramento paisagístico particular e de grande riqueza em fauna e flora.



Figura 25- Quintas da Boa Vista e dos Castelos, na aldeia do Marujal, com fotografias das mesmas, respetivamente.

Existem poucos dados bibliográficos que possam informar mais sobre este património histórico. Contudo, não há dúvidas de que têm grande valor (cultural e histórico), tendo inclusive uma relação íntima (histórica) com a produção de arroz e com a agricultura em geral.

Através de dados facultados pela Câmara Municipal de Montemor-o-Velho sabe-se que estes espaços tiveram origem por volta do século XVIII, com ligação a Rodrigo Afonso, vedor do duque de Aveiro. A Quinta da Boa Vista teve como proprietário Francisco Xavier Craesbech, ouvidor da comarca de Montemor.

Já a Quinta dos Castelos mudou recentemente de dono, sendo que o seu último proprietário foi o Eng.º Carlos Laranjeira, homem ilustre muito acarinhado por todos aqueles que trabalham no arroz, pois foi um dos que mais lutou até hoje pela valorização do Arroz do Baixo Mondego (apresentando-o como um dos melhores e mais saborosos do mundo), falecido recentemente, no verão de 2013.

Atualmente estas duas quintas históricas são privadas, pertencendo ao Sr. Pinto Costa<sup>18</sup>, que é um dos maiores e mais experientes produtores de arroz desta região, tendo mais de 200ha de “terrenos alagados”.

### e) Quinta de Fôja

Envolvida por um “mar” de arrozais esta quinta é como um autêntico cais. Estando num ponto topograficamente baixo, tem sobrevivido ao longo dos anos a várias cheias.

A Quinta de Fôja (Fig. 26) pertence à Sociedade Agrícola da Quinta de Fôja S.A., localizada na freguesia de Maiorca, do concelho da Figueira da Foz, foi em tempos domínio do antigo Castelo de Santa Eulália e situa-se relativamente perto do Paul do Taipal e dos Montes de Santa Olaia e Ferrestelo.

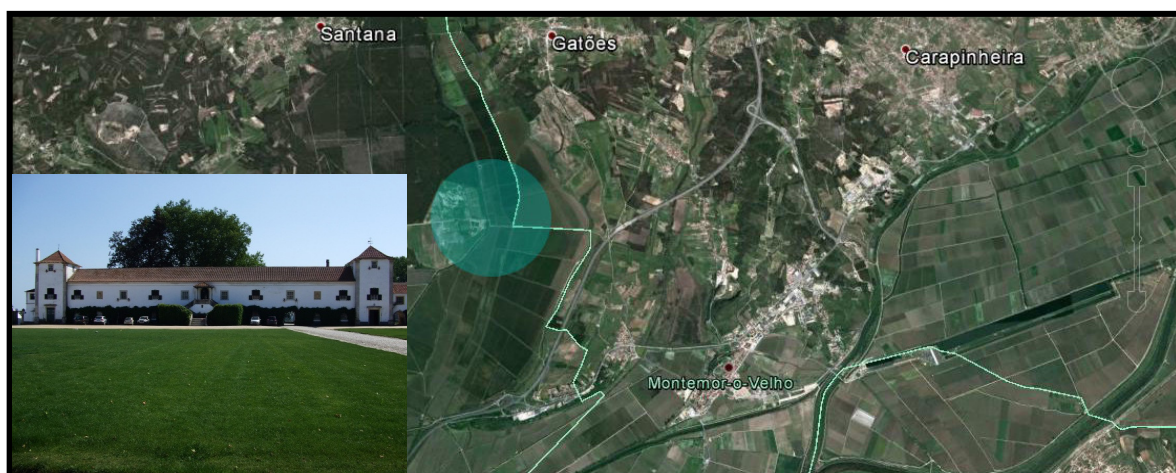


Figura 26- Quinta de Fôja, na freguesia de Maiorca, com fotografia do edifício. Fonte: adaptada de <http://www.origens.pt/files/content/f2/e4/2646.jpg>

<sup>18</sup> O Senhor Pinto Costa, ligado à Associação de Orizicultores Portugueses e sua esposa Sra. Helena, pioneira na produção de arroz biológico, são grandes conhecedores do património inerente à cultura do arroz, acreditando que as tradições da região, aliadas ao arroz, podem ser importante motor turístico, estando assim abertos a desafios e apostas turísticas inovadoras que valorizem o arroz do Mondego.

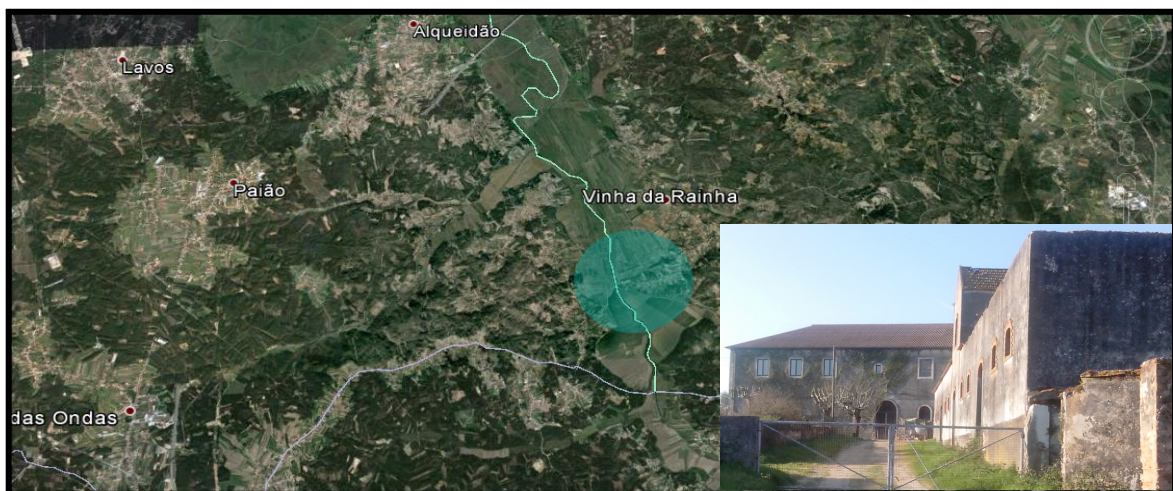
O espaço envolvente desta quinta tem uma ligação histórica com a agricultura. Segundo Bobone (2005) o aproveitamento agrícola do Paul de Fôja iniciou-se no séc. XVI, sendo que o Mosteiro de Santa Cruz procedeu ao aforamento deste paul a Fernão de Pina em julho de 1519.

Após vários anos de exploração agrícola a administração dos campos sentiu a necessidade de construir um edifício de suporte às atividades agrícolas e “(...) por isso os Padres sentiram, desde 1592, a necessidade de construir uma casa de habitação (...)” (Bobone, 2005: 78). Em meados do séc. XVII este espaço, já com várias infraestruturas, ganha o nome de Quinta de Fôja.

A produção de arroz nos terrenos desta quinta faz-se há vários séculos, havendo assim uma grande cumplicidade com a tradição orizícola.

#### f) Quinta do Seminário

Esta quinta (Fig. 27) sempre esteve muito relacionada com a produção de arroz e também de milho, azeite e vinho. Pertenceu a Pedro Guterres e, em 1166, foi vendida ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Conhecida por Quinta de Queitide, contudo passou a chamar-se Quinta do Seminário devido a ter pertencido a um estabelecimento de ensino eclesiástico (Conceição, 1942: 307). Mais tarde, no século XIX, a quinta foi colocada à venda em hasta pública, tendo sido adquirida por um particular que reconstruiu a casa de habitação e a



capela.

Figura 27- Quinta do Seminário, em Vinha da Rainha, com fotografia do edifício.

Atualmente encontra-se num estado de conservação razoável, tendo dois proprietários, sendo que um deles possui a capela e o outro todas as restantes estruturas. A sua história prossegue relacionada com o arroz, pois o proprietário, detentor da maior parte das infraestruturas é um produtor local de arroz que continua a utilizar este espaço como apoio à cultura deste cereal.

## **5.5. Principais infraestruturas**

### **5.5.1. Alojamento CEIFEIRA**

Com a atribuição desta designação pretende-se recordar as ceifeiras e mulheres com outras funções, que habitualmente “(...) dormiam todas juntas, em celeiros ou telheiros, que o lavrador lhes punha ao dispor para o efeito, em cama feita de palha de arroz estendida, e, com alguns cobertores agasalhavam-se do frio (...)” (Bento, 2009: 27).

Sendo o alojamento uma das peças fundamentais deste projeto, na medida em que possibilitará a fixação de turistas. Assim, sugerem-se algumas hipóteses para o mesmo:

- Sinergias com unidades de alojamento já existentes na região, tendo em atenção os dois grandes polos aglutinadores de alojamentos turístico, obrigando esta opção a um maior grau de atenção ao transporte dos turistas entre os diferentes pontos do projeto.
- Recuperação e adaptação de quintas históricas aderentes (Quinta da Fôja, Quinta da Boa Vista, Quinta dos Castelos, Quinta do Seminário, Quinta do Canal, etc.) relacionadas com a orizicultura da região. É possível utilizar uma ou mais quintas para alojamento, podendo inclusive funcionar em rede. No Anexo V pode ver-se a localização de diferentes quintas históricas relacionadas com a produção de arroz da região. As tipologias de alojamento mais adequadas seriam o Hotel Rural e o Agroturismo.

- Criação de uma rede de casas típicas<sup>19</sup> e históricas da região. Uma vez que grande parte dos pontos sugeridos para implantação do Projeto Aguilhada abrangem várias zonas históricas (Pereira, Tentúgal, Montemor-o-Velho, etc.) bem como por várias aldeias de cariz arquitetónico tradicional, é possível e desejável que o alojamento possa instalado em casas ou quintas com elevado valor arquitetónico histórico ou tradicionais. É de referir que existe um grande número deste tipo de edifícios para venda, estando desabitados, ou devolutos, como se pode ver no Anexo VI, havendo a possibilidade de serem convertidas em alojamentos turísticos. As tipologias de alojamento mais adequadas seriam a Casa de Campo, o Hotel Rural e o Alojamento Local.

- Construção de raiz de unidades de alojamento, com a particularidade de estarem inseridas nos campos orizícolas, relacionadas com a cultura do arroz. Os turistas utilizadores deste espaço poderão contemplar a paisagem (que vai sofrendo alterações ao longo do ano) e participar nas várias operações agrícolas realizadas ao longo da cultura do arroz. Na época em que os estiverem completamente alagados não será afetado o acesso aos alojamentos na medida em que estes estarão sobrelevados sendo o transporte dos turistas para as casas feito à moda antiga, numa bateira<sup>20</sup> (transporte que era muito usado na região). Sugerem-se as seguintes tipologias de alojamento: Casa de Campo e Agroturismo.

No Anexo VII apresentam-se várias imagens exemplificadoras de alojamentos turísticos inseridos em campos orizícolas.

No caso de as unidades de alojamento estarem afastadas das diferentes zonas integrantes do Projeto Aguilhada, disponibilizar-se-ão transportes à moda antiga, como as típicas bicicletas do Baixo Mondego (Anexo VIII) e as carroças puxadas habitualmente por gado asinino (Anexo IX).

---

<sup>19</sup> No artigo *Arquitectura Popular no Baixo Mondego* (1991) Luís Marçal de Oliveira enumera vários tipos de casas típicas da região, como, “A Casa com patim”, “Casa com sobrado” e “A casa dos cantos” (Oliveira, 1992)

<sup>20</sup> Bateira é o nome dado a um barco típico da região do Baixo Mondego, podendo também ser chamado por barco do lavrador. Movimentado com recurso a uma vara e sem vela, servia para diversas funções como a pesca, o transporte de pessoas e gado, a recolha de limos, a sementeira do arroz, entre outras (Oliveira, 2013).

### 5.5.2. Restaurante ADIAFA

*Ao almoço arroz comi*

*Ao jantar arroz me pôs*

*Se à tarde te portas mal*

*À ceia dou-te o arroz*

(Oliveira, 2007: 59)

Construído e decorado de forma tradicional e sustentável, de preferência virado para os campos de arroz aqui saboreia-se o Arroz Carolino do Baixo Mondego contemplando-se simultaneamente a paisagem.

A designação atribuída a este restaurante deve-se à grande festa chamada Adiafa, que tinha por hábito realizar-se quando se davam por concluídas as plantações e mondas. Era costume o patrão oferecer uma ceia aos trabalhadores, sendo que de seguida a música e os “corridinhos” não faltavam. Muitas das músicas cantadas eram versos feitos pelas “raparigas” trabalhadoras.

Neste restaurante será usada toda a sabedoria e tradição das gentes do Baixo Mondego, servindo-se refeições tradicionais onde o Arroz Carolino do Baixo Mondego é o ator principal, associado aos melhores sabores da região.

Conforme já referido, alguns dos pratos de arroz mais típicos da região que podem vir a ser servidos são: Arroz de línguas de bacalhau, Arroz de bacalhau, Arroz de sardinha, Arroz de enguias, Arroz de lampreia, Arroz de cabidela, Pato à moda do Mondego, Arroz de marisco, Arroz de tomate com “jaquinzinhos”<sup>21</sup>, Arroz de tamboril, Arroz com sável de escabeche ou frito, Arroz de polvo, Arroz com ruivacos fritos, Papas de arroz, Arroz à

---

<sup>21</sup> Carapaus fritos de tamanho pequeno.

jardineira, Arroz de azedos, Arroz de “cricos”<sup>22</sup>, Arroz de feijão, Arroz de grelos, Arroz à antiga, Bolos de arroz, Arroz doce, Morcela de arroz, Arroz doce no forno, Pudim com arroz, etc.

Todos os ingredientes aqui usados serão da melhor qualidade, obtidos de forma biológica ou da forma mais sustentável e equilibrada possível, fornecidos pelas terras integradas no Projeto Aguilhada e por muitos outros agricultores, pescadores, doceiras, produtores e por todos aqueles que queiram fornecer os produtos endógenos da região do Baixo Mondego com a qualidade requerida.

Os turistas e visitantes que degustarem os pratos aqui confeccionados, se desejarem, poderão comprar (no espaço da loja) uma boa parte dos ingredientes que são usados. Esta ação irá beneficiar todos os fornecedores do restaurante.

Sendo este arroz conhecido pela famosa goma e suavidade “(...) com camada superficial lisa e oleosa e grande capacidade de absorção dos condimentos” (DGADR, [s.d], p.10) reunindo sabores e alimentos. Assim que a refeição esteja confeccionada o tacho será colocado na mesa, à moda da gente da terra que sabe que o Carolino não gosta de esperar pelos últimos a chegar.<sup>23</sup>

No Restaurante Adiafa haverá uma enorme cumplicidade entre o arroz e todos os outros ingredientes a ele adicionados, optando-se sempre pela frescura, sabor, qualidade e tradição. Alguns ingredientes de maior relação com o modo de funcionamento e os ideais da unidade Aguilhada, são:

- **Carpa Comum** (*Cyprinus carpio*), há muitos anos faz parte das águas do Rio Mondego é muito procurada por pescadores e apreciadores de petiscos gastronómicos à moda do Mondego. Este tipo de peixe é um dos símbolos de sustentabilidade e equilíbrio deste projeto.

As Carpas, reproduzidas em viveiro, serão introduzidas nos campos de arroz de modo a ajudarem os orizicultores a terem um tipo de produção mais saudável e sustentável. Estes peixes comem as pragas (ex. broca do colmo e a lagarta da folha do arroz), eliminando

---

<sup>22</sup> Berbigão.

<sup>23</sup> Os pratos confeccionados com Arroz Carolino têm a característica de ter uma suavidade e uma goma deliciosas, contudo têm de ser servidos após serem confeccionados, caso contrário o arroz começa a ficar “preso” e seco.

infestantes e até folhas danificadas ou doentes e fazendo com que haja menos necessidade de aplicar pesticidas à cultura.

Para além de este peixe ter um efeito controlador, é também muito importante na fertilização dos campos orizícolas, fazendo com que o solo e a água fiquem mais ricos em nutrientes, proporcionando um ambiente ótimo para o desenvolvimento das plantas do arroz.

No final do ciclo da cultura, os peixes serão recolhidos, podendo ser utilizados em pratos gastronómicos aqui confecionados, ou introduzidos no Rio Mondego se assim for o desejo das entidades responsáveis pela componente ecológica. Poderá ainda proporcionar-se a venda dos peixes a interessados (turistas ou outros), podendo ser usados em lagos, piscinas biológicas ou em outras situações.

- **Pato-real** (*Anas platyrhynchos*), muito apreciado por caçadores e por aqueles que gostam da gastronomia do Baixo Mondego, já que o Arroz Carolino acompanhado de pato é um prato gastronómico muito procurado e apreciado.

Esta espécie “(...) frequenta regularmente os campos agrícolas, em particular os arrozais, visto estes constituírem um meio de transição entre o meio aquático natural e o meio agrícola terrestre (...)” (Rodrigues, 1998: 2).

Durante muitos anos defendeu-se que os patos prejudicavam de forma significativa a cultura do arroz, no entanto, por vezes os caçadores poderão ter mais impacto do que os próprios patos. Em termos de rendimento os prejuízos não são significativos. Segundo Rodrigues (1998) a diminuição de produção pode ser afetada na ordem do 0,4%. Após as sementes da planta de arroz estarem fixadas, os patos consomem as sementes de infestantes e várias pragas (ex. caracóis, lagostins, etc.), fazendo com que haja maior equilíbrio durante o ciclo de produção do arroz.

Assim sendo, devido à grande ligação que os patos sempre tiveram com o arroz e a comunidade local, aqui será possível alimentar patos e saboreá-los acompanhados de arroz Carolino, possibilitando a degustação de uma combinação de sabores entre os dois ingredientes.

- **Lagostim Vermelho do Louisiana** (*Procambarus clarkii*), o lagostim vermelho do Louisiana é sempre uma preocupação para os orizicultores na medida em que têm por hábito alimentar-se de sementes e de rebentos jovens da planta *Oryza sativa*, contribuindo

ainda para a perda de água dos canteiros de arroz (devido às suas movimentações). Neste caso, a vingança é um prato que se serve quente, pois os lagostins serão servidos acompanhados de Arroz Carolino do Mondego.

Todos os turistas e outros interessados poderão contribuir em ações de “caça” de lagostim nos campos de arroz, controlando-se uma praga e saboreando-se um petisco. Esta “lagosta do rio” poderá vir a dar lugar ao festival do Lagostim.

É de referir que, atualmente, vários orizicultores, por volta de março, facultam os canais de água dos seus terrenos a pescadores de lagostins.

O Restaurante Adiafa estará altamente relacionado com o meio económico e social envolvente, trazendo inúmeros benefícios como se pode entender pelo exposto na figura 28.

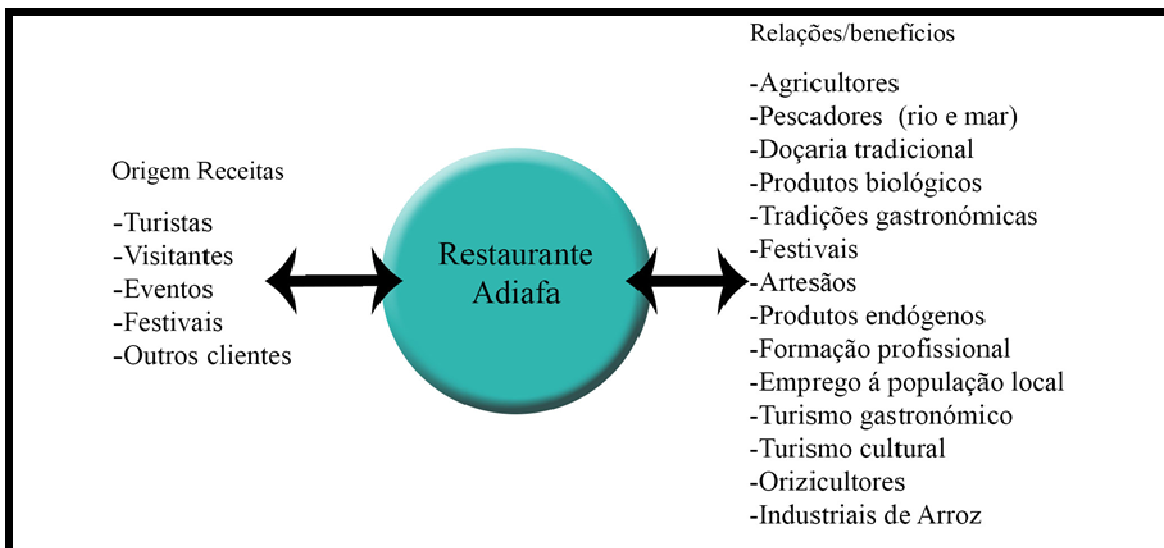


Figura 28- Esquema representativo da fonte de receitas e as relações e benefícios proporcionados pelo Restaurante Adiafa.

É de apontar que um dos problemas da gastronomia do Arroz Carolino do Baixo Mondego é o facto de muitos restaurantes da região terem deixado de usar Carolino produzido dos campos do Mondego, devido a optarem por arroz de outras origens, mais económico, colocado no mercado a preços mais competitivos (mas com menor garantia de qualidade). Na base desta opção por parte dos restaurantes estão várias razões: a apresentação de pratos a preços mais competitivos, o desconhecimento das técnicas que permitem a boa confeção

do Arroz Carolino, o uso de arroz agulha<sup>24</sup> em pratos típicos de Carolino, devido a ser possível cozinhá-lo em maiores quantidades e suportar mais horas de espera (pois mantém-se solto e não ficando “empapado”) e a moda de consumo de arroz solto, causada por várias campanhas de promoção do arroz agulha.

Vários produtores e vendedores de Arroz Carolino do Baixo Mondego queixam-se que os restaurantes da região cada vez compram menos, mas afirmam que há a necessidade de dar a conhecer os bons pratos deste arroz, pois sabem que a maioria das pessoas que o degusta deixam de consumir outros tipos, passando a procurar, de forma regular, o Carolino do Mondego. Portanto é importante dar a conhecer os pratos típicos do Baixo Mondego feitos com o arroz aqui produzido. Este restaurante terá a tarefa e a função de apresentar e dar a provar este excelente produto, confeccionado por mãos conhecedoras das tradições gastronómicas destes campos do Mondego

De modo a contornar algumas dificuldades de cozinhar com o Arroz Carolino do Mondego, sugere-se:

- Uso de “segredos” e sabedorias mais antigas de cozedura dos conhecedores deste arroz (ex. colocação de água fria no fim da cozedura de modo a pará-la)
- Marcação de horas de refeição para turistas, visitantes e outros clientes
- Restrição na variedade de pratos por dia, através da criação de dias temáticos (ex. “segunda-feira - arroz e peixe do rio”)

O Restaurante Adiafa terá ainda todo o interesse em se associar e promover outros restaurantes da região que tenham ligação com os pratos típicos do Arroz Carolino do Mondego bem como outros pratos tradicionais. Servem de exemplo os restaurantes: Casa Arménio (Carapinheira), Patinhos (Tentúgal), O Bernardes (Ereira), A Lampreia (Ereira), A Moagem (Montemor-o-Velho), O Marinheiro (Figueira da Foz), O Carrossel (Figueira da Foz), Caçarola, Casa das Enguias “O Grazina” (Lavos), Lota Nova, O Califa (Santo Varão), Escondidinho (Pereira), Mosteiro (Montemor-o-Velho), Refúgio do Paul (Carapinheira), Petiscos da Tina (Montemor-o-Velho), Côta (Penacova), entre outros. Com a criação de uma rede de restaurantes típicos poderá oferecer-se novos produtos turísticos e

---

<sup>24</sup> Note-se que o clima do Baixo Mondego não detém condições ideais para um ciclo de produção perfeito de arroz agulha. Sendo o contrário com a produção de Arroz Carolino, em que os ciclos de produção se mostram propícios.

gastronómicos, eventos e festivais dedicados ao Carolino do Mondego, o que será uma mais-valia para o setor da restauração e incentivará o consumo futuro deste arroz.

Apontam-se mais algumas vantagens decorrentes da existência do Restaurante Adiafa, que se prendem com a valorização da gastronomia tradicional: destaque e reconhecimento dos produtos endógenos, aumento de emprego, combate à sazonalidade turística, incentivo à produção agrícola sustentável ou mesmo biológica, maior consumo de produtos locais, valorização do património cultural, engrandecimento da orizicultura do Baixo Mondego, incentivo ao consumo de arroz do Baixo Mondego e arroz nacional em geral, aumento de turismo gastronómico, melhoria da economia local, entre outras.

### **5.5.3. Museu ARROZEIRO**

Este espaço foi concebido para homenagear e consagrar a orizicultura do Baixo Mondego e todos aqueles que trabalharam ou trabalham nesta arte, possibilitando aos turistas e visitantes conhecerem mais sobre a história, tradições e costumes ligados à orizicultura. A profissão de Arrozeiro, meramente masculina, estava ligada a funções de gestão de água de rega dos campos orizícolas, cujos homens tinham várias ferramentas que lhes permitiam controlar canais e valas.

Havendo um grande património cultural em torno da arte de produzir arroz, aqui serão expostas várias ferramentas e máquinas utilizadas ao longo dos tempos, tradições e curiosidades históricas, histórias e pensamentos de orizicultores, a evolução da orizicultura no Baixo Mondego, metodologias de produção de arroz, receitas gastronómicas mais antigas, segredos e truques culinários escritos sobre o tema, roupas e trajes das gentes ligadas à orizicultura, entre outros elementos relacionados com a riqueza cultural do arroz.

Aqui haverá uma excelente oportunidade para apresentar antigos métodos de cultivo de arroz no Baixo Mondego, como diferentes técnicas de lavoura, sementeira ou ceifa, etc. Esta apresentação formativa e educativa será feita recorrendo à fotografia, a vários equipamentos e ferramentas, a vídeos e até a possível experimentação e demonstração *in situ* por orizicultores experientes e conhecedores dos campos.

Para que se possa entender melhor o que o Museu irá mostrar, seguem-se os exemplos, ilustrativos de duas técnicas de cultivo que atualmente já não são usadas, a lavoura com animais da raça Marinhoa (Fig. 29) e a sementeira através de uma bateira (Fig. 30).



Figura 29 (à esquerda) - Gradagem de campos de cultivo de arroz, com grade espanhola, recorrendo-se a bois. Fonte: Bento, 2009: 21

Figura 30 (à direita) - Sementeira com recurso a bateira.

Fonte: Bento, 2009: 23

Na figura 31 podemos observar várias ferramentas, utilizadas usualmente por aqueles que desempenhavam a função de “Arrozeiro”, responsáveis pelas valas e motores de rega dos campos de arroz.

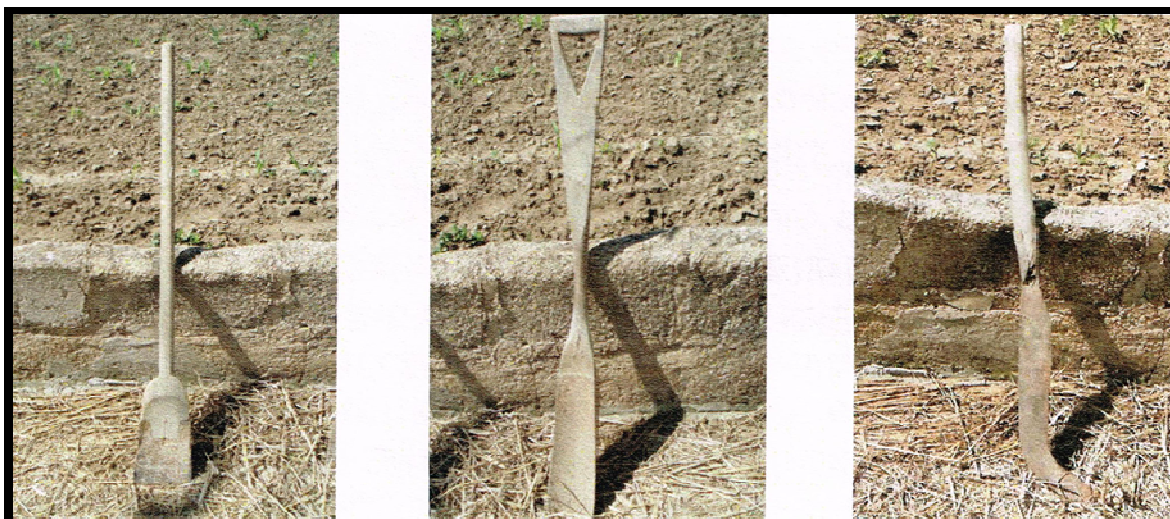


Figura 31- Antigos instrumentos de trabalho usados por trabalhadores na gestão da água dos campos de arroz. Fonte: Bento, 2009: 42

As raparigas, que desempenhavam a função de aguadeiras, eram responsáveis por dar de beber aos trabalhadores do campo, tendo por hábito caminhar por cima de “marachas”<sup>25</sup> com pesados canecos de zinco (Fig. 32) ou bilhas de barro (Fig. 32).



Figura 32- Antigos utensílios de transporte de água usados pelas aguadeiras. Fonte: Bento, 2009: 29

As históricas unidades de descasque e branqueamento do arroz (Fig. 33 e 34) são ainda hoje utilizadas quer por algumas fábricas, quer por pequenos industriais de cariz familiar. Este equipamento, como se de uma fábrica em apenas 1m<sup>2</sup> se tratasse, desperta a atenção de todos aqueles que sentem curiosidade pela indústria do arroz. Embora estas unidades ainda tenham algum papel ativo na indústria do arroz, são já usadas em demonstrações educativas para turistas e visitantes.

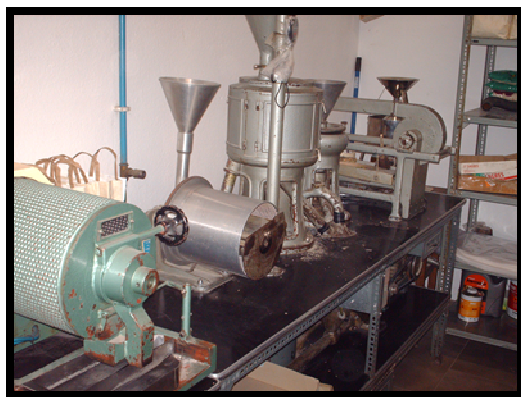


Figura 33 (à esquerda)- Laboratório de controlo de qualidade pertencente à fábrica de descasque de arroz da Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho, em Gatões.

Figura 34 (à direita)- Mini-unidade de descasque e branqueamento manual de arroz, usada para demonstrações ao público, pertencente ao produtor Vítor M.C. Martinho, na Ereira.

<sup>25</sup> Maracha é o nome dado aos caminhos sobrelevados (camalhões) de terra que separam zonas de águas onde está instalado o arroz.

Caso o Museu Arrozeiro venha a ser instalado numa antiga fábrica de arroz, a componente de equipamentos industriais históricos será mais rica, podendo haver parcerias com indústrias locais de arroz de modo a promover visitas interpretativas e, eventos promocionais desta indústria. Agregado a este espaço haverá um hangar de máquinas agrícolas específicas visitável.

No Anexo X constam várias fotografias relativas a máquinas e equipamentos utilizados nas atividades agrícolas e industriais ligadas ao arroz.

Apresentam-se, em seguida, algumas atividades, características e peças presentes neste espaço:

- Espólio fotográfico sobre a história do arroz no Baixo Mondego (várias épocas)
- Exposições de fotografia relacionada com a cultura do arroz a nível nacional e mundial
- Informações explicativas das diferentes etapas de produção do Arroz
- Artesanato relacionado com a produção de arroz e com a região (exemplo de cestaria com palha de arroz, esteiras feitas com bunho e junco, vassouras de giestas<sup>26</sup>, etc.)
- Cartazes e exposições informativas sobre a cultura do arroz em Portugal (pontos de produção, história, exportações, etc.) e no mundo
- Trajes das gentes do arroz
- Utensílios e ferramentas usadas nas diferentes etapas do ciclo de produção de arroz (quer ferramentas antigas, quer algumas mais recentes. As de maior porte estarão no estaleiros das máquinas agrícolas)
- Exposição de variedades de arroz
- Demonstrações de descasque e branqueamento de arroz
- Fotografias da evolução das fábricas de descasque do arroz
- Relatos e histórias de trabalhadores e outros habitantes da região
- Vídeos interpretativos
- Exposições temporárias de artesãos e artistas locais

---

<sup>26</sup> Utensílio usado para varrer nas eiras onde o arroz antigamente (e ainda em alguns pequenos produtores) secava ao sol.

- Mostra de tradições, costumes e eventos realizados na região
- Informações sobre produtos endógenos
- Realização de peças de teatro caminhante<sup>27</sup>
- Provas degustativas de gastronomia típica em torno do arroz e também de outros produtos endógenos, podendo proceder-se à prova de produtos típicos e tradicionais e de produtos inovadores que contribuirão para construir história gastronómica futura.
- Vídeos e fotografias relacionados com património natural e cultural da região
- Livros de autores locais alusivos ao arroz e à região
- Acessórios históricos do quotidiano do povo do Baixo Mondego (ex. trempes, caçarolas, carroças, etc.)
- Artigos promocionais de *merchandising*

Atualmente, em Portugal apenas se conhece um espaço que possuiu algumas características similares às idealizadas para o Museu Arrozeiro aqui apresentado, o Museu do Arroz, localizado na Herdade da Comporta (Anexo XI).

#### **5.5.4. Casa de Histórias AGUADEIRA**

De seu nome Aguadeira, esta estrutura do Projeto Aguilhada está relacionada com todas as mulheres que trabalharam ou trabalham no cultivo de arroz (aguadeiras, plantadeiras, mondadeiras, ceifeiras ou outras), que vinham das regiões envolventes, se necessário durante dias a pé, até chegarem ao campos do Mondego onde lhes era garantido trabalho, sofrimento, alegrias e algum dinheiro (maquia paga pelo capataz que as contratava) para governarem as suas casas.

Nas décadas de 60 e 70, as mulheres começavam a trabalhar no arroz do Mondego desde tenra idade (pelos 11 anos), vindo muitas das terras da Gândara (Cantanhede, Mira, Mealhada), segundo Bento (2009) para ganhar entre 22\$50 a 25\$00 conforme a experiência.

---

<sup>27</sup> Teatro caminhante é o tipo de peça que se realiza caminhando por todo o museu, fazendo com que se visualize a peça e se conheça e interprete o museu.

Estas mulheres durante as suas atividades de trabalho no campo conversavam e falavam sobre as suas vidas e as vidas alheias (segundo o que se falava) e cantavam as “modas” feitas em versos escritos por muitas delas, tendo assim muito para contar - “(...) a brejeirice era quase uma constante do dia a dia destas mulheres, assim se tentava esquecer as agruras que a vida lhes impunha (...)” (Bento, 2009: 33).

Esta casa de histórias estará relacionada com todo o espaço museológico (devendo estar junto ao museu), com a diferença de que será um espaço vivo rico em história, sabedoria, conhecimento, tradições, *workshops*, pequenas palestras e informações. Aqui será possível encontrar pontualmente vários contadores de histórias relacionadas com o arroz e o Baixo Mondego.

Os turistas poderão assim ouvir várias e diferentes histórias de vida e aventuras dos orizicultores, bem como de outras pessoas que queiram transmitir conhecimento e tradição. Serão ainda apresentados outros assuntos indiretamente relacionados com a orizicultura do Baixo Mondego ou simplesmente sobre outros assuntos de interesse.

Com a presença de mulheres e homens do arroz a partilha de histórias, risos, aventura e outros acontecimentos não vai faltar. Várias músicas eram cantadas pelas mulheres que trabalhavam de sol a sol nos campos, havendo assim um grande conjunto de cantigas (em forma de quadras) que nos levam às décadas de 50 a 80, quando alegres formas de cantar ajudavam a passar o dia de trabalho, para poder receber a merecida “maquia”. Seguidamente, apresentam-se exemplos de versos cantados por plantadeiras, aguadeiras e ceifeiras do Baixo Mondego:

*Anda um rancho pró senhor*

*Um racho de opinião*

*A Ilda namora o Mendes*

*A Antónia o Elísio Cação*

*Isto é tudo o que o povo dis*

*A Idália com o Ramalho*

*A Isilda com o Luís*

*A Isilda namora o Luís*

*Porque ele é muito girinho*  
*A Madalena com o Quim Couto*  
*E a Maria Elisa com o Martinho*

*Maria Elisa gosta o Martinho*  
*Porque ele é engraçado*  
*A Licínia com o Octávio*  
*E a Dulcínia como o Eduardo*

(Bento, 2009: 30)

Há o objetivo de recuperar esta vertente do dia a dia para as quadras voltarem a ser cantadas por quem já as cantou (ex. rancho das mondadeiras) ou então interpretadas por artistas, turistas e por quem o deseje.

Serão aqui realizados *workshops* e debatidos temas relacionados de forma direta ou indireta com o arroz e com a população do Baixo Mondego. Alguns exemplos de temas a serem abordados na Casa de Histórias Aguadeira são a vida do dia a dia, tradições, festas e costumes no cultivo do arroz, a dureza da vida dos trabalhadores do arroz, lavouras, sementeiras, viveiros, plantações, rega, descasque, a importância que o cultivo do arroz teve para a população do Baixo Mondego, o transporte do arroz, o paludismo nos campos do Mondego no séc. XIX, dificuldades sentidas por quem vive ou viveu deste cereal, cantigas escritas e sabidas e cantadas pelas mondadeiras, plantadeiras e pelos condutores<sup>28</sup>, trajes típicos, merendas e petiscos (o que se comia e seus segredos), a vida nas fábricas de descasque, as bateiras (história, utilização e métodos de construção), a lavoura e as vacas, o Rio Mondego e suas dinâmicas (ex. a influência da época de chuvas na vida dos orizicultores, agricultores e habitantes locais), maquia ou féria<sup>29</sup> e o poder de compra, viver da orizicultura ou da agricultura, tratar do gado, pesca no rio e mar, raça Marinhoa, o melhor do peixe do rio, a arte do sal, a vida dos marnotos<sup>30</sup>, as manhas do peixe do rio, a adega e as provas de vinho, jogos e lazer, curiosidades e sabedoria popular (mitos, anedotas, ditados, etc.), apanha da azeitona, resineiros, ecoturismo e sua importância para a comunidade local, património natural e cultural, monumentos históricos, rotas e percursos

---

<sup>28</sup> Nome dado aos homens responsáveis pela gestão da rega do arroz.

<sup>29</sup> Ordenado.

<sup>30</sup> Trabalhador das salinas.

pedestres, sustentabilidade da região, riqueza da paisagem, a biodiversidade e sua importância, arquitetura e métodos tradicionais de construção, doçaria conventual, etc.

Após os diferentes eventos aqui realizados há ainda oportunidade de degustar vários petiscos e agrados da gastronomia do Mondego. Os visitantes deste espaço serão surpreendidos pela tradição (alguma já esquecida mas não perdida) gastronómica do Mondego como enguias fritas, pastas de bacalhau, pastas de sardinha, zaragatoa<sup>31</sup>, ruivacos fritos, peixe do rio frito de escabeche, cebolada de cabras-cegas, espigas assadas, enguias assadas em vides, escabeche de sável ou tainha, entre outros peixes, queijo curado de ovelha e de cabra, azeitonas, farinheira de sangue e broa de milho caseira, de maneira a relembrar as “buchas” e ceias dos trabalhadores rurais do mondego, não podendo faltar um bom copo de tinto ou água-pé.

Para agradar a outros gostos haverá ainda compotas, mel, arroz doce e várias doçarias conventuais da região como Queijadas de Pereira, Pastéis de Tentúgal, Barrigas de Freira, Pastéis de Santa Clara e Crúzios, entre outros.

#### **5.5.5. Loja CAPATAZ**

Como não poderia faltar, apresenta-se um local de venda de Arroz Carolino do Baixo Mondego e outros produtos endógenos. O nome desta loja tem origem na designação dos homens responsáveis pela contratação de pessoal para o trabalho no arroz. Os donos dos campos de arroz quando necessitavam de trabalhadores recorriam aos capatazes, pessoas muito experientes e respeitadas, para seleccionar os grupos de trabalhadores, destinar funções, designar o local de trabalho e pagar a “féria”, habitualmente ao sábado à noite. No Anexo XII pode ver-se um capataz junto aos trabalhadores do arroz.

Esta loja funcionará como um lugar de promoção e divulgação da boa qualidade do Arroz Carolino do Baixo Mondego. Os turistas, clientes do Restaurante Adiafa, visitantes ou quaisquer outros interessados em adquirir o Arroz Carolino, poderão aqui fazê-lo, sendo que esta compra impulsionará o futuro consumo do arroz desta região.

---

<sup>31</sup> Prato gastronómico típico com sardinhas (salgadas), cebola, pimenta, azeite e vinagre.

A marca “Arroz Aguilhada”<sup>32</sup> (aqui vendida) ficará responsável por dar a conhecer, valorizar e promover o consumo do Arroz Carolino do Baixo Mondego, incentivando o consumo de marcas com ele relacionadas. Na figura 35 pode observar-se a ligação da marca Aguilhada com outras marcas relacionadas com o Arroz Carolino do Baixo Mondego.

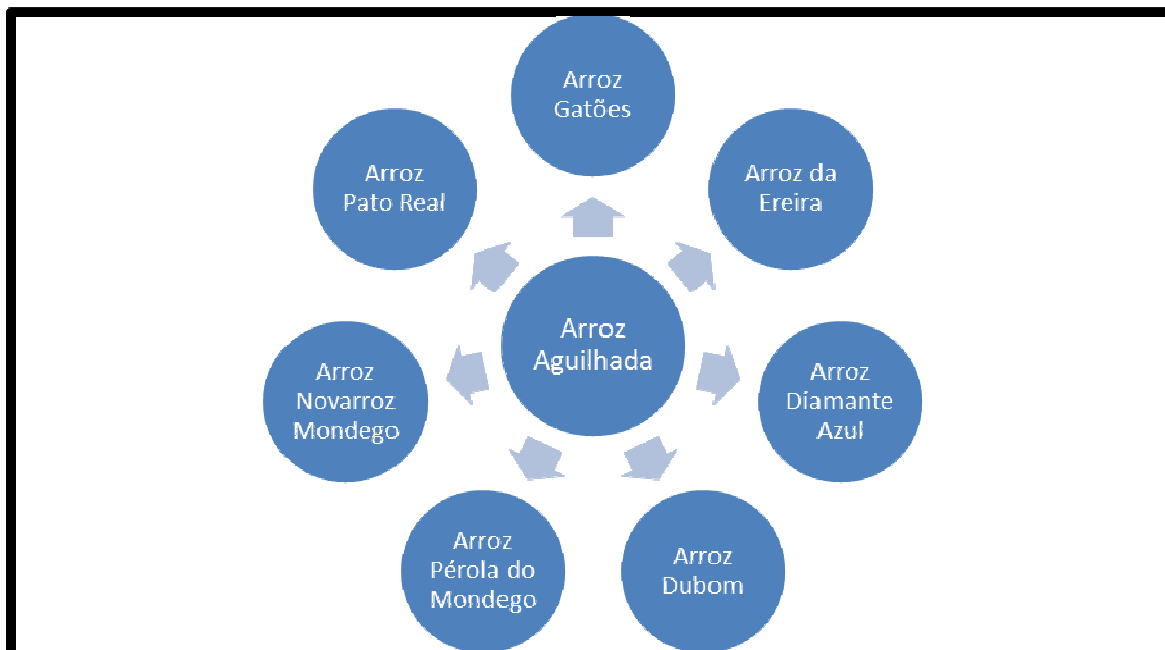


Figura 35- Esquema representativo da relação do Arroz Aguilhada (nova marca sugerida) com marcas já existentes e ligadas ao Arroz Carolino do Baixo Mondego.

Esta marca apostará na apresentação de um Arroz Carolino de produção sustentável, sendo que este será proveniente de campos pertencentes ao Projeto Aguilhada bem como de outros produtores interessados em seguir normas de produção especialmente sustentáveis, equilibradas e amigas do ambiente.

A marca de Arroz Carolino Aguilhada dividir-se-á em, pelo menos, três segmentos:

- **Arroz Carolino integral e branqueado**, produzido da forma mais sustentável e equilibrada possível nos campos orizícolas pertencentes ao projeto Aguilhada e de outros produtores interessados que sigam especiais normas de produção sustentável.
- **Arroz Carolino Biológico** (integral e branqueado), produzido em modo de produção biológica, fortalecendo e incentivando orizicultores que tenham intenção e gosto de realizar este tipo de produção, satisfazendo assim os seguidores do mercado biológico.

<sup>32</sup>Nova marca de Arroz Carolino do Baixo Mondego proposta pelo Projeto Aguilhada.

- **Arroz Carolino Gourmet**, produto que combinará o melhor Arroz Carolino do Mondego com outros produtos endógenos da região como, por exemplo, arroz com legumes (desidratados), arroz com cogumelos (desidratados), arroz com ervas aromáticas, etc.

Na figura 36 podem-se observar-se algumas propostas para as embalagens de Arroz Aguilhada.



Figura 36 – Exemplos de embalagens de Arroz Aguilhada.

No Anexo XIII é possível observar as embalagens de arroz da figura 36 em maior detalhe e pormenor.

Tendo esta loja como principais objetivos a promoção e a valorização do Arroz Carolino do Baixo Mondego, as embalagens aqui vendidas (250gr, 500gr e 1kg) divulgarão (e informarão) através de campanhas de *marketing*, restaurantes típicos, feiras e festivais gastronómicos, pontos de venda tradicionais, fábricas de descasque de arroz, orizicultores, bem como rotas turísticas, património natural e cultural, monumentos, tradições orizícolas, história e métodos de cultivo do arroz.

Outra ação a implementar será a criação de parcerias com outros produtos endógenos e gastronómicos de valor na região como, por exemplo, a doçaria conventual ou o peixe fresco da costa de prata, procurando-se que cada produto promova o outro.

A compra do Arroz Aguilhada favorecerá a sustentabilidade da orizicultura do Baixo Mondego, fazendo com que se usem técnicas agrícolas menos agressivas para o meio ambiente, contribuindo para o equilíbrio dos ecossistemas e para o aumento da biodiversidade, mas também estará associada a campanhas que visarão a sustentabilidade ambiental e social do Baixo Mondego. Desse modo, a compra de arroz contribuirá para o restauro ecológico do Mondego através da introdução de fauna e flora autóctone, do controlo de infestantes, da recuperação de património e da promoção de tradições, entre outras ações importantes. É de referir que as ações de conservação do património cultural e natural serão feitas com o apoio das entidades responsáveis (ex. ICNF, DGPC, etc.).

Para além do arroz do Baixo Mondego, a marca Aguilhada terá ainda a farinha e a palha de arroz. Mais tarde haverá a possibilidade de serem lançados outros subprodutos no mercado.

A maior parte dos produtos gastronómicos degustados no Restaurante Adiafa estarão, frescos e da melhor qualidade, à venda nesta loja, para que os clientes do restaurante, sempre que agradados com a gastronomia aqui servida, possam adquirir os produtos que mais lhes agradaram.

Poderão aqui comprar-se também produtos agrícolas biológicos, sal marinho, flor de sal, ervas aromáticas, doçaria conventual, enchidos tradicionais, broa caseira, mel, milho, azeite, azeitonas, mel, compotas, vinho e outros produtos provenientes de produtores locais dinamizando assim a economia tradicional. Esta loja favorecerá ainda produtores e consumidores de produtos biológicos da região pois encontrarão nele uma referência para compra e venda destes produtos.

Promover-se-á também a venda de artesanato do Baixo Mondego como cestaria em palha de arroz, esteiras, louça de Coimbra, roupas e trajes típicos e muitos mais. Pretendendo valorizar a cultura da região, os clientes da Loja Capataz poderão aqui tomar conhecimento da existência de vários festivais, feiras, festas, restaurantes típicos, atividades de animação turística, turismo rural da região, adegas e lojas tradicionais, produtores agrícolas, artesãos e orizicultores da região, venda de inclusive bilhetes ou vouchers para os diferentes eventos, bem como para museus, teatros, *workshops*, experiências gastronómicas (uma das formas de aquisição de bilhete será através da compra do Arroz Carolino do Mondego).

Este espaço terá ainda uma zona de mercado exterior, onde se proporcionarão feiras temáticas (ex. produtos biológicos, gado, etc.), à moda antiga, em que as gentes do Baixo Mondego virão vender os seus melhores produtos.

#### **5.5.6. Campos Orizícolas BATEIRA**

Os Campos Orizícolas Bateira do Projeto Aguilhada, devem o seu nome, à semelhança do que já foi referido, ao facto de em tempos passados se realizar a sementeira com recurso a uma bateira. Aqui produzir-se-á arroz do modo mais sustentável possível, utilizando-se técnicas pouco agressivas para o meio ambiente de modo a preservar recursos naturais. Pretende-se relacionar as técnicas atuais e as mais antigas da orizicultura da região com o conhecimento atual de especialistas em produção sustentável de Arroz Carolino (ex. universidades, politécnicos, cooperativas, etc.) e conhecedores da tradição, proporcionando a participação ativa e passiva dos turistas, podendo desempenhar atividades de cultivo ou apenas visualizar, interpretar e comentar as diferentes ações.

Para além da realização de atividades modernas de cultivo de arroz aqui também serão recriadas atividades mais clássicas como rebaixas, lavras com bois, sementeira (quer de bateira, quer a pé), viveiros e plantações, retanchas manuais, mondas manuais, ceifa com gadanha, debulha com malho e com éguas (no calcadouro), etc.

Uma tradição relevante é a debulha de arroz com éguas que consiste na separação de grãos de arroz da palha. Nos anos 50 era hábito as éguas participarem nesta atividade em que, ligadas umas às outras, calcavam a palha, o que fazia com que os grãos fossem caindo para

o fundo e após este procedimento homens e as mulheres removiam a palha deixando visível o grão. Muitas vezes a debulha era feita à noite, por questões ambientais e sociais.

Estas tradições serão recriadas com o intuito de demonstrar aos turistas, permitindo a sua participação, nos antigos métodos de cultivo de arroz no Baixo Mondego, não se pretendendo criar trabalhos penosos mas sim proporcionar experiências únicas e identificadoras das gentes da terra.

Para este efeito será criada uma rede de produtores e de campos orizícolas disponíveis para receber os turistas.

### **5.5.7. Adega e Taberna PATRÃO**

Era hábito os “homens da terra” terem uma adega nas suas casas, sendo que o tamanho desta bem como a qualidade do vinho, dependiam essencialmente da condição económica do lavrador ou orizicultor. O nome Patrão surge tendo presente que quanto mais abastados fossem os patrões maior a possibilidade de terem uma boa adega ou taberna.

Os homens da terra tinham por costume após o trabalho, caçadas, bailaricos, festas e outras atividade fazerem “(...) a passagem pela adega, para matar a sede e comer um bom bocado de bacalhau com cebola e azeite, era como uma praxe (...)” (Monteiro, 2009: 80). A adega “(...) era o princípio e a manutenção de grandes amizades que duravam toda a vida” (Monteiro, 2009: 80).

Pretende-se recriar uma verdadeira adega tradicional da região (com pipas, tonéis, mesas e bancos de madeira) que apresente e disponibilize vinhos produzidos na região e limítrofes, servindo para potenciar a economia local e para reforçar tradições como as vindimas e o fabrico de vinho e de aguardente.

Contíguo ao espaço da adega estará a taberna, um local típico e identificativo desta região.

As tabernas eram frequentadas (e ainda são) por vários apreciadores de “néctar”, bebendo-se, como relata Oliveira (2007), várias bebidas como vinho branco, água-pé, pirolitos, gasosas, aguardente bagaceira, jeropiga e anis escarchado. Para acompanhar a “pinga” que aqui se bebia vinham os petiscos, azeitonas, queijo curado e fresco, peixe frito do rio, amendoins ou tremoços, chouriça assada e broa de milho.

Mas estes espaços não eram só feitos de boa bebida e boa comida, aqui também eram discutidas ideias e histórias, bem como se jogavam vários jogos (cartas, dominó, damas, malha (jogado na rua) entre outros. Era um espaço de convívio e festa, onde “(...) também se petiscava com os amigos e até se tocava guitarra e cantava (...)” (Oliveira, 2007: 156).

Para além da criação destes espaços tradicionais é, ainda, intenção do Projeto integrá-los numa rede turística de tabernas (e bares típicos) do Baixo Mondego, para que assim se possa incentivar o aparecimento de novos espaços (pois têm fechado cada vez mais) mantendo-se vivas as traças, as tradições gastronómicas e as culturas. Para além de todas as tradições que aqui serão recriadas, haverá ainda lugar à realização de eventos como *workshops*, conversas ou debates sobre gastronomia, Arroz Carolino, orizicultura, turismo, etc.

Nos Anexos XIV e XV podem, ainda, ler-se várias quadras relacionadas com tabernas, tascas e adegas da região do Baixo Mondego dos meados do séc. XX.

Hoje em dia para quem queira visitar uma taberna típica aconselha-se “O Bernardes” na freguesia de Ereira, local onde se pode comer bom Arroz Carolino e beber bom vinho (Anexo XVI).

Algumas tabernas (bares e restaurantes típicos) interessantes para visitar na região são: Taberna Adosinda (Figueira da Foz), Taberna Casa Mota (Figueira da Foz), Tasca Conventual O Abade (Pereira do Campo), Centro Beira Mondego (Santo Varão), Casa Arménio (Tentúgal), Adega A Democrática (Coimbra), Taberna do Romal (Coimbra), Taberna Casa Costa (Coimbra), etc. Grande parte das tabernas estão agora concentradas em Coimbra, segundo dados do município há cerca de 30 (CMC, [s.d]). Nesta cidade estes espaços não mostram tendência para o seu desaparecimento devido à forte ligação que têm com a comunidade estudantil.

### **5.5.8. Quintal LAVRADOR**

Um espaço dedicado à agricultura tradicional em geral com a presença de alguns animais. Embora houvesse a tradição de todos (desta região) terem um quintal junto das suas casas, os melhores estavam nas mãos dos bons lavradores.

Os quintais usualmente tinham variadas dimensões sendo que os maiores eram verdadeiras quintas muradas, onde usualmente se cultivavam tomates, pepinos, abóboras, batatas, feijão, alfaces, couves, cebolas, melões e melancias, entre muitas outras coisas. Geralmente havia um espaço delimitado para os animais (os currais e capoeiras) onde se encontravam pintos, galinhas, galos, patos e porcos.

Pretende-se portanto criar uma rede de quintais “tradicionalis” do Baixo Mondego que produzam produtos hortícolas de forma tradicional, sustentável e saudável, os quais serão saboreados no Restaurante Adiafa (e em outros) e vendidos na Loja Capataz. Todos os quintais poderão ser visitados por todo o tipo de turistas e visitantes, havendo atividades lúdicas, educativas e interpretativas, bem como integração em rotas e percursos de carácter turístico-cultural.

Com a implantação destes espaços promover-se-á história, cultura e tradição, incentivando-se a criação de oportunidades de trabalho.

### **5.5.9. Eira MONDEGO**

O nome deste espaço deve-se ao facto de antigamente muitos dos produtos agrícolas colhidos nos campos férteis do Mondego passarem pela eira, habitualmente um espaço amplo com boa exposição solar e chão em lajes de pedra (mais tarde em cimento).

Era aqui que se aguardava a chegada do arroz vindo dos campos para ser debulhado e escolhido retirando as impurezas (ex. pequenas palhas), espalhado para secar ao sol e ser limpo (joeirado) com a ajuda do vento.

O Projeto Aguilhada dará novamente vida à eira tradicional (Fig. 37) desta região, sendo que aqui realizar-se-ão diversos eventos, pequenos espetáculos (ex. folclore, fado, etc.), *workshops* (ex. de artesanato) demonstrações e atividades culturais relacionadas com as tradições ligadas ao arroz e a outros cereais.



Figura 37- Eira desativada, ladeada de campos de arroz na região da Ereira.

## **5.6. Produtos culturais**

As várias atividades propostas pelo Projeto Aguilhada estarão relacionadas com a orizicultura e com diferentes recursos de valor existentes no Baixo Mondego, quer sejam recursos naturais (pauis, rios, praias, serras, etc.), culturais (monumentos, tradições, feiras, festivais, museus, etc.), gastronómicos (gastronomia típica), etc. Promover-se-ão as atividades de turismo cultural e gastronómico, mas também algumas relacionadas com turismo de natureza, desportivo (ex. pesca) e de bem-estar (turismo passivo procurando conforto).

### **5.6.1. Itinerários temáticos**

Visto haver uma grande escassez de rotas e percursos nas zonas propostas para o Projeto Aguilhada, propõe-se a criação de alguns itinerários, visando a valorização do arroz do Mondego bem como de outros produtos e recursos da região, simultaneamente através de incentivos à utilização de percursos pedestres potenciar-se-á a sustentabilidade urbana (Cupeto, 2009). Referencia-se que esta fase de criação de rotas corresponde à conceção de conceitos, procurando-se apresentar diretrizes de desenvolvimento e num estado mais avançado de execução quando se formalizarem traçados, procurar-se-á homologar os novos percursos pedestres junto da entidade portuguesa responsável, a Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP), implantando-se assim variadas categorias como, Grande Rota (GR), para os percursos com mais de 30km de distância, Pequena Rota (PR),

destinada aos percursos inferiores a 30km, Percurso Local (PL), categoria que designa percursos realizados em ambiente urbano (FCMP, [s.d]).

A homologação de novos percursos pedestres na região engrandecerá a visibilidade desta neste campo, enriquecendo a oferta turística que levará ao aparecimento de novos turistas, o que motivará a criação de emprego com o aparecimento de empresas de animação turística e de guias especializados.

Seguem-se alguns exemplos de itinerários turísticos a desenvolver no Baixo Mondego:

**- Arroz do Mondego, do Campo ao Prato** - Um itinerário destinado a todos aqueles que pretendem conhecer os caminhos que o arroz percorre até chegar às nossas mesas. Aqui visitar-se-á o museu do arroz, campos orizícolas, máquinas agrícolas, fábricas de descasque de arroz, cooperativas agrícolas, Loja Capataz e, para finalizar a visita, saborear-se-ão refeições tradicionais de Arroz Carolino do Mondego no Restaurante Adiafa.

Exemplo de itinerário com guia especializado:

Em março, após uma dormida relaxante e reconfortante no Alojamento Ceifeira, surge:

10.00h – Enquanto se apresenta e explica o percurso a realizar, come-se um pequeno-almoço com tradição na Casa de Histórias Aguadeira. Ao pequeno-almoço haverá à escolha café açucarado e broa à moda do Mondego, queijo curado com broa, leite de vaca da região, arroz doce e vários doces conventuais.

10.40h – Para bom entendimento do Arroz Carolino do Mondego nada melhor do que começar pelo Museu Arrozeiro. Aqui tomar-se-á conhecimento da história, cultura, processos agrícolas em torno do arroz, etc.

12.00h – Visita educativa e interpretativa pelos campos orizícolas em repouso.

13.30h – No Restaurante Adiafa degustar-se-á uma refeição tradicional de Arroz Carolino para que se possa apreciar todo o seu sabor e tradição.

15.00h – Visita à Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho para entender a sua importância e funcionamento bem como a sua relação com os orizicultores.

16.00h – Passeio interpretativo na fábrica de descasque de arroz da Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho ou em outras fábricas da região (ex. Ernesto Morgado, Arroz de Ereira (Victor M. C. Martinho) e Álvaro Borges Lda.). No Anexo XVII pode ver-se o mapa das principais indústrias de descasque de arroz no Baixo Mondego.

18.00h - Presença no Festival do Arroz e da Lampreia em Montemor-o-Velho, onde se ficará a saber mais sobre o cereal e outros produtos endógenos. Aqui também será servido o jantar onde, mais uma vez, o Arroz Carolino estará na mesa.

A dormida acontecerá no Alojamento Ceifeira.

- **Carolino à mesa** – Rota criada para os descobridores e amantes de pratos tradicionais do Carolino do Mondego que, através de uma rede de restaurantes e tabernas típicas especialistas em pratos (e petiscos) tradicionais do Arroz Carolino do Mondego, funcionará em diferentes épocas do ano, havendo por exemplo semanas temáticas (ex. semana do arroz e peixe do rio) e poderá conhecer-se diferentes pratos e locais para o fazer; não esquecendo a importante parceria com produtores de doçaria típica.

- **Campo, mar e vida** – Esta rota será concebida de modo a mostrar alguns dos melhores produtos endógenos do Baixo Mondego, relacionados com a vida das pessoas e recursos naturais. Nesta rota serão visitados campos orizícolas, culturas agrícolas (como o milho), vacarias (produção de leite), fábricas de doçaria tradicional, salinas, lotas de peixe, museus (arroz, campo, sal, pesca do bacalhau, etc.), cooperativas agrícolas, Loja Capataz, etc.

- **Caminhos históricos do Baixo Mondego** – Para os interessados no património histórico edificado, este será o itinerário ideal na medida em que serão visitados monumentos, zonas históricas, edifícios históricos, museus, quintas históricas ligadas à produção de arroz, fábricas históricas de descasque de arroz, restaurantes, Casa de Histórias Aguadeira, etc.

- **Pelas margens do Mondego** – Rota para descobrir a natureza, destacando o património natural. Visitar-se-ão paus e respetivo centro interpretativo, matas, margens ribeirinhas, culturas agrícolas, campos orizícolas, o museu do arroz, etc. Dar-se-á especial atenção ao património natural (paisagem, fauna e flora) mas também ao património cultural (tradições e hábitos) relacionados com os recursos naturais (como por exemplo o cultivo de arroz nos campos alagados ou até artesãos locais a fabricar esteira com bunho).

### 5.6.2. Experiências culturais

Para além de todo o Projeto Aguilhada ser uma experiência cultural propõem-se ainda atividades específicas (que irão decorrer ao longo do ciclo do arroz), que têm intenção de

valorizar a componente cultural em torno da tradição orizícola e também explorar outros recursos de interesse da paisagem, natureza, gastronomia, monumentos, etc.

Seguem-se alguns exemplos de experiências culturais propostas:

**- Plantar a cantar** - Esta atividade irá recriar uma das tradições orizícolas mais antigas do Baixo Mondego, permitindo aos turistas e a todos os entusiastas do arroz experienciar formas de vivência em tempos antigos. Em épocas de chuva muito prolongada era hábito realizarem-se viveiros (plantações) de arroz em zonas mais altas, onde o arroz nascia e se desenvolvia até estar pronto a transplantar para as aguilhadas de terrenos alagados.

Junto de plantadeiras conhecedoras da tradição os turistas, vestidos a rigor (com trajes da época), vão meter os pés e as mãos à terra de modo a arrancar vários pés das plantas de arroz e emolhá-los à antiga com junco. De seguida levarão os molhos (em padiolas) para os canteiros de modo a plantar as plantas.

A acompanhar a atividade haverá boa disposição, cantigas, histórias, sabedoria popular e para finalizar, boa comida onde mais uma vez o arroz do Mondego saciará a fome dos intervenientes famintos e “cansados” de cantar e conversar.

Esta atividade poderá ser realizada durante os meses de abril e maio.

**- De vala em vala** - Por um dia será confiada aos turistas uma das mais importantes tarefas na cultura do arroz: gerir a rega. O papel de motorista será entregue aos participantes, motores de rega voltarão a ouvir-se como antigamente, por cima de marachas, alagamentos irão fechar-se ou abrir-se conforme as necessidades e os propósitos. No abrigo do condutor os participantes poderão relaxar e saborear uma chávena de café acabado de fazer ao lume, acompanhado por petiscos e lambarices com história. De “barriga cheia” serão surpreendidos pelo rancho das mondadeiras que os vem homenagear com as suas cantigas com direito a um breve pé de dança. Os turistas confortáveis em “sofás” à moda antiga onde a tarimba de salgueiro e serapilheiras cheias de palha de arroz são as matérias-primas, surgirão conversas, histórias, contos, segredos de pesca, até que chegue um convidado muito especial junto dos seus amigos, o Carolino quente acabadinho de fazer que se faz acompanhar pelos seus amigos conhecidos por petiscos do Mondego. Através da observação do Anexo XVIII compreende-se o tipo de imagem dos homens (de 1930) responsáveis pela rega do arroz.

Esta atividade poderá ser realizada de maio até fins de agosto.

- **À tona da água** – Muitos são aqueles que gostam de um passeio de barco, à tona de águas calmas e serenas acompanhadas de paisagens refrescantes e diferenciadoras. Após os participantes serem conduzidos aos barcos dos campos do mondego (bateiras) serão transportados pelos espelhos de água que aguardam pela chegada de sementes germinadas. Ao mesmo tempo que os participantes aproveitam o seu passeio, irão aprender uma das tradições mais antigas da orizicultura do Baixo Mondego, a sementeira de barco (Anexo XIX). Para recuperar forças serão servidos petiscos e doçaria típica de modo a divulgar segredos e prazeres da gastronomia do Mondego.

Atividade passível de ser realizada durante os meses de março e abril

Para além das atividades sugeridas haverá outras relacionadas com as diferentes tradições da orizicultura do Baixo Mondego como lavras com bois, ceifas com fouchinho ou gadanha, alagamentos, carradas de palha com carroça de bois, ensaque do arroz à mão em saco de serapilheira, mondas manuais, entre outras (Fig. 38).

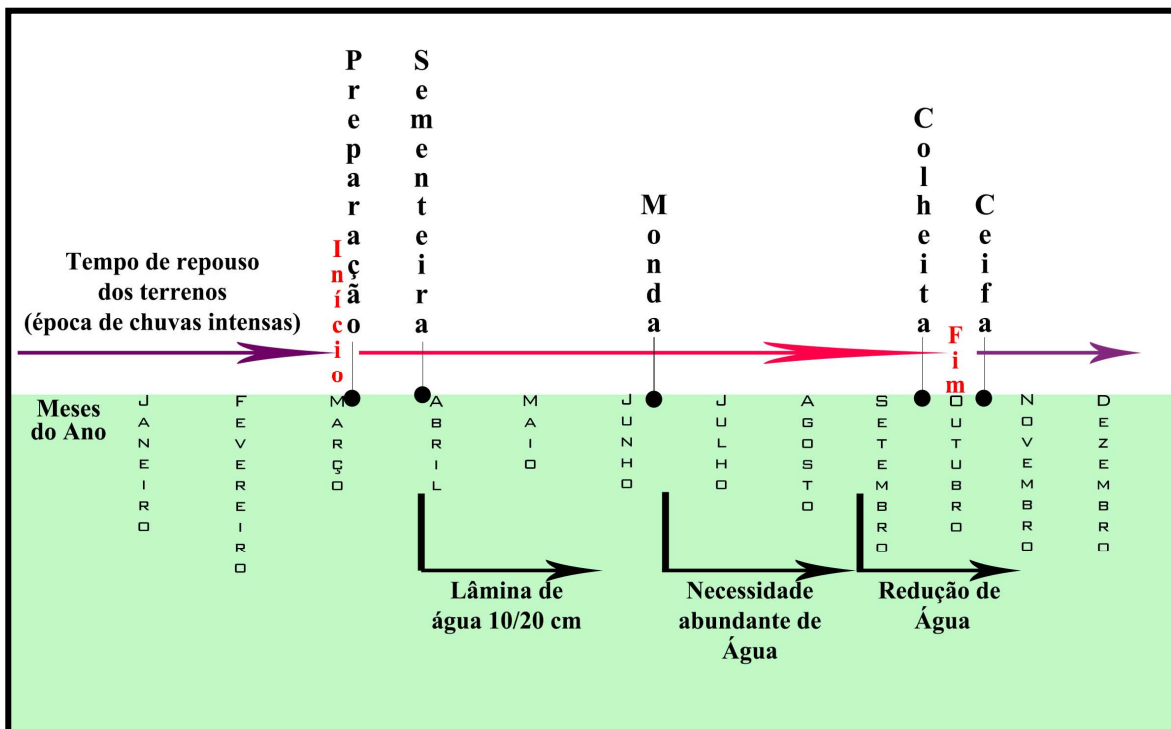


Figura 38- Esquema representativo de operações características da cultura do arroz ao longo do ano.

### 5.6.3. Novos festivais

Além da articulação com os vários festivais ligados ao arroz já existentes, irão desenvolver-se, numa primeira fase, dois novos festivais:

**Festival Noivas do Mondego** - De uma forma geral há muito tempo que o arroz e os casamentos estão relacionados, sendo que este cereal é uma forma de desejar felicidade e prosperidade aos noivos<sup>33</sup>. No Baixo Mondego o arroz demonstra estar ainda mais próximo da celebração do casamento. Este festival (cultural e gastronómico) consistirá na realização de um conjunto de casamentos à moda antiga, onde se pretenderá recriar diversos hábitos antigos relacionadas com o arroz e com os casamentos, onde todos poderão participar envolvidos em experiências tradicionais.

Exemplos de tradições: segundo Monteiro (2009) oito dias antes do casamento entregavam-se aos padrinhos um tabuleiro com todos os ingredientes necessários (onde estava incluído 1kg de arroz) para realizar um cozido à portuguesa bem como uma travessa de arroz doce e um pão-de-ló; dias antes da cerimónia distribuía-se o arroz doce pela aldeia, distribuição feita por moças com tabuleiros à cabeça (Anexo XX); havia ainda a matança tradicional do porco, bezerro ou ave da capoeira; fazia-se arroz doce em caldeiras de cobre; rapava-se os tachos do arroz doce; atirava-se arroz aos noivos após a saída da igreja; cantava-se aos noivos; havia bailaricos com concertinas; nas ementas dos casamentos (Oliveira, 2007) estavam canja de galinha, galinha corada com arroz pardo, cozido à portuguesa (com arroz), carne de vaca assada ou estufada (habitualmente com arroz), arroz doce com pão-de-ló, entre outros.

O festival será realizado em agosto e terá a duração de um fim-de-semana.

**Festival Penhora do Arroz** – Após vários dias, semanas ou meses de trabalho, viagens, sofrimentos, alegrias, noites mal dormidas e festarolas; passando-se por sementeiras, plantações, mondas, ceifas e debulhas chegava o tão desejado final da campanha do arroz, o que significava para os trabalhadores pagamentos e regresso a casa. É fácil de se “compreender a ânsia como se esperava o fim da campanha. Seria o tempo de folgar um

---

<sup>33</sup> Este costume teve origem na China, quando um Mandarim para mostrar a sua riqueza quis que o casamento da sua filha se realizasse numa chuva de arroz.

pouco, de atenuar a dureza daqueles meses de trabalho extenuante” (Associação dos Agricultores do Vale do Mondego, [s.d]: 41).

Junto com o final da campanha do arroz vinha então a comemoração, que era tradicionalmente chamada “A Penhora do Arroz”, sendo este festival feito com o intuito de recordar esta tradição.

Durante o festival será realizada, de forma simbólica, a entrega do Ramo de Louro aos patrões, que era uma grande tradição desta festa, mas também serão recriados outros hábitos relacionados com a cultura do arroz como malhadas do arroz, ensaque de arroz à moda antiga, descasque do arroz em azenha, etc.

Para além das várias atividades culturais e lúdicas já mencionadas haverá ainda “bailaricos” ao som dos ranchos da região, filarmónicas e as inevitáveis concertinas.

A acompanhar as várias atividades culturais deste festival estará o fiel amigo Carolino, que terá presença obrigatória em diversos pratos típicos relacionados com a Penhora do Arroz como o arroz de feijão encarnado, arroz com peixe do rio (Ruivacos, Barbos, Enguias, Tainhas, etc.), arroz de cabidela e outros pratos.

Este festival será em setembro, tendo a duração aproximada de uma semana.

#### **5.6.4. Outras atividades**

O Projeto irá apoiar, participar e desenvolver várias atividades complementares que estejam relacionadas e que potenciem o desenvolvimento turístico, valorização da região, recursos (património natural e cultural) e produtos, desde caminhadas, BTT, *birdwatching*, visitas guiadas a locais de interesse cultural e natural, percursos de orientação, balonismo, passeios interpretativos de fauna e flora, pesca desportiva (sustentável), oficinas de saberes (recriação das tradições), *workshops*, experiências de astronomia (ex. observação de estrelas), passeios equestres, etc.

## **5.7. Relação com o meio económico e cultural da região**

O projeto proposto tem a intenção de se relacionar, favorecer e envolver a comunidade em seu redor, pelo que é indispensável o estabelecimento de diversas parcerias.

Enumeram-se alguns exemplos de parcerias/sinergias a realizar com: orizicultores, agricultores, unidades de alojamento que careçam de serviço de refeições, empresas e trabalhadores locais, rede de restaurantes típicos, museus, teatros, monumentos e galerias de arte locais e regionais, grupos etnográficos locais e regionais, confrarias gastronómicas e de doçaria regional tradicional, feiras, festas, festivais e outros eventos relevantes, empresas de ecoturismo, empresas relacionadas com vendas ou criação de produtos turísticos, escolas de hotelaria e turismo; empresas de vouchers, vales e descontos (ex. Smartbox, Cool Gift, Odisseias, Lifecooler, Groupon, Letsbonus, etc.), universidades relacionadas com turismo e agricultura, *sites* e feiras promotoras de turismo, empresas de formação profissional (relacionadas com gastronomia, turismo cultural, ecoturismo etc.), cooperativas agrícolas locais, adegas e produtores de vinho da região, antigos e atuais trabalhadores do arroz, industriais e trabalhadores de fábricas de descasque do arroz, comerciantes tradicionais locais e regionais, pescadores do rio e mar, grupos de folclore, rancho e fadistas, cozinheiras e cozinheiros tradicionais, entidades e pessoas relacionadas com museus e património cultural em geral (ex. Liga de Amigos do Campo do Mondego, Liga dos Amigos das Tabernas Antigas, etc.), organizadores e conhecedores de festivais e eventos relacionados com o arroz e com a região, professores e especialistas em turismo, cultura, orizicultura, agricultura e outros temas que se possam mostrar relevantes, produtores (e especialistas) de vinho, azeite, doçaria tradicional, ou outros produtos endógenos, artesãos (ex. pintura de louça, cestaria, ourivesaria, bateiras, esteiras ou outros), proprietários e trabalhadores de restaurantes típicos locais, representantes do turismo da região, companhias de teatro, turismo da região e empresas de animação turística, etc.

## **5.8 Sustentabilidade turística**

Para além de todas as medidas, valores e ações do Projeto Aguilhada que visam valorizar a produção de arroz de forma mais sustentável protegendo os recursos culturais, sociais e naturais inerentes a esta cultura, pretende-se ainda promover o turismo de forma equilibrada e preocupada com os recursos naturais e culturais do Baixo Mondego.

Destacam-se algumas medidas a tomar pelo Projeto Aguilhada que visam a sustentabilidade ambiental e social:

- Proceder à sensibilização ambiental de todos os turistas e visitantes para as práticas de preservação ambiental e cultural,
- Doar uma percentagem dos lucros para ações de repovoamento dos pontos hídricos locais com ictiofauna autóctone (em coordenação com entidades locais e de gestão ambiental);
- Doar uma percentagem dos lucros para ações de reflorestação com espécies autóctones (combate a invasoras);
- Colaborar na requalificação das linhas de água, nomeadamente, as mais próximas das zonas de ação do Projeto Aguilhada;
- Usar espécies vegetais autóctones (naturais da região) em todos os espaços exteriores intervencionados;
- Optar sempre que possível por dar emprego à população local (ex. guias turísticos), bem como por recorrer a fornecedores locais;
- Recorrer a artesãos locais para construção, manutenção e reparação de espaços pertencentes ao Projeto;
- Ciar produtos turísticos em torno da cultura e atividades tradicionais, de modo a valorizar e preservar o património cultural;
- Proporcionar de forma gratuita atividades temáticas com cultura e natureza abertos à população local;
- Aderir e motivar a adesão ao Selo de Turismo de Natureza regulado pelo ICNF;
- Procurar seguir programas de turismo responsável de referência (ex. Programa Chave Verde).

### **5.9 Principais benefícios para a região**

Devido aos impactos deste projeto na zona de implantação do mesmo, salientam-se os principais benefícios:

- Aumento de consumo de arroz produzido;
- Valorização da orizicultura;
- Incremento de postos de trabalho;

- Destaque da paisagem;
- Reforço da economia tradicional;
- Enaltecimento da gastronomia típica;
- Melhoria na oferta de turismo em espaço rural;
- Menores níveis de sazonalidade turística;
- Revitalização e preservação de património cultural, hábitos de vida e tradições;
- Elevados níveis de agrado da população devido a mais-valias sentidas;
- Acréscimo de compra e venda de Arroz Carolino de indústrias da região e outros produtos;
- Imagem turística de prestígio e de valor;
- Diversificação da oferta turística;
- Preservação de recursos turísticos;
- Desenvolvimento turístico equilibrado, sustentável e planeado;
- Aumento de turistas, nomeadamente de estrangeiros;
- Oferta diferenciada no que respeita ao turismo em espaço rural e natural;
- Práticas agrícolas reconhecidas;
- Acréscimo de número de festivais e eventos culturais.

## CAPÍTULO 6. PONTENCIAL PROCURA TURÍSTICA

### 6.1. Público-alvo

O Projeto Aguilhada é um projeto de ecoturismo que se cruza com alguns produtos considerados pelo *Plano Estratégico Nacional do Turismo – Revisão e objetivos 2013-2015* como sendo estratégicos quer para o país quer para a Região Centro, que são os produtos de turismo cultural, turismo gastronómico e turismo de natureza.

Pode-se assim dizer que este projeto tem vários públicos-alvo sendo que os dois maiores serão referentes ao turismo cultural e ao turismo de gastronomia e com menor expressão, mas também com importância, surge o turismo de natureza.

De modo a realizar uma melhor caracterização dos turistas adeptos destes tipos de segmentos, recorreu-se à ajuda dos estudos atualmente disponibilizados pelo Turismo de Portugal, feitos pela empresa THR (Asesores en Turismo Hotelería y Recreación, S.A.) no ano de 2006, referentes aos 10 principais produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal.

Tabela 4- Caracterização dos principais públicos-alvo de turismo cultural, de natureza e de gastronomia.

	<b>Público de turismo cultural</b>	<b>Público de Turismo de Gastronomia</b>	<b>Público de Turismo de Natureza</b>
<b>Motivação principal</b>	<b>Descobrir, conhecer e explorar os atrativos de uma região</b>	<b>Usufruir de produtos típicos e aprofundar o conhecimento sobre património enológico e gastronómico de uma território</b>	<b>Viver experiências de grande valor simbólico, interagir e usufruir da natureza</b>
<b>Principais mercados emissores na europa</b>	<b>Itália, França, Alemanha e Reino Unido</b>	<b>França, Holanda, Reino-Unido</b>	<b>Alemanha, Holanda, Reino Unido e Escandinávia</b>
<b>Estadas</b>	<b>Mais de 4 noites</b>	<b>3 a 7 dias</b>	<b>Mais de 4 noites</b>
<b>Gastos (médios) diários por turista</b>	<b>110€</b>	<b>Entre 150€ a 450€</b>	<b>Entre 80€ a 250€</b>
<b>Principais perfis</b>	<b>Casais sem filhos; Reformados</b>	<b>Adultos entre os 35 e 60 anos</b>	<b>Casais com filhos; Casais; Reformados</b>

<b>Hábitos de informação</b>	<b>Revistas de viagens; Brochuras; Internet</b>	<b>Imprensa especializada; Internet; Clubes sociais de gastronomia e vinhos</b>	<b>Revistas especializadas; Brochuras; Internet</b>
<b>Nível socioeconómico</b>	<b>Médio; Médio/Elevado</b>	<b>Elevado</b>	<b>Médio</b>
<b>Época habitual de viajar</b>	<b>Todo o ano</b>	<b>Primavera e Outono</b>	<b>Primavera e verão</b>

Adaptado de: Turismo de Portugal, I.P, 2006a; Turismo de Portugal, I.P, 2006b; Turismo de Portugal, I.P, 2006c

Sendo este um projeto de ecoturismo apresentam-se algumas características mais comuns nos turistas deste segmento turístico segundo o Ministério do Turismo (2008): indivíduos com idades compreendidas entre 25 a 50 anos, poder de compra médio a alto, nível de escolaridade alto, preferência por viajar sozinho ou em grupo, habitualmente provenientes de grandes centros urbanos, gosto por contribuir para a sustentabilidade e com estadas médias entre 4 a 10 dias.

Para além dos públicos-alvo (e suas características) já apresentados, pretende-se ainda que este projeto seja um complemento e uma alternativa ao forte turismo de sol e mar que se faz sentir na região, desejando-se captar turistas com os mais diversos gostos como: interesse na orizicultura e agricultura em geral, apreciar a paisagem, contactar com a natureza, conhecer o Baixo Mondego, interesse na história de Portugal, gosto pela cultura (património cultural) e tradições dos povos e comunidades, interesses na gastronomia, *birdwatchers*, seguidores de turismo industrial; desejo por contribuir para a sustentabilidade ambiental e social, gosto por produtos endógenos, procura de escape do *stress* do trabalho e dos grandes centros urbanos, procura de ambientes mais calmos e relaxantes, gosto pela convivência com comunidades locais e com amigos; arquitetura histórica e tradicional e turismo de charme.

Não deve ser esquecido o turismo de desporto devido ao facto de o projeto se encontrar perto do Centro de Alto Rendimento de Montemor-o-Velho. Também o turismo de raízes poderá ser relevante na medida em que há cada vez mais pessoas longe das suas origens e que desejam voltar a experienciar o passado.

## 6.2. Métodos de comunicação e promoção

Tendo em conta o perfil dos públicos-alvo e os objetivos do Projeto Aguilhada usar-se-ão vários meios de comunicação e promoção (para além de todas as parcerias e sinergias já mencionadas neste trabalho) como várias parcerias com os diferentes espaços e empresas relacionadas e envolvidas com o Projeto, brochuras, divulgação em revistas especializadas em ecoturismo, turismo cultural, turismo de natureza, turismo industrial e turismo genérico, relação com postos de turismo da região e alguns estratégicos a nível nacional, participação em feiras de promoção turística, presença em diversas redes sociais e em operadores turísticos *online*, *outdoors* publicitários e criação de portal *web* para o Projeto Aguilhada.

## 6.3. Satisfação turística

De modo a promover um serviço de excelência junto dos turistas e tendo em vista a boa evolução e sucesso deste projeto de ecoturismo, todos os serviços, infraestruturas e atividades, serão monitorizadas através de inquéritos de satisfação (Fig. 39) disponíveis em diversas línguas para que assim se possa compreender o nível de satisfação dos turistas, bem como entender os seus desejos, intenções, necessidades e sugestões, com vista a uma melhoria constante do projeto.

**INQUÉRITO DE SATISFAÇÃO**

Preencha este inquérito tendo em conta que 1 corresponde a "pouco satisfeito" e 5 corresponde a "muito satisfeito".

Assinale com um "X"

	1	2	3	4	5
ALOJAMENTO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
RESTAURANTE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
MUSEU	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
CASA DE CONTADORES DE HISTÓRIAS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
LOIA/MERCADO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
CAMPOS ORIZÍCOLAS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ADEGA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
QUINTAL	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
OUTROS ESPAÇOS/EQUIPAMENTOS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
EVENTOS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ATIVIDADES CULTURAIS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

APRECIACÕES: \_\_\_\_\_

NOME (facultativo): \_\_\_\_\_ CONTACTO (facultativo): \_\_\_\_\_

**PROJETO AGUILHADA**

BAIXO MONDEGO

Sabia que: cada plantadeira plantava em média um "aguilhada" de terra (540m<sup>2</sup>).

**VOLTE SEMPRE! OBRIGADO**

Figura 39- Exemplo de inquérito de satisfação (língua Portuguesa) para turistas e visitantes.

Haverá também uma atenção redobrada e constante aos interesses e necessidades da comunidade local para que as decisões e linhas de ação, sempre que possível, beneficiem as “gentes da terra”.

## **6.4. Viabilidade do projeto**

### **6.4.1. Indicadores do mercado turístico**

Na justificação da viabilidade do Projeto, apresentam-se alguns dados relevantes:

- **Linhas orientadoras do PENT** – este projeto cruza-se com produtos considerados estratégicos pelo PENT (Turismo de Portugal, I.P, 2013), e cumprirá parte das indicações presentes neste documento, para a Região Centro (NUT II), onde se situa o Baixo Mondego. Lê-se no documento que “(...) nos circuitos turísticos religiosos e culturais, verifica-se a necessidade de colocar os recursos georreferenciados em valor e desenvolver conteúdos e informação para o cliente, bem como incentivar e diversificar as experiências de turismo rural (...)” (Turismo de Portugal, I.P, 2013: 30). Já na vertente gastronómica denota-se “a necessidade de densificar atividades, desenvolver conteúdos e experiências e integrar a oferta em plataformas de promoção e comercialização.” (Turismo de Portugal, I.P, 2013: 30). O mesmo documento indica ainda que o turismo de natureza deverá “desenvolver infraestruturas e serviços especializados, diversificar experiências de turismo rural e criar conteúdos e a sua disponibilização em canais, colocar o produto dos passeios a pé, de bicicleta ou a cavalo no mercado.” (Turismo de Portugal, I.P, 2013: 30).

**Mercados e tendências** – Segundo o último PENT, o turismo é um setor económico muito importante para Portugal, representando cerca de 10% do PIB, os cenários turísticos futuros para Portugal serão apazíveis, esperando-se bons resultados, sendo que entre 2012 e 2015 tem-se como objetivo crescer 3,2% nas dormidas, havendo uma tendência de 1,3% (PENT, 2013). Espera-se ainda aumentos nas percentagens de dormidas de estrangeiros e nas receitas turísticas em Portugal.

Para a Região Centro os indicadores são positivos, como podemos ver nos gráficos das figuras 40 e 41.

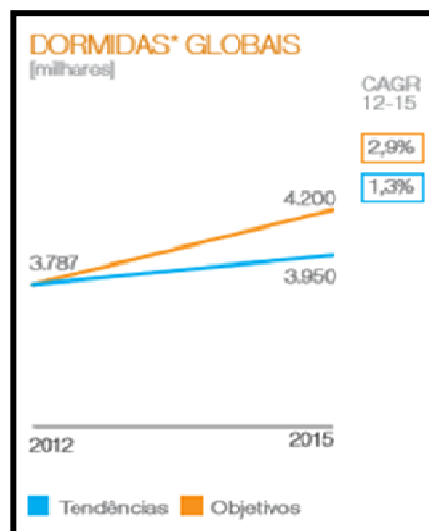
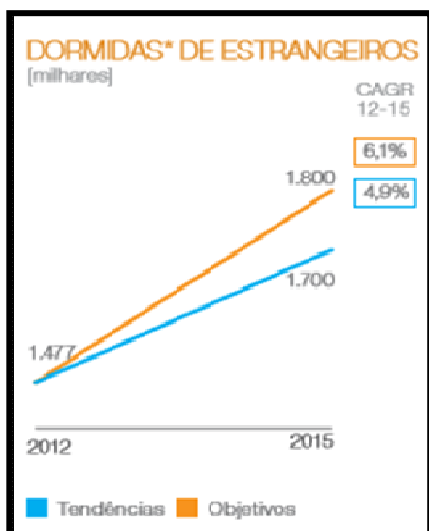


Figura 40 (à esquerda)- Dormidas de estrangeiros (em milhares). Tendências e objetivos para a Região Centro (NutII) entre 2012-2015. Fonte: Turismo de Portugal, I.P, 2013: 11

Figura 41 (à direita)- Dormidas globais (em milhares). Tendências e objetivos para a Região Centro (NutII) entre 2012-2015. Fonte: Turismo de Portugal, I.P, 2013: 11

Nas figuras 42, 43 e 44 observa-se a evolução das viagens de turismo cultural, de natureza e gastronomia e vinhos.

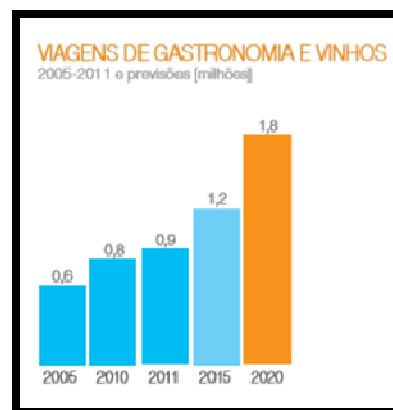


Figura 42 (à esquerda)- Viagens de circuitos turísticos religiosos e culturais, tendo em conta cenários atuais e perspectivas futuras (até 2020). Fonte: Turismo de Portugal, I.P, 2013: 15

Figura 43 (ao centro)- Viagens de turismo de natureza, tendo em conta cenários atuais e perspectivas futuras (até 2020). Fonte: Turismo de Portugal, I.P, 2013: 18

Figura 44 (à direita)- Viagens de gastronomia e vinhos, tendo em conta cenários atuais e perspectivas futuras (até 2020). Fonte: Turismo de Portugal, I.P, 2013: 21

O Projeto Aguilhada faz parte do chamado turismo em espaço rural (ativo e passivo), segmento que tem mostrado ótimos resultados e excelentes perspectivas futuras. Desde o ano 2000 até 2012 evoluiu de forma a passar de cerca de 327 milhares de dormidas anuais para cerca de 845 milhares de dormidas anuais. O Estudo sobre a Internacionalização do Turismo em Meio Rural realizado pelo Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território (MAMAOT, 2012) apresenta dados e previsões estatísticas otimistas em relação à evolução do turismo rural, a nível europeu e em Portugal (Fig. 45 e 46).

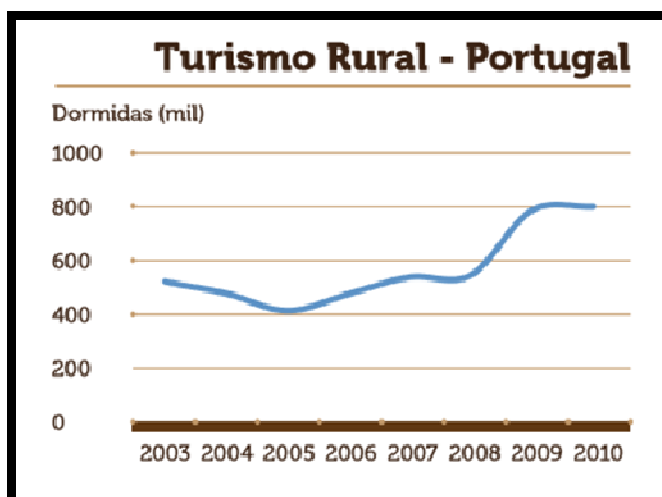
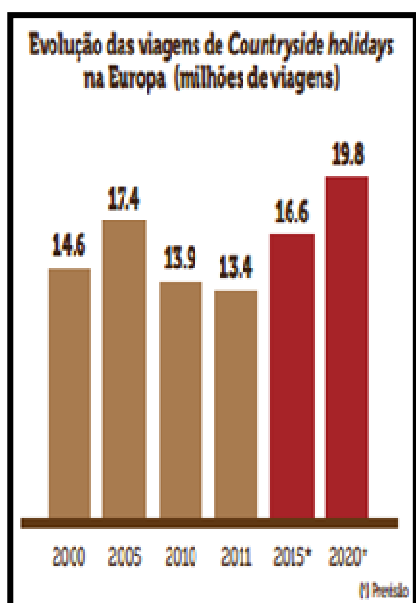


Figura 45 (à esquerda)- Evolução das viagens *Countryside holidays* na Europa entre 2000 e 2020. Fonte: MAMAOT, 2012: 9

Figura 46 (à direita)- Evolução do número de dormidas em turismo rural em Portugal entre 2003 e 2010. Fonte: MAMAOT, 2012: 20

A juntar a todas as animadoras estatísticas e previsões acima referidas relativas a mercados turísticos surge ainda a promissora caracterização do turismo da região, salientando-se a grande força de turistas de sol e mar que mostram tendência em procurar turismo complementar, indo ao encontro do que se afirma no PENT (Turismo de Portugal, I.P, 2013: 14): relativamente aos produtos Sol e Mar deve-se “assegurar a integração com outras ofertas complementares que enriqueçam a proposta de valor”. Coimbra, pelo facto de oferecer um forte turismo cultural será um bom elo de ligação ao Projeto.

#### 6.4.2. Estudo de mercado

De modo a compreender o perfil dos turistas desta região e sua potencial intenção de conhecer o Projeto Aguilhada, procedeu-se à realização de inquéritos (Anexo XXI) no decorrer do mês de maio do ano de 2014, nos postos de turismo de Coimbra (Portagem) e Figueira da Foz, no Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz) e nos Núcleos Museológicos do Mar e do Sal (Figueira da Foz). Embora tenha havido tentativas de realização do estudo em mais locais (ex. alojamentos turísticos) não se conseguiu a necessária recetibilidade para tal.

Dos 171 inquéritos realizados, 5 foram considerados nulos, por insuficiência de dados, totalizando assim 166 inquéritos válidos. Neste estudo analisou-se: nacionalidade, género, faixa etária, tempo de permanência na região, focos de visita e predisposição da parte dos turistas para conhecer um produto turístico ligado ao cultivo de arroz. No Anexo XXII é possível observar a totalidade dos inquéritos realizados.

Em resultado do estudo:

- Quanto à nacionalidade (Fig. 47) observa-se que em maioria são estrangeiros (69%).

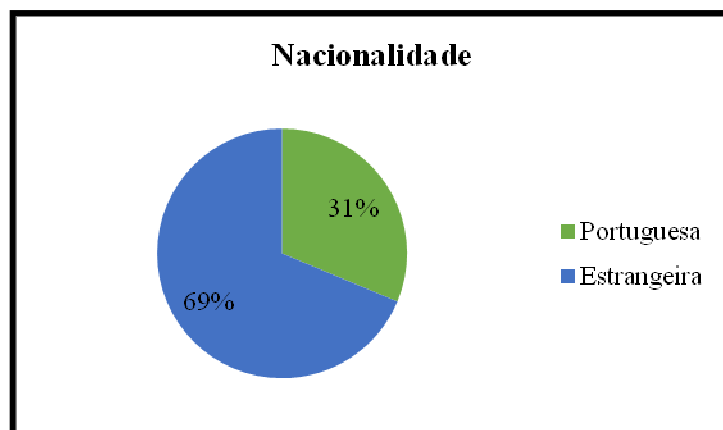


Figura 47- Nacionalidade dos turistas inquiridos.

- Relativamente ao género (Fig. 48), o equilíbrio é grande, com uma ligeira predominância de turistas do sexo feminino (51%).

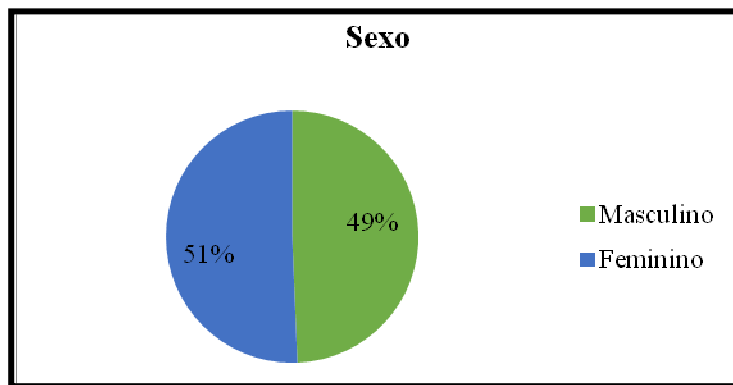


Figura 48- Género dos turistas inquiridos.

- A faixa etária (Fig. 49) com maior incidência foi a compreendida entre os 41 e os 65 anos (49%).

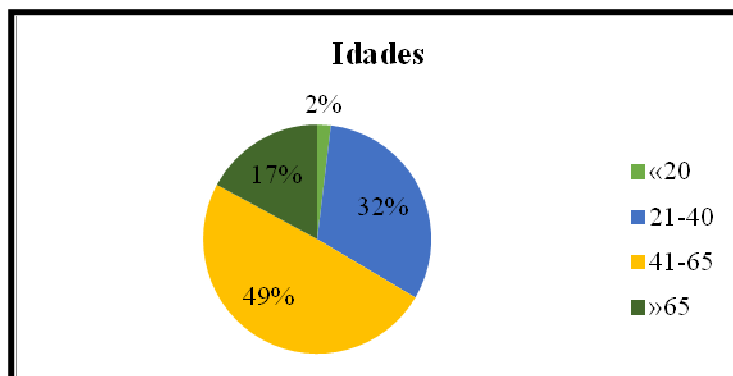


Figura 49- Idades dos turistas inquiridos.

- À pergunta: “Quanto tempo pensa permanecer na região (Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz)?” (Fig. 50), os inquiridos responderam, na sua maioria, que iriam permanecer entre 1 a 2 dias (52%), seguindo-se 3 a 4 dias (36%).

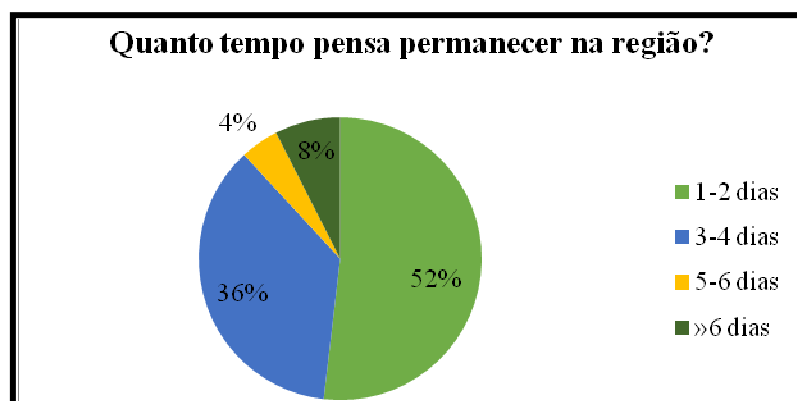


Figura 50- Tempo de permanência dos turistas na região (Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz).

- À questão: “O que pretende visitar nesta região (Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz)?”, apresentam-se os Monumentos como a opção mais escolhida (33%), sendo que Paisagem, Restaurantes e Natureza também foram escolhas relevantes (Fig. 51), particularmente quando encaradas no conjunto (56%).

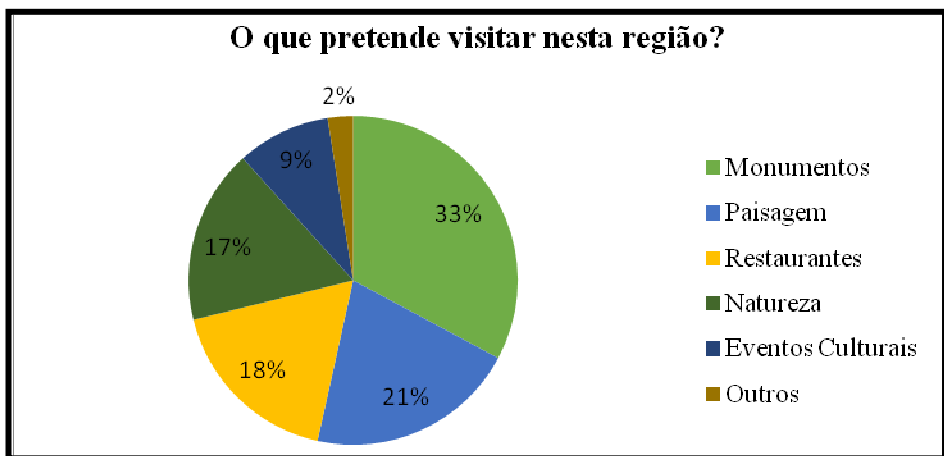


Figura 51- Intenções de visita dos turistas à região (Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz).

- Com a questão: “Se nesta região (Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz) existisse um produto turístico ligado ao cultivo de arroz, com alojamento, restaurante, espaço museológico e várias atividades e/ou eventos culturais associados, teria interesse em conhecê-lo?”, os inquiridos na sua maioria escolhem as opções, “Sim, muito interesse!” (46%) e “Sim, algum interesse!” (39%), como se constata na figura 52.

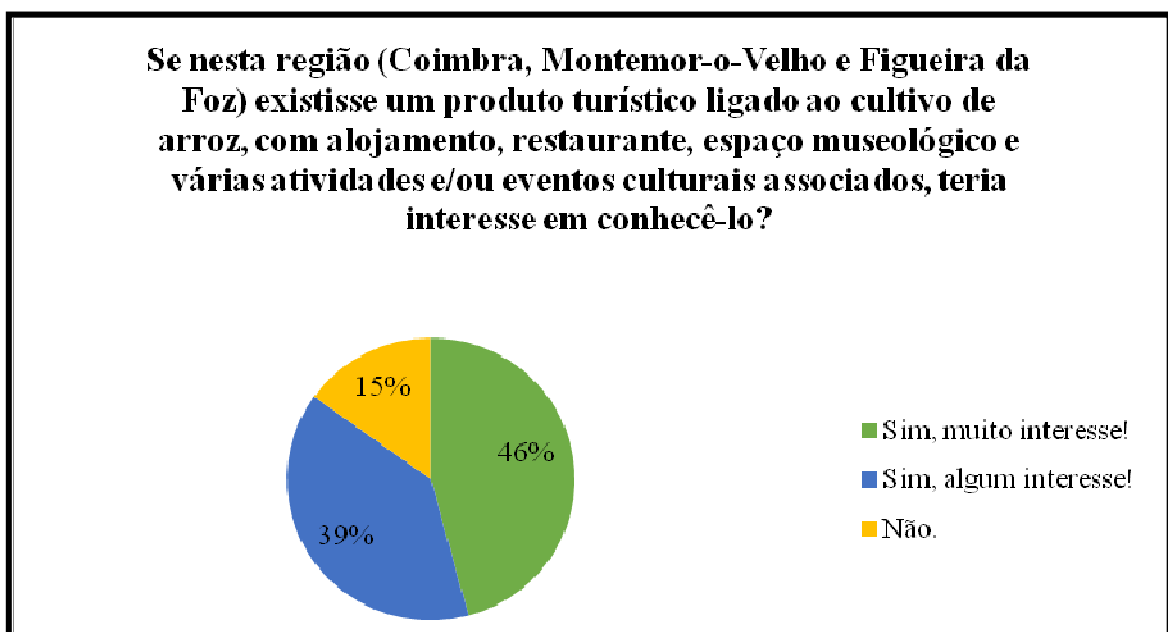


Figura 52- Interesse dos turistas em conhecer um produto turístico ligado ao cultivo do arroz.

Após a conceção e análise deste estudo, denota-se que estes turistas, presentes no Baixo Mondego, mostraram grande interesse em conhecer produtos turísticos relacionados com o cultivo de arroz, o que, em nosso entender, é um bom indicador de sucesso para o Projeto Aguilhada.

## **6.5. Financiamento**

O financiamento deste projeto turístico poderá ser assegurado por investidores privados, públicos ou pela conjugação dos dois. É de apontar que atualmente em Portugal e na Região Centro, vivem-se bons momentos no que diz respeito à estimulação e incentivo ao empreendedorismo com especial destaque para projetos de turismo.

Atualmente o Turismo de Portugal em parceria com a banca, lançou uma linha de apoio ao empreendedorismo (para o Centro), que visa estimular projetos de animação turística e outras iniciativas turísticas de interesse, indo os apoios até 75% do valor de investimento elegível (Turismo Centro de Portugal, 2014). A iniciativa comunitária JESSICA, orientada pela Caixa Geral de Depósitos, procura apoiar projetos que tenham impacto na regeneração urbana, podendo apoiar com até 80% do valor do investimento (Banco BPI, 2014). O programa Fundos Revitalizar, da OXI CAPITAL, também é uma solução válida, na medida em que pretende apoiar o desenvolvimento do empreendedorismo na Região Centro (IAPMEI, 2012).

Para além dos programas de financiamento supramencionados, existem ainda mais possibilidades adequadas aos projetos turísticos como, por exemplo, recorrendo a fundo de investimento de *Business Angels*, havendo em Portugal a Federação Nacional de Associações de *Business Angels* (FNABA, [s.d]).

Deve-se referir a importância do próximo quadro comunitário de apoios CRER2020 que, embora ainda não tenham sido apresentadas de forma detalhada as suas linhas de ação, já se sabe que o desenvolvimento turístico será prioritário (CCDRC, 2014).

## 6.6 Análise SWOT

É conveniente determinar e avaliar alguns fatores de sucesso, pontos fortes e fraquezas, para posteriormente poder identificar linhas de ação, situações favoráveis e oportunidades a não perder. Sugerem-se, seguidamente algumas oportunidades:

- Condições de excelência para projetos de ecoturismo
- Forte tradição orizícola e piscatória
- Forte presença de recursos naturais e culturais que favorecem o aparecimento de turismo de natureza e cultural, fomentando o surgimento de alojamento inovador ligado ao turismo rural
- Grande diversidade e riqueza paisagística
- Crescimento de mercados de turismo cultural, turismo de natureza e turismo gastronómico
- Criação de uma imagem agrícola identificadora da região
- Criação de imagem gastronómica identificadora da região
- Exploração e relação com o turismo já consolidado na região

O Projeto Aguilhada, e tudo o que está agregado a ele, transporta uma série de pontos fortes que favorecerão positivamente a sua área de incidência nas várias vertentes de intervenção:

- Existência de recursos humanos qualificados
- Turismo cultural
- População com altos níveis de escolaridade
- Localização (destacando-se a proximidade com principais cidades de Portugal)
- Acessibilidades
- Grande riqueza e diversidade de património natural
- Fortes tradições orizícolas
- Produção de Arroz Carolino de excelência
- Áreas naturais de grande interesse, com presença de espécies animais e vegetais de grande relevância

- Grande quantidade de tradições ligadas aos campos (agrícolas e orizícolas) do Mondego bem como à “costa de prata”
- Rede de infraestruturas ligadas ao turismo
- Património histórico-cultural de relevância nacional e internacional
- Variedade de equipamentos na área da saúde e educação
- Boa qualidade de vida
- Gastronomia típica muito forte
- Forte presença de festivais culturais
- Elevada quantidade de produtos endógenos

Inevitavelmente fazem-se sentir algumas ameaças a ter em conta na realização do Projeto:

- Diverso património histórico-cultural subaproveitado
- Rio Mondego e margens ribeirinhas em degradação ecológica
- Forte carga urbana nas cidades de Coimbra e Figueira da Foz
- Desaparecimento de tradições
- Fraca presença de turismo rural
- Domínio de turismo de sol e mar

Identificam-se pelo menos quatro pontos fracos a ter em conta:

- Forte sazonalidade turística, marcada pela grande oferta de turismo de sol e mar
- Atividades económicas (incluindo o turismo) muito concentradas em Coimbra e Figueira da Foz
- Estrutura etária envelhecida
- Inexistência de aeroporto

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região do Baixo Mondego, em análise, apresenta várias características que favorecem a aposta e a concretização de projetos de ecoturismo.

Com o desenvolvimento e implantação do Projeto Aguilhada, o património orizícola e outros importantes recursos turísticos serão valorizados, potenciados e simultaneamente preservados, esperando-se assim fortes impactes benéficos para a região, onde se destaca o aumento de turismo, melhoria da economia local e criação de novos postos de emprego.

Relativamente à viabilidade e sucesso deste Projeto, através dos indicadores de mercado turístico apresentados, onde se destaca a presença do estudo de inquéritos a turistas da região, constata-se a melhor receptividade e conclui-se que as perspetivas de sucesso são bastante favoráveis.

As várias propostas integrantes do Projeto apresentado abordam e valorizam diferentes áreas, desde cultura, orizicultura, gastronomia, natureza, lazer, entre outras, aproveitando assim diverso património e destacando recursos “preciosos” da região. Toda a diferença e riqueza presente nestas propostas potenciam diversidade no que respeita a públicos interessados em experienciar, conhecer e contactar as diferentes atividades e experiências; simultaneamente ocorre uma renovação e conseqüente valorização da imagem turística do Baixo Mondego onde o património cultural da orizicultura será o “ator” principal.

Todos estes factos irão potenciar a aceitação regional e nacional do projeto, aceitação esta que poderá ainda beneficiar da ligação a futuros projetos de características semelhantes em outras áreas geográficas, quer nacionais ou internacionais.

Foram sentidos alguns desafios ao elaborar o presente trabalho, nomeadamente o facto da conceção do projeto exigir inúmeras visitas de campo e diversas reuniões, o que obrigou a grande gestão de tempo e de recursos. A realização de inquéritos também constituiu um desafio, na medida em que houve grande dificuldade em encontrar locais de interesse turístico receptíveis a colaborar com este tipo de estudo académico.

Embora já se tenha procurado, de forma informal, junto de algumas entidades, o interesse em apoiar este projeto, conseguindo respostas positivas e bastante animadoras, futuramente será desejável abordar formalmente várias entidades da região como, Câmaras Municipais,

Cooperativas Agrícolas, Confrarias Gastronómicas, Turismo do Centro, industriais do arroz, e outras, no sentido de se associarem empenhadamente ao Projeto.

Para que o Projeto Aguilhada evolua para a dimensão que a região do Baixo Mondego merece, será importante dar continuidade aos estudos aqui iniciados procedendo a uma série de outros trabalhos complementares, de que se dá, como exemplo, a realização de um levantamento mais exaustivo das tradições junto de antigos trabalhadores do arroz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

. ABREU, Alexandra Cancela; CORREIA, Teresa Pinto; OLIVEIRA, Rosário (2004) – *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental*. Lisboa: DGOTDU.

. ADXTUR-Agência para a Promoção Turística das Aldeias do Xisto (2008) – *Portas para a descoberta. Rotas do Xisto*. Carnaxide: Fernandes & Terceiro

. ALVES, Jot’- “Autarquia vai limpar o convento de Santa Maria de Seixa”, *Diário as beiras*, 6263.2014-05-15,p.16

. ALEXANDRE, José Alberto Afonso (2001) - Turismo em Portugal, evolução e distribuição. [cons. em 2013]. Disponível em <http://br.monografias.com/trabalhos2/turismo-portugal/turismo-portugal.shtml>

. AMBM: Associação de Municípios do Baixo Mondego (2008) – *Baixo Mondego – Programa Territorial de Desenvolvimento 2008-2013*. Baixo Mondego: Associação de Municípios do Baixo Mondego

ANTUNES, Adriana Duarte (2012) – “Inventário do acervo documental do Mosteiro de Santa Maria de Seixa”. In – *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*.XXV, Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra p. 9-39

ARH Centro, I.P-Administração da Região Hidrográfica do Centro I.P. (2012) – *Plano de gestão das bacias hidrográficas dos rios Vouga, Mondego e Liz*

. BANCO BPI (2014). “BPI alarga linha de crédito Jessica à Região Centro” [em linha]. [cons. em 2014].Disponível em [www.bancobpi.pt/pagina.asp?s=2&a=7&f=321&e=756&opt=e](http://www.bancobpi.pt/pagina.asp?s=2&a=7&f=321&e=756&opt=e)

. BENTO, Lucinda Coelho Claro (2009) - *Ereira, Arroz e Vida*. 2º ed: Montemor-o-Velho: Lucinda Bento.

. BOBONE, Carlos (2005) - *A Quinta de Fôja do século XI ao século XXI*. Lisboa: Inapa

- . CARDONA, Nina Maria Frederico; COSTA, Carlos (2013) – “Planeamento e desenvolvimento turístico-Uma análise da Chapada Diamantina”. *Turismo & Desenvolvimento*, nº19, p.135-147
- . CAVACO, Carminda (2006) - “ Práticas e Lugares de Turismo”. In *Desenvolvimento e Território: espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares de turismo e lazer*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, p.299
- . CCDRC- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (2014) – “CRER2020 Centro de Portugal” [em linha]. [cons. em 2014]. Disponível em [http://www.ccdrc.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2371](http://www.ccdrc.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=2371)
- . CMC-Câmara Municipal de Coimbra [s.d]. “Rota das Tabernas” [em linha]. [consultado em 2014]. Disponível em [http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=747&Itemid=480](http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=747&Itemid=480)
- . CMMV-Câmara Municipal de Montemor-o-Velho (2013). “Inventário do património histórico-cultural” [em linha]. [cons. em 2013]. Disponível em [http://www.cm-montemorvelho.pt/inventario\\_patrimonio\\_historico\\_cultural.htm](http://www.cm-montemorvelho.pt/inventario_patrimonio_historico_cultural.htm)
- . CONCEIÇÃO, Augusto dos Santos (1942) - *Soure - A Terra Abençoada da Pátria*. Coimbra: Gráfica de Coimbra
- . CUNHA, Licínio (1997) - *Economia e Política do Turismo*. Alfragide: McGraw -Hill de Portugal
- . CUPETO, Carlos Alberto (2009) - *Fugas a pé*. Lisboa: Público
- . DGADR [s.d.]. “Caderno de Especificações do Arroz Carolino do Baixo Mondego” [em linha]. [cons. em 2013]. Disponível em [http://www.dgadr.mamaot.pt/images/docs/val/dop\\_igp\\_etg/Valor/CE\\_Arroz\\_Carolino\\_B.Mondego.pdf](http://www.dgadr.mamaot.pt/images/docs/val/dop_igp_etg/Valor/CE_Arroz_Carolino_B.Mondego.pdf)
- . DGPC [s.d.]. “Itinerários de Cister” [em linha]. [cons. em 2013]. Disponível em <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/itinerarios/cister/>
- . FAO - FAO STATISTICAL YEARBOOK 2013 World Food and Agriculture. Food and Agriculture Organization of the United Nations. ISSN 2225-7373. (Roma-2013)

- . FAPAS (2005) – *Árvores de Portugal e Europa*. Lisboa: Fundo para a Proteção dos Animais Selvagens
- . FCMP-Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal [s.d]. “Percurso Pedestres” [em linha]. [cons. em 2013]. Disponível em <http://www.fcmpportugal.com/Percurso.aspx>
- . FERREIRA, António Dinis; LOPES, Marta (2003) – “A gestão ambiental e a certificação no Ecoturismo. Uma abordagem conceptual”. In SIMÕES; CRISTÓVÃO - *TERN, Turismo em Espaços Rurais e Naturais*. Coimbra: IPC, p.163-175
- . FNABA-Federação Nacional de Associações de *Business Angels* [s.d]. “Fundo de Co-investimento com Business Angels” [em linha]. [cons. em 2014]. Disponível em <http://www.fnaba.org/>
- . FUNDAÇÃO CALLOUSTE GULBENKIAN (1993) – *Guia de Portugal Beira Litoral*. 3ª Edição. Coimbra: Gráfica de Coimbra, vol. III.
- . IAPMEI (2012). “Programa Revitalizar-Fundos Revitalizar” [Em linha]. [Cons. em 2014]. Disponível em <http://www.iapmei.pt/iapmei-mstplartigo-01.php?temaid=198&msid=18>
- . INE, I.P. – *Anuário Estatístico da Região Centro 2012*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P. ISSN 0872-5055. (2013)
- . INE, I.P. – *Estatísticas Agrícolas 2012*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P. ISSN 0079-4139. (Julho-2013)
- . MAMAOT (2012) - *Estudo sobre a internacionalização do turismo no meio rural-Modelo de negócios e estratégias de desenvolvimento*. Lisboa: Ministério da Agricultura Mar Ambiente e Ordenamento do Território
- . MARTÍNEZ-ROGET, Fidel; MOUTELA, José Alberto Tavares (2013) - “Novas motivações dos turistas: Uma oportunidade para o território rural. Análise da “Rede das Aldeias do Xisto” no Centro de Portugal.” *Turismo & Desenvolvimento*, nº19, p. 99-110
- . MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte (2010) – *Portugal, o sabor da terra, um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa: Temas e Debates

- . MENDES, José Amado (2005) – “O Arroz no Baixo Mondego, da gastronomia ao turismo rural”. In VAQUINHAS, Irene; MENDES, José Amado – *Canteiros de Arroz: a orizicultura entre o passado e o futuro*. Montemor-o-Velho: Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, p. 51-63.
- . MONTEIRO, José de Sousa (2009) – *Quando o Sol Queima e o Frio Enregela*. Carapinheira: LACAM
- . MIECZKOWSKI, Z. (1995) - *Environmental issues of tourism and recreation*. Maryland: University Press of America
- . MINISTÉRIO DO TURISMO (2008) – *ECOTURISMO: Orientações básicas*. Brasília: Ministério do Turismo
- . OLIVEIRA, Luís Marçal Correia de (1992) - “Arquitetura Popular no Baixo Mondego”. In LACAM *et al* – *Baixo Mondego Região e Património*, Coimbra: LACAM, p.211-222
- . OLIVEIRA, Luís António Marçal Correia de (1992) - *Poesia Popular do Baixo Mondego*. Carapinheira: LACAM
- . OLIVEIRA, Luís António Marçal Correia de (2007) - *Temperos e sabores esquecidos nos Campos do Mondego*. 2ªed., Carapinheira: LACAM
- . OLIVEIRA, Luís António Marçal Correia de (2013) - *Falares dos Campos do Mondego*. Carapinheira: LACAM
- . O.M.T. (1993). *Agenda XXI for the travel and Tourism Industry – Towards Environmentally Sustainable Development*. OMT, Madrid: OMT.
- . PAIVA, Jorge; LOPEZ, Maria Cristina da Silva; SAMANIEGO, Nieves Marcos; CRUZ, Pedro Ivo de Alenó Arriegas (1993) – *A Flora e a Vegetação da Reserva Natural do Paul de Arzila*. [s.l]: Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza
- . PARDAL, João Oliveira Torres; MARTINS, António Manuel de Almeida; CASTRO, Maria José de Carvalho Domingues; ROSA, Paulo Jorge das Neves; SILVEIRA, Susana Maria Mendes; FERREIRA, António Dinis; RAPOSO, José Miguel [s.d] – *Percursos da Natureza de Coimbra*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra

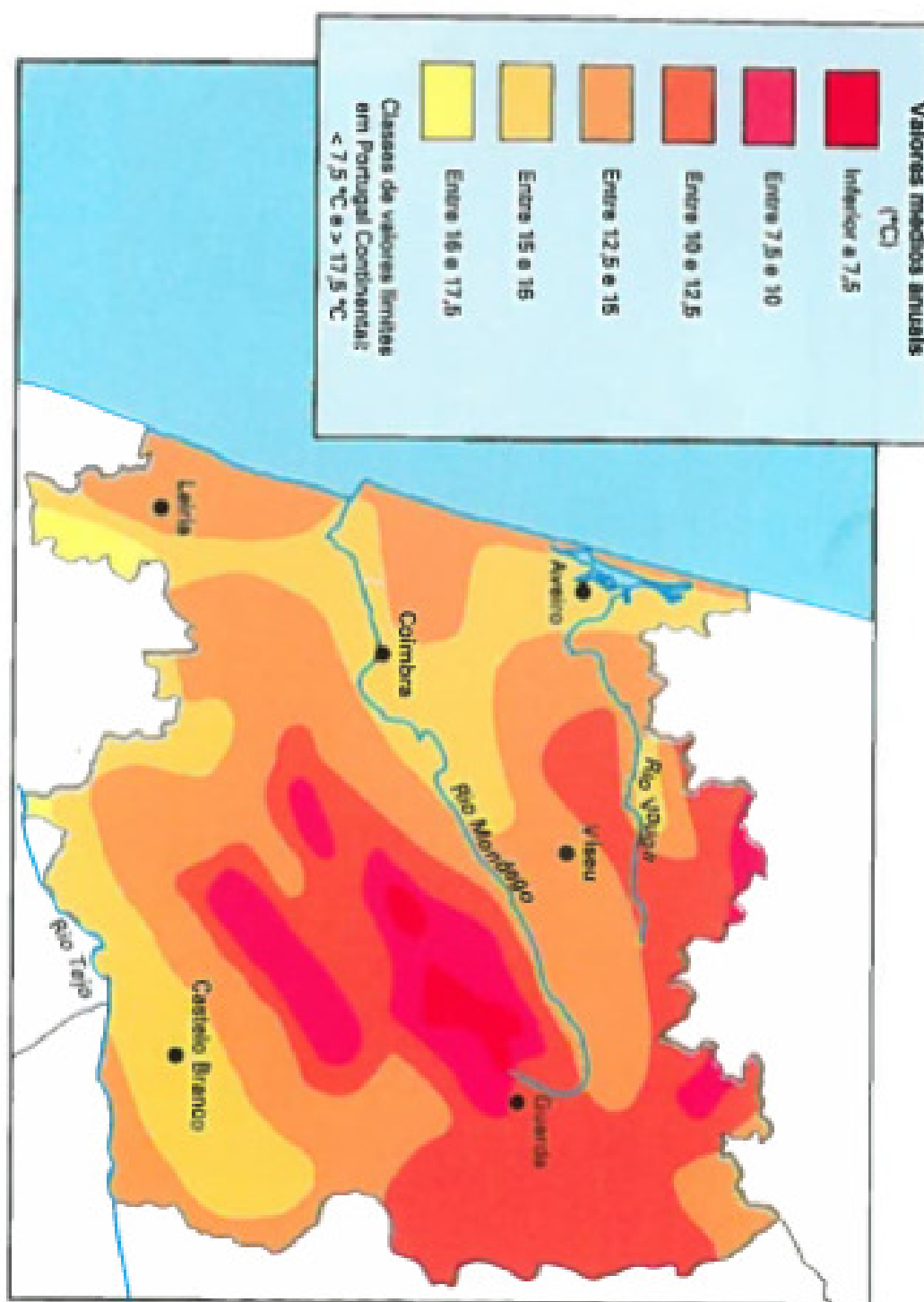
- . PARTIDÁRIO, Maria do Rosário (1999) – *Critérios para um turismo ambientalmente responsável*. Caparica: CEPGA
- . PENA, António; CABRAL, José (1996) - *Roteiros da Natureza*. Lisboa: Temas e Debates
- . RODRIGUES, David José de Carvalho (1998) - “Dieta Estival e Risco de Saturnismo do Pato-real (*Anas platyrhynchos*) nos arrozais da Quinta do Canal”. *Airo* 9, p. 2
- . SILVA, Mário José Costa (2009) – *História do Teatro em Montemor-o-Velho, Sinopse Cronológica (1839-1970)*. Montemor-o-Velho: Câmara Municipal Montemor-o-Velho
- . SIMÃO, José Veiga; RIBEIRO, José Félix; CHORINCAS, Joana (2009) – *Carta Regional de Competitividade Baixo Mondego*. [s.l]: [s.n]
- . SIMÕES, José Manuel [s.d.] – *Um olhar sobre o turismo e desenvolvimento regional*. Lisboa: Centro de Estudo Geográficos
- . SIMÕES, Orlando; CRISTÓVÃO, Artur; BURNAY, Maria João (2003) - *TERN: Turismo em espaços rurais e naturais*. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra.
- . TURISMO CENTRO DE PORTUGAL (2010). “Festivais gastronómicos” [em linha]. [cons. em 2014]. Disponível em [http://www.turismodocentro.pt/pt/eventos\\_.13/festivais\\_gastronomicos\\_figueira\\_da\\_foz\\_com\\_sabor\\_a\\_mar\\_2013\\_.a2829.html](http://www.turismodocentro.pt/pt/eventos_.13/festivais_gastronomicos_figueira_da_foz_com_sabor_a_mar_2013_.a2829.html)
- . TURISMO CENTRO DE PORTUGAL (2014). “Apoio ao investimento turístico” [em linha]. [consultado em Abril de 2014]. Disponível em <http://investenocentro.blogspot.pt/>
- . ICN (2006) – *Pauis do Baixo Mondego*. Coimbra: Instituto da Conservação da Natureza
- . ICNF [s.d.]. “Reserva Natural do Paul de Arzila” [em linha]. [cons. em 2013]. Disponível em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ap/r-nat/rnpa>
- . IHRU (2011). “Mosteiro de Santa Maria de Ceíça” [em linha]. [consultado em 2013]. Disponível em [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2791](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2791)
- . TURISMO DE PORTUGAL, I.P (2006a) – *10 Produtos Estratégicos para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal – Gastronomia e Vinhos*. Lisboa: Turismo de Portugal, I.P

- . TURISMO DE PORTUGAL, I.P (2006b) – *10 Produtos Estratégicos para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal – Touring Cultural e Paisagístico*. Lisboa: Turismo de Portugal, I.P
- . TURISMO DE PORTUGAL, I.P (2006c) – *10 Produtos Estratégicos para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal – Turismo de Natureza*. Lisboa: Turismo de Portugal, I.P.
- . TURISMO DE PORTUGAL, I.P (2007) – *Plano Estratégico Nacional de Turismo*. Lisboa: Turismo de Portugal, I.P
- . TURISMO DE PORTUGAL, IP – *O turismo em 2012*. Lisboa: Proturismo. (Dezembro-2013)
- . TURISMO DE PORTUGAL, I.P (2013) – *Plano Estratégico Nacional de Turismo – Revisão e Objetivos 2013-2015*. Lisboa: Turismo de Portugal, I.P
- . UMBELINO, Jorge (2004) - “Turismo e património, Algumas ideias para reflexão”. *Turismo & Desenvolvimento*, nº1 vol1, p.21-26
- . VAQUINHAS, Irene [s.d.] – Breve historial sobre a Cultura do Arroz nos Campos do Mondego. In *Saberes e Sabores do Arroz Carolino do Baixo Mondego*. [s.l]: Associação dos Agricultores do Vale do Mondego, p. 15-22
- . WEARING, Stephen; NEIL, John (1999) - *Ecoturismo impacto, tendencias y posibilidades*, Madrid: Sintesis

## ANEXOS

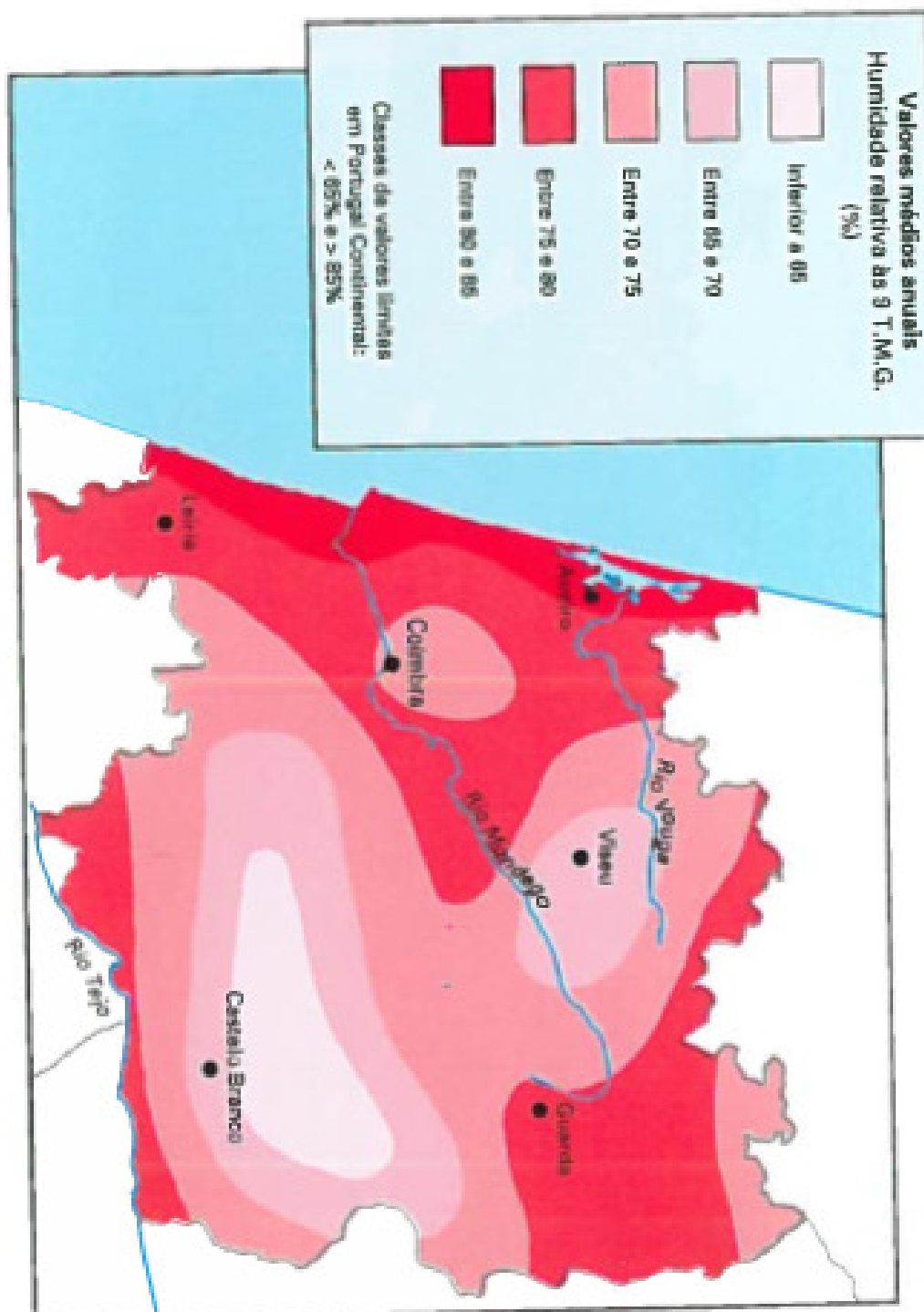
### ANEXO I – Mapa relativo à temperatura média do ar

Fonte: PENA *et al*, 1996, pág.10



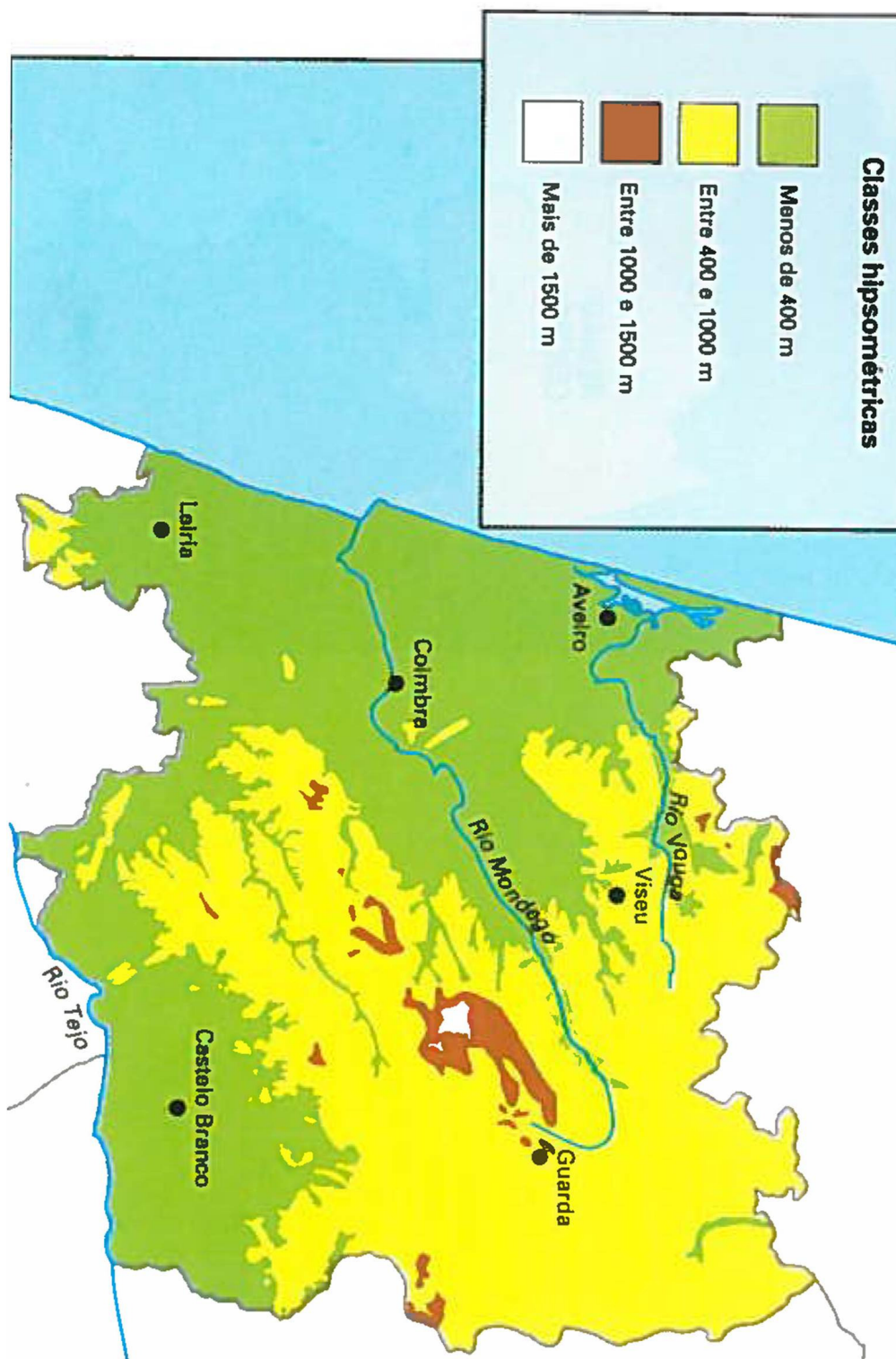
## ANEXO II – Mapa de precipitação total

Fonte: PENA *et al*, 1996, pág.11



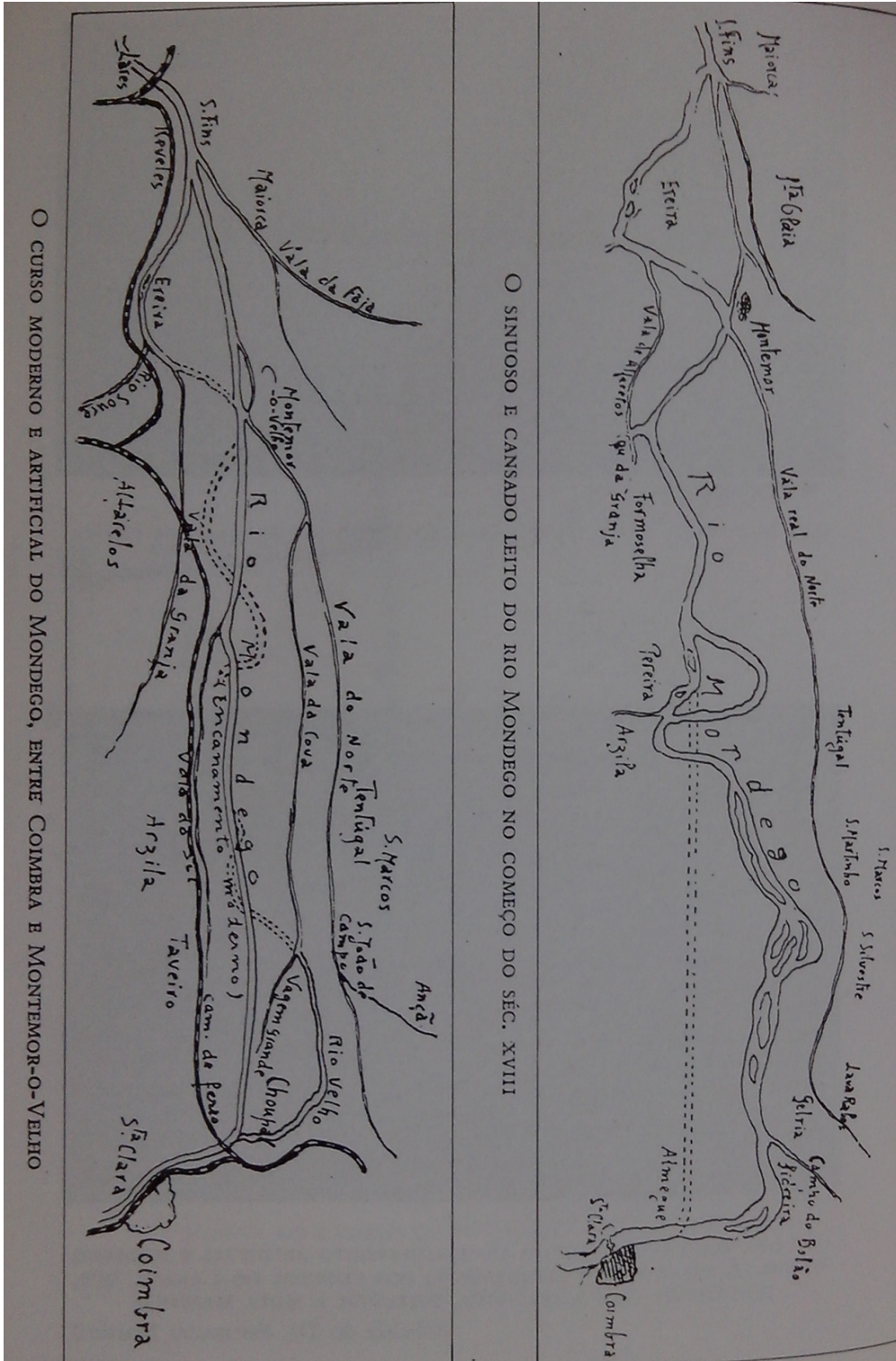
ANEXO III- Carta de classes hipsométricas

Fonte: PENA *et al*, 1996, pág.8

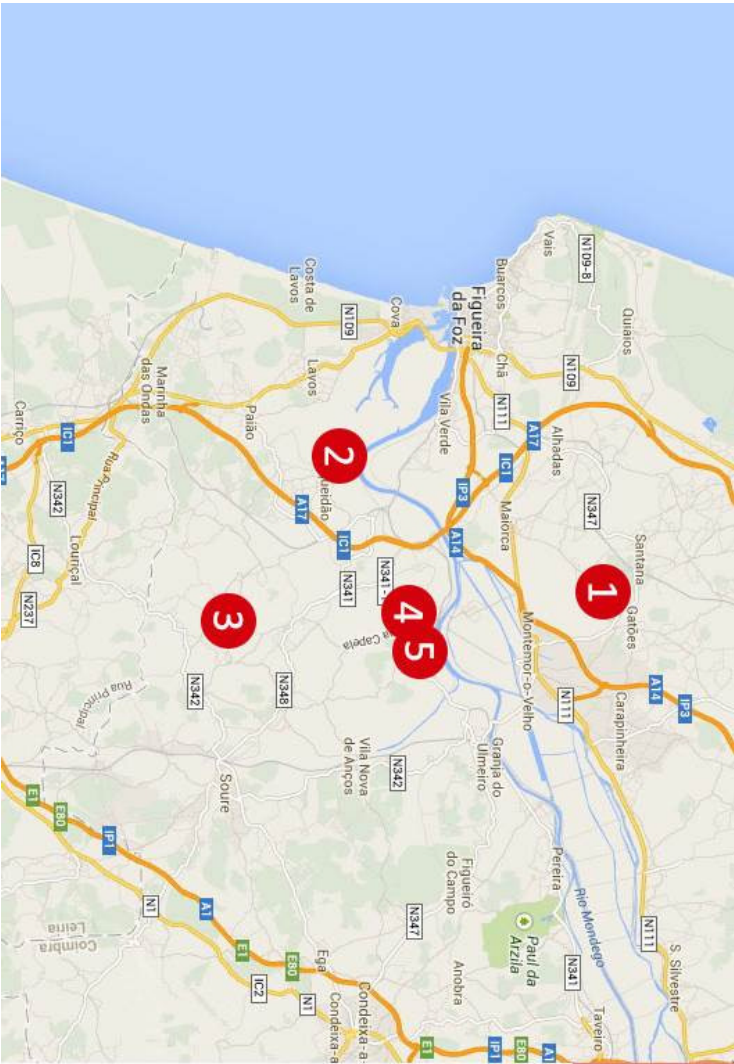


ANEXO IV- Mapa de alterações no traçado do Rio Mondego

Fonte: GULBENKIAN, 1993, pág.145



ANEXO V- Localização e identificação de Quintas históricas relacionadas com a produção de arroz no Baixo Mondego.



Localização de quintas históricas relacionadas com a produção de arroz no Baixo Mondego

- 1 Quinta de Foja
- 2 Quinta do Canal
- 3 Quinta do Seminário
- 4 Quinta da Boa Vista
- 5 Quinta dos Castelos

ANEXO VI- Fotografias de casas da região do Baixo Mondego com valor histórico-cultural, possíveis de serem convertidas em alojamentos turísticos.





ANEXO VII- - Alojamentos turísticos e outras infraestruturas em campos orizícolas

Fontes: <http://bit.ly/1nOrQxC> ; <http://bit.ly/1iOLIfq> ; <http://bit.ly/1oLWQeM> ;  
<http://bit.ly/1mni6sv> ; <http://bit.ly/1mnhyD0> ; <http://bit.ly/1dBwbdB> (respetivamente)



ANEXO VIII- Passeio coletivo de bicicletas típicas do Baixo Mondego.

Fonte- <http://bit.ly/1gNP2T0>



ANEXO IX- Desfile de carroças na freguesia de Maiorca.

Fonte- <http://www.asbeiras.pt/2011/08/festas-de-maiorca-contribuem-para-a-preservacao-do-burro/>



ANEXO X- - Máquinas e equipamentos industriais pertencentes à atividade orizícola





ANEXO XI- Fotografias do Museu do Arroz da Herdade da Comporta.



ANEXO XII- Fotografia de capataz com trabalhadores nos campos orizícolas.

Fonte: BOBONE, 2005, pág.185



ANEXO XIII: Exemplos de embalagens propostas para a marca de Arroz Aguilhada.













ANEXO XIV- Quadras relacionadas com a existência de adegas no Baixo Mondego.

Fonte: Oliveira,1992:29

ADEGA DO CADIMA

Eu fui de estrada a cima  
A casa do Luís Cadima  
Para beber um copito  
Mas tal foi o meu azar  
Só lá fui encontrar  
O amigo António Sito.

Como o Luís não estava  
Andava a semear fava  
Lá para os lados da Ribeira  
Mas o sogro que é amigo  
Levou-me à adega consigo  
E pregou-me uma bebedeira.

Já então bem atestado  
Desço a estrada descansado  
Não me perdendo da rota  
Ouço pedirem por favor  
Era o amigo Pintor  
Que estava a bater uma bota.

Ouçá lá amigo Pardal  
Desculpe não levo a mal  
Um favor quero que me faça  
Tire-me dessa prateleira  
Junto a essa cafeteira  
A garrafa da cachaça.

A garrafa lhe tirei  
E no chão eu a deitei  
Com um copo de dois decilitros  
Para o favor me pagar  
Ainda tive de tomar  
Com ele mais três copitos.

Nisto saio de porta fora  
Pois agora vou-me embora  
Desejo saúde e paz  
Mas quando chego à Quintã  
Encontro a minha irmã  
Ó irmão como tu estás.

Vou aqui amargurado  
Tenho andado muito cansado  
Nesta vida perturbada  
Fui para casa e me deitei  
No outro dia acordei  
Com a cabeça azambuada.

Diz então minha mulher  
Como é que este homem quer  
Andar contente da vida  
Quer-se armar em valente  
E depois fica doente  
São efeitos da bebida.

ANEXO XV-Quadras relacionadas com tabernas e tascas existentes na freguesia da Carapinheira nos anos 50 e 60.

Fonte: Oliveira, 1992: 29

**TABERNAS E TASCAS QUE EXISTIAM NOS ANOS 50 A 60  
NA CARAPINHEIRA**

Uma promessa a Deus fiz  
De apanhar uma bebedeira  
Nas tascas da Carapinheira  
Já que o destino assim o quis  
Comecei pela Lavariz  
E para evitar questões  
Fui à tasca do Simões  
Onde bebi um copito  
Daí fui para o Bonito  
Bebi mais dois tinturões.

Ao subir a Bendorreira  
Para a promessa pagar  
Tive logo de entrar  
Na taberna do Ferreira  
Tomei uma copaneira  
E seguí o meu destino  
Fui ao Alcides do Quirino  
Eu bebi pela picheira  
E no Duarte Caldeira  
Estavam a jogar o quino.

No largo do Pinheiro Manso  
Na tasca do Cavaleiro  
Meti mais um trauliteiro  
Cá para dentro do ganso  
Para a frente eu avanço  
Já pela Quintã a cima  
Entrei no Joaquim Medina  
Que estava a jogar a sueca  
Traguei mais uma caneca  
Duma pinga boa e fina.

Depois para trás voltei  
Vim ao Aurélio Veneza  
Bebi vinho de certeza  
A porção é que eu não sei  
De repente me lembrei  
Do Mário Nobre na cruz  
Mas de pressa lá me pus  
Bebi um copo à torneira  
Fui ao António Caldeira  
E meti mais um obus.

Segui então para a Estrada  
Para a taberna do Maurício  
E para matar o vício  
Engoli meia canada  
Já de barriga atestada  
A suar cheio de calor  
Fui à tasca do Pintor  
Pensativo e perverso  
Ingeri mais um calerço  
Fiquei que nem um doutor.

No José Medina entrei  
E lá tirei o fastio  
Lembrei-me do Porto Luzio  
Mas às tantas recusei  
Duas tascas lá deixei  
Do Fonseca e Joaquim Dias  
Eram mais duas maquias  
Que eu trazia comigo  
Mas o caminho era um perigo  
Tirei de lá as manias.

Fui ao Alberto Monteiro  
Aí bebi um marqués  
Repeti-o mais uma vez  
Porque o vinho era porreiro  
Daí sigo o meu roteiro  
Direito ao José Catrapó  
Como a mulher estava só  
Não parei seguí p'ra a frente  
Só na tasca do Valente  
Tirei da goela o pó.

Fui ao Casal dos Moutinhos  
Ao Elísio e Zé Fernandes  
Tomei dois copos dos grandes  
Junto com mais dois vizinhos  
Pois havia lá bons vinhos  
Em qualquer dessas tabernas  
E já cansado das pernas  
À Boleta regressei  
E mais um copo virei  
Cá para dentro das cavernas.

O Dantas fui visitar  
E fiquei admirado  
Ao ver que estava fechado  
Por não ter que aviar  
P'ra trás tive de voltar  
Virei para o Casal Simão  
Nem a tasca do Galvão  
De mim ficou isenta  
Daí fui para o Pimenta  
Tinha água em garrafão.

Nisto saio a correr  
Para a tasca dos Valentos  
Só cerveja e aguardentes  
É que tinham para vender  
Eu aí não quis beber  
Podem querer que sou sincero  
Essas bebidas não quero  
Provocam-me muita azia  
Só fui tirar a maquia  
À tasca do Ludegero.

Na Janvaza fui parar  
No Silva tomei uns tragos  
Fui à tasca do José Bagos  
Onde acabei de ensacar  
Pelo Corgo tive de passar  
No José Malva e Maganão  
E no Alhastro então  
Pelo Bonito e Zé Ninguém  
Zé da Caneca também  
Pelo Zé Marta e Panão.

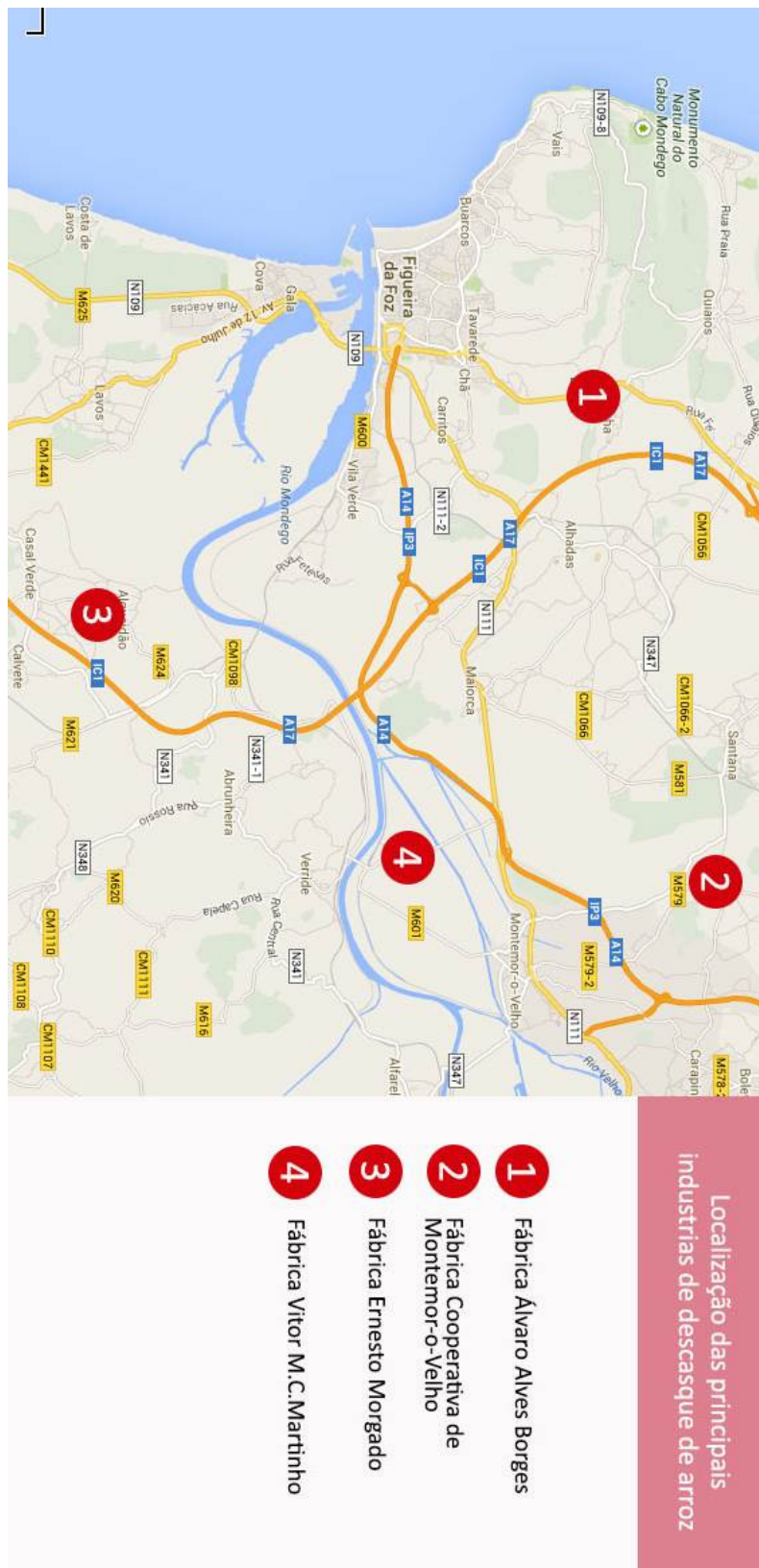
Todos eles visitei  
Nenhum deixei para trás  
Porque a pinga mal não faz  
Tomada como eu tomei  
Pela lógica da lei  
Seja forte ou seja fraca  
Ela de vez em quando ataca  
Mas foi Deus que a criou  
Às tantas vejo que estou  
Na taberna do Barraca.

Estava assim a terminar  
A promessa que eu fiz  
Eu sentia-me tão feliz  
Que nem queria acreditar  
Por fim começo a orar  
À divina natureza  
Porque tinha a certeza  
Da minha missão cumprida  
Fiz a minha despedida  
No Ferro e Mário Veneza.

ANEXO XVI- Entrada principal da taberna “O Bernardes” em Ereira

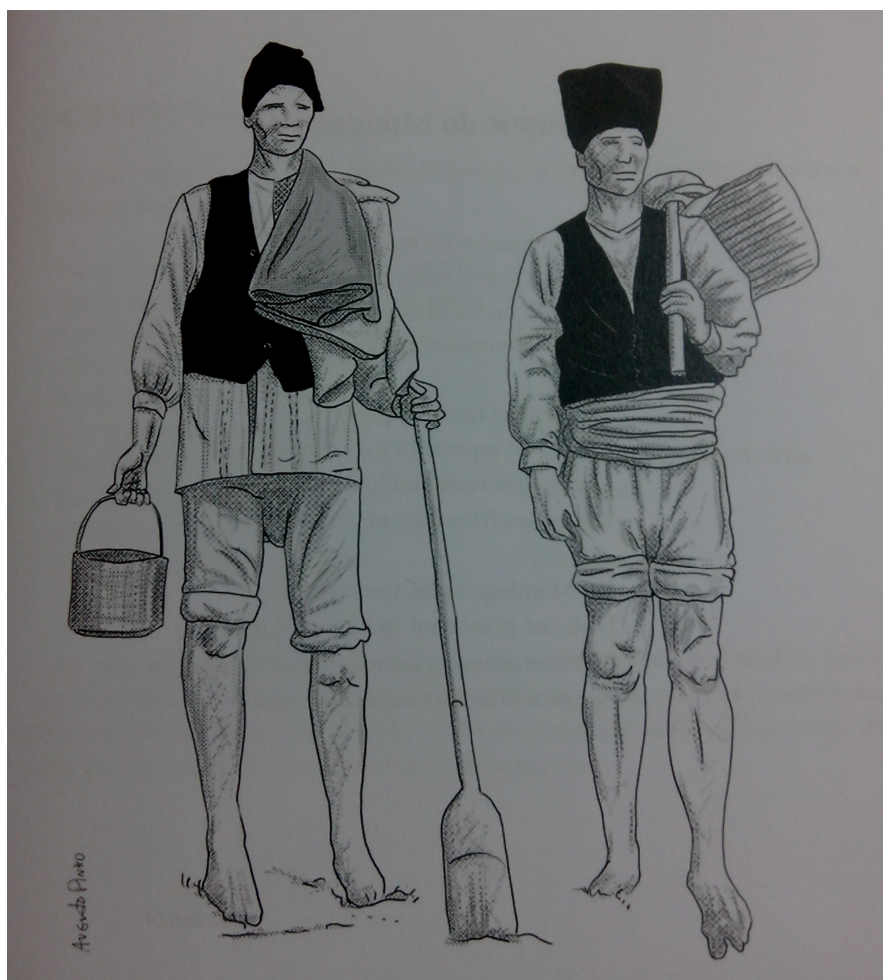


## ANEXO XVII- Mapa de localização de indústrias de arroz na região do Baixo Mondego



ANEXO XVIII- Ilustração de valadores do arroz em 1930

Fonte: Oliveira, 2013:125



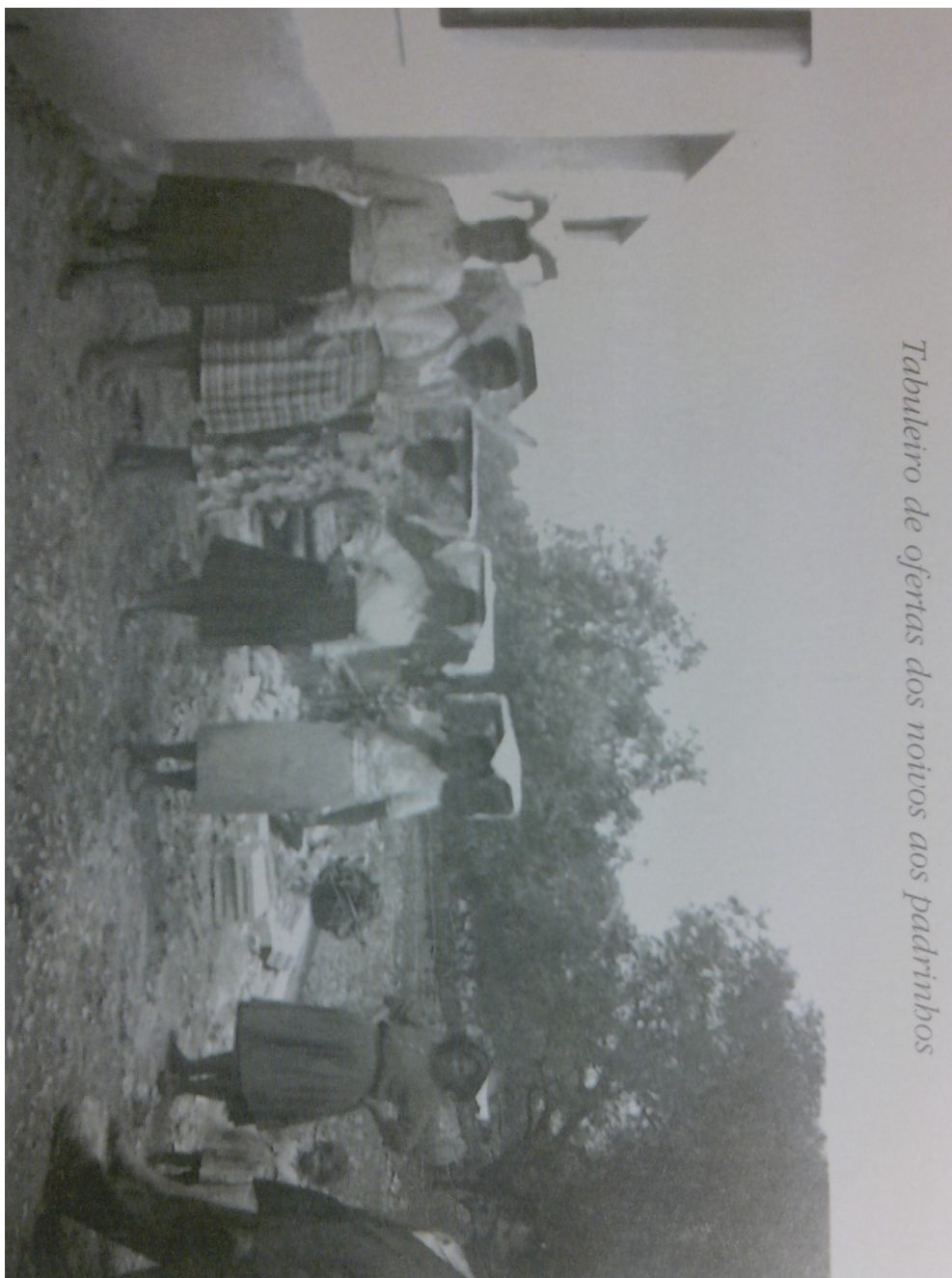
ANEXO XIX- Antiga tradição de semear arroz através do recurso a barco (bateira)

Fonte: Bobone, 2005:184



ANEXO XX- Mulheres distribuindo tabuleiros de arroz doce


Fonte: Oliveira, 2007:142



*Tabuleiro de ofertas dos noivos aos padrinhos*

## ESTUDO DA PROCURA TURÍSTICA

### Study of tourism demand / Étude de la demande touristique



---

**Nacionalidade**  
*nationality/nationalité*  
 Portuguesa  Estrangeira   
*portuguese/portugais*  *foreign/étranger*

**Sexo**  
*gender/sexe*  
 M  F

**Idade**  
*age/âge*  
 <20  21-40  41-65  >65

**Quanto tempo pensa permanecer na região (Coimbra;Montemor-o-Velho;Figueira da Foz)?/How long do you intend to stay in this region (Coimbra;Montemor-o-Velho;Figueira da Foz)? - Combien de temps resterez-vous dans cette région (Coimbra;Montemor-o-Velho;Figueira da Foz)?**  
*region (Coimbra;Montemor-o-Velho;Figueira da Foz)?*

1-2 dias  3-4 dias  5-6 dias  >6 dias   
*days/jours*  *days/jours*  *days/jours*  *days/jours*


**O que pretende visitar nesta região (Coimbra;Montemor-o-Velho;Figueira-da-Foz)? - What are you planning to visit in this region (Coimbra;Montemor-o-Velho;Figueira da Foz)? - Ce que vous voulez visiter dans cette région (Coimbra;Montemor-o-Velho;Figueira da Foz)?**  
*Montemor-o-Velho;Figueira da Foz)?*

**Monumentos**  **Paisagem**  **Restaurantes**  **Natureza**  **Eventos culturais**   
*monuments/monuments*  *landscape/paysage*  *restaurants/restaurants*  *nature/nature*  *cultural events/événements culturels*

**Outro(s)**  **Quais?** \_\_\_\_\_  
*other options/autre*  *Which?Qu'est-ce?* \_\_\_\_\_

**Se nesta região (Coimbra;Montemor-o-Velho;Figueira da Foz) existisse um produto turístico ligado ao cultivo de arroz, com alojamento, restaurante, espaço museológico e várias atividades e/ou eventos culturais associados, teria interesse em conhecê-lo? - Would you be interested in getting to know a tourism product in this region (Coimbra;Montemor-o-Velho;Figueira da Foz) related to the cultivation of rice with housing accommodation, restaurant services, museum space and several other activities or cultural events? - Si dans cette région (Coimbra;Montemor-o-Velho;Figueira da Foz) il y avait un produit touristique lié à la culture du riz, avec hébergement, restaurant, musée et diverses activités ou événements culturels associés, vous serait intéressé à le connaître?**

**SIM, muito interessel**  **SIM, algum interessel**  **NÃO**   
*YES, very interestel/OUl, Beaucoup d'intérêtl*  *YES, some interestl/OUl, un certain intérêtl*  *no/non*



**OBRIÇADO - TEMAS - MERC**

LUIS FERRIRA\_MESTRADODEGOTURISMO ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE COIMBRA 2014  
 ecoturismol/ecotourisme

## ANEXO XXII- Lista de respostas de inquéritos

1-Nacionalidade

2-Sexo

3-Idade

4-Quanto tempo pensa permanecer na região (Coimbra; Montemor-o-Velho; Figueira da Foz)?

5-O que pretende visitar nesta região (Coimbra; Montemor-o-Velho; Figueira da Foz)?

6-Se nesta região (Coimbra; Montemor-o-Velho; Figueira da Foz) existisse um produto turístico ligado ao cultivo de arroz, com alojamento, restaurante, espaço museológico e várias atividades e/ou eventos culturais associados, teria interesse em conhecê-lo?

	①	②	③	④	⑤	⑥
Resposta1	Portuguesa	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta2	Portuguesa	Feminino	21-40	3-4 dias	Monumentos Paisagem Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta3	Portuguesa	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos	Não.
Resposta4	Estrangeira	Masculino	«20	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Não.
Resposta5	Estrangeira	Masculino	»65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta6	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Paisagem Restaurantes	Sim, algum interesse!
Resposta7	Portuguesa	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos Eventos Culturais	Sim, algum interesse!
Resposta8	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta9	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Natureza	Não.
Resposta10	Estrangeira	Feminino	»65	1-2 dias	Monumentos	Não.
Resposta11	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza	Não.
Resposta12	Estrangeira	Masculino	41-65	1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza	Não.
Resposta13	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos	Sim, algum interesse!
Resposta14	Estrangeira	Masculino	»65	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Sim, muito interesse!
Resposta15	Estrangeira	Feminino	»65	1-2 dias	Monumentos Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta16	Estrangeira	Masculino	»65	1-2 dias	Monumentos Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta17	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Eventos Culturais	Não.
Resposta18	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos	Sim, muito interesse!

Resposta19	Estrangeira	Feminino	21-40	3-4 dias	Monumentos Restaurantes	Sim, muito interesse!
Resposta20	Portuguesa	Masculino	21-40	3-4 dias	Eventos Culturais	Não.
Resposta21	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Eventos Culturais	Sim, algum interesse!
Resposta22	Portuguesa	Masculino	41-65	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta23	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Não.
Resposta24	Portuguesa	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Sim, algum interesse!
Resposta25	Portuguesa	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Sim, muito interesse!
Resposta26	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Sim, muito interesse!
Resposta27	Portuguesa	Masculino	41-65	1-2 dias	Monumentos Restaurantes Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta28	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos Natureza	Não.
Resposta29	Estrangeira	Feminino	»65	3-4 dias	Monumentos Eventos Culturais	Sim, algum interesse!
Resposta30	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Restaurantes Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta31	Portuguesa	Feminino	21-40	»6 dias	Monumentos	Não.
Resposta32	Estrangeira	Masculino	41-65	5-6 dias	Monumentos Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta33	Portuguesa	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Sim, muito interesse!
Resposta34	Portuguesa	Masculino	21-40	3-4 dias	Monumentos Paisagem	Sim, muito interesse!
Resposta35	Estrangeira	Feminino	21-40	3-4 dias	Monumentos Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta36	Portuguesa	Masculino	«20	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Sim, muito interesse!
Resposta37	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Sim, muito interesse!
Resposta38	Estrangeira	Masculino	41-65	»6 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta39	Estrangeira	Masculino	»65	1-2 dias	Monumentos Outros	Sim, muito interesse!
Resposta40	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Paisagem Outros	Sim, algum interesse!
Resposta41	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem	Sim, muito interesse!
Resposta42	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta43	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta44	Estrangeira	Feminino	21-40	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta45	Portuguesa	Masculino	41-65	5-6 dias	Monumentos Restaurantes Outros	Sim, muito interesse!
Resposta46	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Restaurantes Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta47	Portuguesa	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Sim, muito interesse!

Resposta46	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Restaurantes Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta47	Portuguesa	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Sim, muito interesse!
Resposta48	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta49	Estrangeira	Masculino	»65	3-4 dias	Monumentos	Não.
Resposta50	Estrangeira	Masculino	21-40	3-4 dias	Monumentos Paisagem Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta51	Portuguesa	Feminino	21-40	3-4 dias	Monumentos Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta52	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta53	Portuguesa	Feminino	«20	»6 dias	Monumentos Natureza	Não.
Resposta54	Estrangeira	Masculino	»65	1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta55	Estrangeira	Masculino	41-65	5-6 dias	Monumentos Restaurantes	Não.

Resposta56	Estrangeira	Feminino	»65	5-6 dias	Monumentos Paisagem	Não.
Resposta57	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Restaurantes	Sim, algum interesse!
Resposta58	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos	Sim, muito interesse!
Resposta59	Portuguesa	Feminino	21-40	1-2 dias	Monumentos Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta60	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta61	Portuguesa	Feminino	21-40	1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Outros	Sim, muito interesse!
Resposta62	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem	Sim, muito interesse!
Resposta63	Portuguesa	Feminino	21-40	1-2 dias	Monumentos Restaurantes	Sim, muito interesse!
Resposta64	Estrangeira	Feminino	»65	1-2 dias	Monumentos	Sim, muito interesse!
Resposta65	Estrangeira	Masculino	»65	»6 dias	Monumentos Paisagem Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta66	Estrangeira	Feminino	41-65	5-6 dias	Monumentos Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta67	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Não.

Resposta66	Estrangeira	Feminino	41-65	5-6 dias	Monumentos Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta67	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Não.
Resposta68	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Não.
Resposta69	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Não.
Resposta70	Estrangeira	Feminino	21-40	1-2 dias	Monumentos Restaurantes	Sim, algum interesse!
Resposta71	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta72	Portuguesa	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Restaurantes Eventos Culturais	Sim, muito interesse!

Resposta73	Estrangeira	Feminino	21-40	1-2 dias	Monumentos Restaurantes	Sim, algum interesse!
Resposta74	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Paisagem Restaurantes	Sim, algum interesse!
Resposta75	Estrangeira	Feminino	21-40	3-4 dias	Natureza Monumentos Paisagem Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta76	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos	Sim, muito interesse!
Resposta77	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Outros	Não.
Resposta78	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Outros	Não.
Resposta79	Estrangeira	Masculino	»65	1-2 dias	Monumentos Restaurantes Eventos Culturais	Sim, algum interesse!
Resposta80	Estrangeira	Feminino	21-40	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta81	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Restaurantes	Sim, muito interesse!
Resposta82	Estrangeira	Masculino	»65	»6 dias	Monumentos Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta83	Portuguesa	Masculino	»65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta84	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem	Sim, muito interesse!
Resposta85	Portuguesa	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos	Não.
Resposta86	Portuguesa	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Eventos Culturais	Sim, algum interesse!
Resposta87	Estrangeira	Feminino	21-40	1-2 dias	Monumentos Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta88	Portuguesa	Masculino	»65	1-2 dias	Monumentos Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta89	Portuguesa	Masculino	21-40	3-4 dias	Monumentos Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta90	Portuguesa	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta91	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Sim, algum interesse!
Resposta92	Estrangeira	Feminino	21-40	3-4 dias	Monumentos Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta93	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos	Sim, muito interesse!
Resposta94	Portuguesa	Masculino	»65	1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta95	Portuguesa	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta96	Portuguesa	Masculino	»65	3-4 dias	Monumentos Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta97	Estrangeira	Masculino	41-65	3-4 dias	Monumentos Restaurantes Eventos Culturais	Sim, algum interesse!
Resposta98	Estrangeira	Masculino	41-65	1-2 dias	Monumentos Restaurantes	Sim, algum interesse!

Resposta99	Estrangeira	Masculino	»65	1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta100	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos	Não.
Resposta101	Estrangeira		41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Natureza	Não.
Resposta102	Portuguesa			3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza Eventos Culturais	Sim, algum interesse!
Resposta103		Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos	Sim, muito interesse!
Resposta104	Estrangeira	Feminino	41-65		Monumentos	Sim, muito interesse!
Resposta105	Portuguesa			1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta106		Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Restaurantes Eventos Culturais	Sim, algum interesse!
Resposta107	Portuguesa		21-40	5-6 dias	Monumentos Restaurantes Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta108	Estrangeira			1-2 dias	Monumentos Paisagem Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta109	Estrangeira		»65		Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta110	Estrangeira	Masculino		1-2 dias	Monumentos Paisagem	Não.
Resposta111	Estrangeira		41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta112	Portuguesa		21-40	1-2 dias	Monumentos Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta113	Estrangeira	Feminino	41-65		Monumentos Paisagem Restaurantes	Sim, muito interesse!
Resposta114	Estrangeira			3-4 dias	Monumentos Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta115	Estrangeira	Feminino	41-65		Monumentos Eventos Culturais	Sim, algum interesse!
Resposta116	Portuguesa		41-65	1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta117	Estrangeira	Feminino	21-40		Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta118	Estrangeira		41-65	3-4 dias	Monumentos	Sim, algum interesse!
Resposta119	Portuguesa		41-65	1-2 dias	Monumentos	Sim, muito interesse!
Resposta120						
Resposta121						
Resposta122					Dados inconclusivos	
Resposta123						
Resposta124						
Resposta125	Portuguesa	Feminino	21-40	1-2 dias	Restaurantes Eventos Culturais	Sim, muito interesse!

Resposta125	Portuguesa	Feminino	21-40	1-2 dias	Restaurantes Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta126	Portuguesa	Feminino	21-40	1-2 dias	Restaurantes	Sim, algum interesse!
Resposta127	Portuguesa	Feminino	21-40	3-4 dias	Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta128	Portuguesa	Masculino	21-40	3-4 dias	Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta129	Portuguesa	Feminino	41-65	5-6 dias	Outros	Sim, muito interesse!
Resposta130	Portuguesa	Feminino	41-65	1-2 dias	Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta131	Portuguesa	Feminino	41-65	3-4 dias	Paisagem Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta132	Portuguesa	Masculino	»65	3-4 dias	Outros	Sim, muito interesse!
Resposta133	Portuguesa	Feminino	»65	1-2 dias	Monumentos Restaurantes	Sim, muito interesse!
Resposta134	Estrangeira	Masculino	41-65	1-2 dias	Monumentos Restaurantes	Sim, algum interesse!
Resposta135	Estrangeira	Feminino	41-65	»6 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta136	Estrangeira	Feminino	21-40	3-4 dias	Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta137	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta138	Estrangeira	Masculino	41-65	1-2 dias	Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta139	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta140	Estrangeira	Masculino	21-40	»6 dias	Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta141	Estrangeira	Masculino	41-65	1-2 dias	Monumentos Restaurantes Eventos Culturais	Sim, algum interesse!
Resposta142	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes	Sim, muito interesse!
Resposta143	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta144	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta145	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta146	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta147	Estrangeira	Feminino	21-40	1-2 dias	Monumentos Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta148	Estrangeira	Feminino	21-40	1-2 dias	Restaurantes Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta149	Estrangeira	Masculino	21-40	1-2 dias	Monumentos Restaurantes Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta150	Estrangeira	Masculino	21-40	3-4 dias	Paisagem Natureza Eventos Culturais	Sim, algum interesse!

Resposta151	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Monumentos Restaurantes Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta152	Dados inconclusivos					
Resposta153	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Paisagem Outros	Sim, muito interesse!
Resposta154	Estrangeira	Masculino	41-65	1-2 dias	Restaurantes	Sim, algum interesse!
Resposta155	Estrangeira	Masculino	21-40	3-4 dias	Outros	Sim, algum interesse!
Resposta156	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta157	Estrangeira	Feminino	41-65	1-2 dias	Paisagem	Sim, algum interesse!
Resposta158	Estrangeira	Feminino	41-65	3-4 dias	Paisagem	Sim, muito interesse!
Resposta159	Estrangeira	Masculino	»65	»6 dias	Monumentos	Sim, algum interesse!
Resposta160	Estrangeira	Feminino	»65	3-4 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta161	Estrangeira	Feminino		1-2 dias	Monumentos Paisagem Restaurantes Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta162	Estrangeira	Feminino		1-2 dias	Restaurantes Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta163	Estrangeira	Masculino		3-4 dias	Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta164	Estrangeira	Masculino	»65	»6 dias	Paisagem Restaurantes Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta165	Estrangeira	Feminino	»65	»6 dias	Monumentos Restaurantes Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta166	Portuguesa	Masculino	41-65	1-2 dias	Paisagem Restaurantes Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta167	Portuguesa	Feminino	21-40	»6 dias	Monumentos Natureza Eventos Culturais	Sim, muito interesse!
Resposta168	Portuguesa	Feminino	21-40	3-4 dias	Monumentos Paisagem Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta169	Portuguesa	Feminino	41-65	1-2 dias	Paisagem Natureza	Sim, muito interesse!
Resposta170	Portuguesa	Masculino	41-65	1-2 dias	Paisagem Natureza	Sim, algum interesse!
Resposta171	Portuguesa	Masculino	41-65		Monumentos Paisagem Restaurantes Eventos Culturais	Sim, muito interesse!